TRADIÇÕES POPULARES.

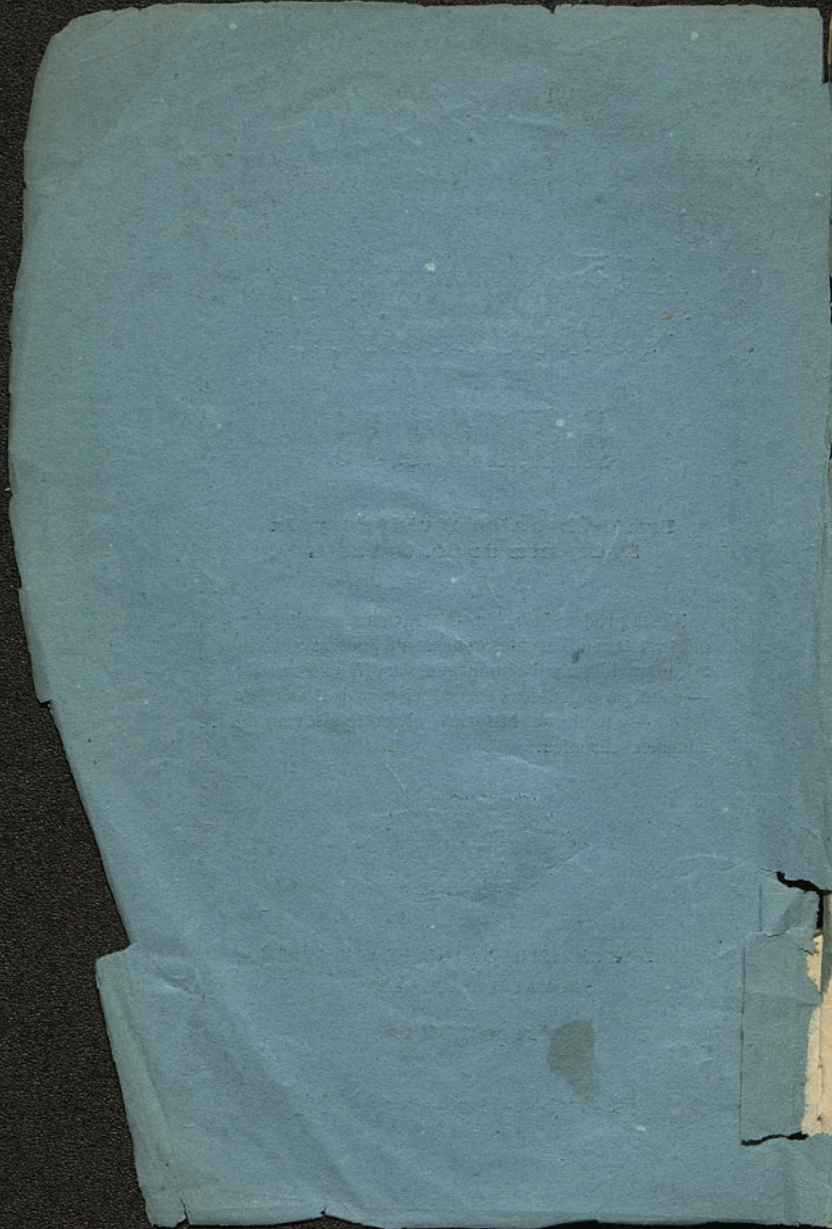
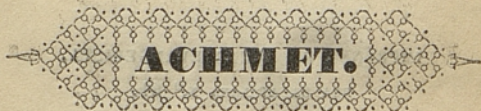
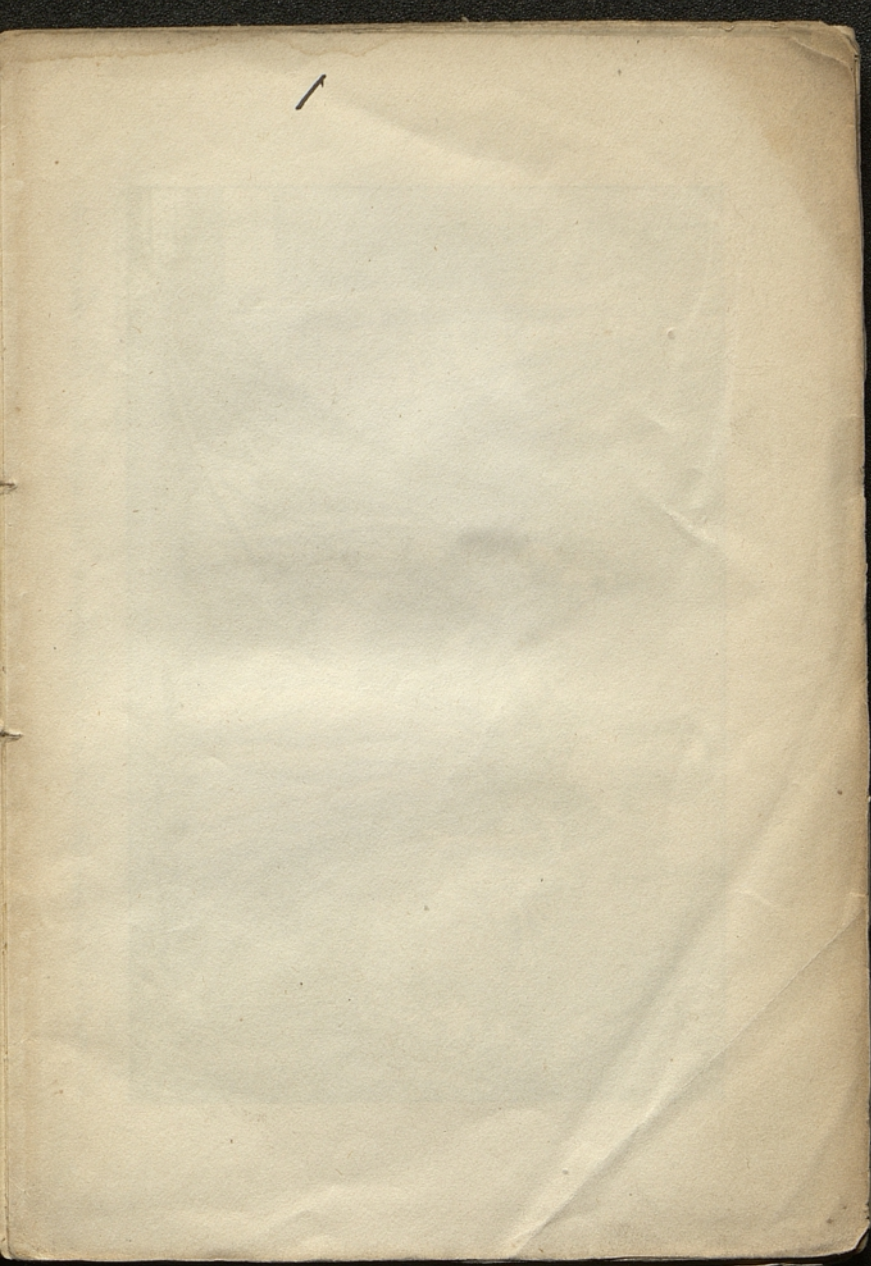
ACHMET.

Conto-Chronica moldado pela D. Branca do Sr. Garrett.

N'esta producção acham-se travados em singular mixtura tres differentes generos de poesia: a oriental, maravilhosa e deslumbrante das *Mil e uma noites* — a antiga, descuidosa e cavalheiresca do *Amadis de Gaula* — a moderna, historica, elegante e severa do romance-chronica.

VENDE-SE EM LISBOA NA LOJA DE A. M. PEREIRA, RUA AUGUSTA N.º 188.

—

Preço 400 rs.

ACHMET.

M. inv. Lith. de A. S. Castro, L. da Trind.e N.o 2 Lx.a

Encontro do Principe Achmet e D. Angela nos paços da Ilha-Encuberta.

ACHMET

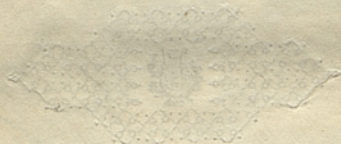
CONTO DE FADAS

Fundado em lendas patrias.

LISBOA:
VENDE-SE NA LOJA DE A. M. PEREIRA.
RUA AUGUSTA N.º 188.

1852.

Je n'ai point d'autre qualité
Que celle du siecle où nous sommes.

MALHERBE.

OFFERECIDO

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

FRANCISCO D'ASSIS SALLES CALDEIRA,

BACHAREL EM MEDICINA,

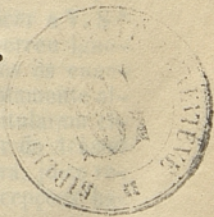
COMO

Tributo de consideração,

E

RESPEITO

PELAS

SUAS VIRTUDES.

ILLUSTRISSIMO AMIGO.

Recordo-me de ter lido em alguma parte — que muitos individuos morrem, sem haverem tido tempo de mostrar o que valiam. É verdade. Assim como a fortuna e o acaso dam relevo ás vezes a homens vulgares, que d'outro modo jamais sairiam da obscuridade, assim tambem ha talentos tão desventurosos que vivem e perecem sem nunca depararem com a occasião em que podiam extremar-se do commum. *Riego* — o chefe prestigioso da revolução hespanhola — por ventura não era mais que um enthusiasta sem cabeça: *Merino* — o regicida louco e flegmatico — possuía talvez toda a estoica e fria intrepidez que tanto admiramos nos heróes.

O author do livro que ousei dedicar a V. S.ª já não existe: viveu obscuro e morreu ignorado — vida e fim communs a todos os engenhos desvalidos n'esta epoca corruptamente alchymica, que parvos e velhacos intitularam civilisada. Sem ser um genio, o author do *Achmet* era comtudo mancebo de rasão clara, juizo recto, e leal coração, que algumas decepções haviam quiçá lançado no scepticismo.

Ambicioso e altivo elle desejou mostrar-se em uma área maior: philosopho e indolente nunca o pretendeu.

A existencia obscura e fastidiosamente prosaica, que consumiu seus dias, não chegou todavia a asphyxiar-lhe as nobres aspirações.

Todas essas ideias generosas e fecundas, que tem commovido as sociedades presentes — algumas das quaes sam problemas, que a humanidade lega ao futuro — tinham culto em seu coração, e eram examinadas e discutidas na sua mente.

A sympathia e consideração que lhe mereciam as singulares virtudes que adornam V. S.ª, virtudes de que falava com intima convicção, levaram-me a dedicar-lhe este livrinho, que seu author tractava d'imprimir quando a morte o veiu surprehender.

O nome de V. S.ª será sua melhor recommendação.

O EDITOR.

A' frente de qualquer composição litteraria apparece quasi sempre um prologo: a moda, essa caprichosa soberana que dá leis ao mundo, assim o quer; não seremos nós tão ousados que desobedeçamos a seus decretos.

Escreveremos um prologo: mas como a vontade é, foi e será sempre livre, mau grado de todas as soberanias presentes, preteritas e futuras, afastar-nos-hemos das sendas mais trilhadas, e faremos caminho por onde nos aprouver.

Não se pense porem que imos tentar um desforço d'espirito com fumos d'originalidade para pôr em relevo nossos cabedaes d'erudição; os haveres que possuimos (ainda mal!) sam assás minguados; não podemos mal-gasta-los em brilhantes oiropeis. Já vimos algum prologo com mais merito litterario do que a obra em que elle ia encabeçado.

Tambem não imos rojar aos pés de nossos leitores, nem vituperar-nos calculadamente, af-

fectando uma modestia impossivel, no intuito de prevenir a censura, e surprehender o louvor. Detestamos esses falsos arrebiques, reveladores d'uma hypocrisia tão parva como pertenciosa. Seremos francos.

Não nos julgamos litteratos.

Quizeramos sê-lo.

Não podemos — nem devemos aspirar a isso.

Belchior Zapata, amollecendo codeas de pão para suster a vida, parece-nos o verdadeiro typo das mediocridades, destinadas a rolar eternamente na montanha o penedo de Sisypho. O pobre histrião de *Le Sage* é para nós a espada de *Damocles*, o *Cervantes* que desfaz sem piedade os nossos castellos encantados.

Há annos que está escripto o conto que agora publicamos: escrevemo-lo em edade juvenil e sem tenção, nem a mais remota, de o dar ao publico. A ociosidade forçada, a que posteriormente nos vimos condemnados, levou-nos a revê-lo na intenção de tirar d'elle algum proveito. A rasão é clara.

Poderamos alterar a forma primitiva do nosso escripto, cortar por todas as inverosimilhanças, e enfaixa-lo em galas historicas. Melhor nos fora: de sobejo o conhecemos; mas annulavamos quasi todo o trabalho antigo, e tomavamos um caminho, que na verdade não queremos seguir.

Logo no começo devem resaltar aos olhos do leitor entendido as notaveis imitações, que nos permittimos. Com intenção o fizemos: e, *si licet exemplis in parvo grandibus uti*, desculpados estamos. *Virgilio*, o grande poeta la-

tino, imitou a *Homero*, e nem por isso a sua famosa epopeia deixou de servir de modelo aos maiores poetas do mundo. O *arma virumque cano* acha-se reproduzido em todas as linguas cultas.

Imitámos na contextura — imitámos em algumas situações — imitámos até certos pensamentos, servindo-nos alguma vez das proprias frases.

Não ousamos dizer mais: temos receio de fornecer armas contra nós a faladores presumidos e ignorantes.

Aos leitores illustrados denunciaremos com franqueza as fontes onde bebemos as nossas inspirações: foi na *D. Branca* do Sr. *Garrett*, na *Dama do Lago* de *Walter Scott*, nos dois *Orlandos*, na *Jerusalem* de *Tasso*, no *Palmeirim* de *Moraes*, e até mesmo no velho *Carlos Magno*, que por mais que digam val mais que a sua fama.

Consequentemente aos que sabem mais que nós pedimos indulgencia: e ousamos esperar que no-la dispensem de boa mente, porque o sarcasmo punge e envenena, mas não corrige.

A nossos eguaes (os talentos vulgares) recordamos os motivos que nos levaram a fazer esta publicação: e alem d'isso que quando todo o privilegio se reputa odioso e absurdo, não deve tolerar-se que os talentos superiores — embora muito os respeitemos — monopolisem a imprensa em seu proveito.

Nós, posto que julguemos a aristocracia do talento a unica verdadeiramente respeitavel, não a queremos senhora de baraço e cutello.

A corrupção tem-se inoculado e difundido em todas as classes da sociedade; todas ellas estam hoje prodigiosamente egoistas e interesseiras: temos visto que já não há *Catões* que vam morrer em *Utica* quando os *Cesares* passam o *Rubicon*. E' que os *Grachos* d'agora despem as vestes tribunicias ao primeiro aceno de qualquer microscopico *Sylla*, e tornam-se sem custo aulicos e barões.

Por tanto — nada de monopolios.

Liberdade para todos.

O Author.

Surgi... ah surgi, magicos castellos,
Linda mansão de fadas venturosas,
Crus torneios surgi e os arrogantes
Passos-d'armas d'antigos cavalleiros.

ACHMET.

INVOCAÇÃO.

Harpa do menestrel que vibras teus sons á maga pressão de divinos bardos, e que em nossa terra esparges de novo os saudosos accordes n'ella nascidos e tão longo tempo olvidados.... harpa do meio dia que com mão tremente mal ousamos desferir, negarás tua voz para celebrar os verdes montes, os valles amenos, e as frescas ribeiras, que circumdam nosso berço?...

Tu, que pulsada por famosos vates diffundiste outr'ora guerreiros sons, que a alma e o coração enthusiasmando arrastavam aos combates tanto o fero cavalleiro, como o donzel inexperiente; ou por tuas encantadoras melodias fazias resaltar nas fervidas faces da donzella o rubro carmim da modestia, quando exaltavas em altisonos tangeres os pasmosos triumphos da

belleza, por ventura recusarias teu poderoso e magico auxilio para abrilhantar nossos humildes cantares? oh... não... não, harpa do meiodia, concedido nos seja discorrer um pouco.... pouco sim ah!... não receies que novel trovador mal ousaria prolongar seus canticos...

Oh epoca saudosa de fadas e encantamentos! lindas recordações da andante cavallaria! nacional rica poesia das antigas eras! fantasma maravilhoso de nossos tempos homericos, surge por um pouco do sepulchro que te encerra, e d'entre o pó em que te volveste ao lado da portugueza gloria defuncta, ergue-te aos echos da harpa do meiodia, e vem acalentar com tua presença nosso debil e desordenado estro...

Oh! já nossas mãos erram pelas doiradas cordas... sons extraem ellas de teu eburneo plectro, mas sons barbaros e dissonantes; que outros mais melodiosos não podem arrancar de teu seio dedos inhabeis... ah... uma vez só, harpa do meiodia, recorda as encantadas modulações de Lobeira e de Moraes, e ao menos torna supportaveis estes cantares.

I.

O LAGO DO MURO.

> Era pois o tal paço o mais famoso
> Que se viu nunca. . . . .
> E os corceis espantados, eriçando
> D'horror as crinas, voltam, e sem freio,
> Sem governo, com furia partem, vôam,
> E em pulverosa nuvem desparecem.
> *Visc. d'Almeida Garrett* — D. Branca.

O som da buzina venatoria fere as montanhas, e echôa nas profundezas do valle. O real veado, surprehendido em seu leito de verdura, ergue-se d'um pulo ao fatal clangor estirando os membros ageis; e depois d'haver interrogado a impregnada aragem, e escutado com ouvido attento, busca refugio nos matos onde alteia so-

brelevada a sua ramosa corôa; entretanto o bravo javali corre por entre as moitas intrincadas, e evita o perigo que se approxima, fugindo por instincto ao ruido da montaria.

Sôa ao longe o latido dos sabujos, que em matilha farejam os passos da rez fugitiva: conjuntamente rebôa o galope de guerreiros ginetes, e o clangor das buzinas de caça, tangidas com frequencia por fervidos caçadores.

Redobra mais e mais este ruido longinquo: os cães seguem açodados a pista da veação, e os briosos corceis, contidos por seus cavalleiros, brincam agora impacientes, porque os não deixam ultrapassar as recovas dos alões. (1)

Progride a montaria, e o arruido é cada vez maior. Olfacteando a caça, os sabujos embrenham-se nas selvas, e vam descobrir o real fugitivo, que colhido em asylo da charneca, de mau grado o deixa para correr diante dos mastins que inutilmente o perseguem.

(1) Alguns escrevem *alães*; mas no Alem-Tejo pronuncia-se geralmente *alões*.

O javali passa como uma setta, e raivoso de se ver perseguido despedaça em seu caminho com as terriveis prezas os arbustos, que lhe impedem o passo: mas depressa é acuado pelos sabujos mais corredores, os quaes cançando-o, latindo-lhe em redor, e fugindo ao alcance de seus cortantes golpes, o acoçam de perto até á chegada dos pezados alões, que por sua natural ferocidade filam promptamente; em seguida o robusto caçador, apertando os ilháes do ginete com os duros acicates, e gritando enthusiasmado, vai imbeber o seu venablo nas entranhas do javali sem defeza.

O agil cervo pula com incrivel ligeireza por cima de todos os objectos que poderiam impecer sua carreira; vadeia os riachos, entra nos valles, e corre por terrenos pedregosos e agrestes; porem o incançavel caçador lá mesmo o persegue: seu fiel ginete não duvida saltar apoz a caça precipicios de todo o genero, conduzindo o atrevido monteiro. Os mais forçosos sabujos fazem por acompanhar o generoso corcel em sua rapida carreira; de modo

que a perseguida rez, illaqueada pelo dobrado circulo de batedores e monteiros, prestes se vê sem asylo e sem escapula ; o cançaço tolhe a seus membros o vigor e a energia : ella estaca... com a altiva cabeça abatida e o corpo arquejante... O inexoravel monteiro arranca então o seu cutello de caça, e cresce feramente contra o nobre animal : brilha o ferro brandido por nervoso braço... o rei dos bosques estremece... e cai sem vida, tingindo as ervas com os borbotões fumegantes de seu sangue...

Ás vozes dos caçadores continuam a echoar em prasenteiros gritos, chamando e excitando os cançados sabujos ; os sonisonos tangeres das buzinas prolongam-se nos valles e oiteiros, porem os ardorosos corceis começam a resentir-se de tão trabalhosa montaria : mingua-lhes o folego, e seus corpos alvejam cobertos de branca espuma.

—Olá, Ibn-Kaleb, torcei as redeas ao vosso corcel, e fazei treguas á montaria... Por Allah, que ha-de ser no lindo valle, onde ora estamos, que hoje hei-de tomar

a refeição do meio dia — bradou em tom d'authoridade um formoso donzel, notavel por sua garbosa e corpulenta estatura, nobreza d'ademan, e ricos trages moiriscos que o cobrem; seus modos altivos, e as attenções que os outros monteiros tem por elle o fazem conhecer por seu superior. A pessoa a quem elle se dirigiu era um homem já de dias, em cujo magro semblante as rugas começavam a deslisar-se, tornando por isso mais salientes os espessos bigodes grisalhos que em parte lh'o assombreavam: vestia rico albornoz, e pendia-lhe ao lado um encurvado e largo alfange.

Sem se fazer repetir a ordem, Ibn-Kaleb tirou de seu cinto uma primorosa trompa de caça, e pondo-a á boca fez resoar nas colinas e valles circumvisinhos tres notas agudas, que eram sem duvida o signal convencionado entre os monteiros para se suspender a caçada. Depois elle se indereçou ao donzel com mostras de muito respeito:

— Com a devida permissão, senhor — disse elle — cumpre-me advertir-vos que

não estamos a tão grande distancia das frontarias christans, que seguro seja passarmos aqui as horas calmosas: mais quando os portuguezes sam taes monteiros que não deixam passar incolume caça de tanto preço.

— Allah vos castigue, Ibn-Kaleb, por esses vossos continuos temores — replicou o donzel franzindo o sobrolho d'enfado — em toda a parte vos parece ver nazarenos, desde que esses cães descrentes vos captivaram em uma das nossas atrevidas algaras... (1) ah descançai, que por mim certamente não hei medo d'esses perros. Fazei alçar junto áquelle verde alamo a minha tenda de campo, e ponde a bom recado o meu fiel Alboaden... olhai cá como a topeteira do bom ginete está humedecida pelo suor, e o lindo martinete amarrotado...

Isto dizendo o mancebo apeou-se afagando com a mão o submisso corcel. O velho sarraceno tomou-lhe as redeas, e tangeu segunda vez a trompa.

Entretanto o joven moiro estendera a

(1) Correrias de moiros em terras de christãos.

vista ao largo, descortinando o extenso horisonte em ademan meditativo; e alguns minutos depois sacudiu a cabeça com gesto compungido, e travou com o velho o seguinte dialogo.

— Lá estam as frontarias christans tão temidas pelos filhos d'Africa... eis em torno de nós esses campos que Suzanah, em seu leito de morte, me pediu que jamais pizasse!...

— E' verdade, senhor... e bem sabeis vós que não sou eu o que d'isso me olvido...

— Certo é: mas dizei cá, meu velho amigo, julgades vós que eu, o principe Achmet, sobrinho do muito alto e poderoso Abdallah, emir de Badajoz, e primo do de Sevilha, deva prestar valor aos loucos prognosticos d'uma feiticeira judia?

— Loucos prognosticos dizeis vós, senhor?... ah! de louca foi tambem tractada a prophecia da sabia Suzanah, quando Ismar... o mais habil guerreiro do *Al-Gharb*, (1) correu aforrado ao encontro dos segui-

(1) Assim chamavam os sarracenos ás provincias occidentaes da peninsula.

dores da cruz, commandados pelo tyrano *Ibn-Errik* (1); e entretanto a desastrosa jornada *d'Orik* (2) veiu provar que Suzanah havia infelizmente adivinhado.

— Força d'acaso, que não segredo de sciencia há sido esse, Ibn-Kaleb: *não há outro Deus senão Deus, e Mohammed é o seu propheta*, diz o Koran: — uma judia não póde ler os decretos d'Allah.

O ancião abaixou os olhos, e meneou a cabeça em silencio: o que acabava d'ouvir em nada alterava suas convicções, porque eram mui fortes, e quasi geraes n'essa epoca os preconceitos sobre as chamadas sciencias occultas e feitiços; mas o tom do donzel, o respeito que lhe tinha, e o apello para as doutrinas do Koran, que um musulmano jamais ousaria de interpretar em contradicção com o seu superior, eram razões assas poderosas para que o ancião não insistisse, posto que seu sentir continuasse sendo o mesmo.

O mancebo proseguiu depois de breve pausa:

(1) D. Affonso Henriques.
(2) Batalha d'Ourique.

— Quantas vezes dos eirados do regio alcaçar de Badajoz eu tenho considerado com saudade estas frontarias alem das quaes ainda há pouco se estendia o nosso poder!... Quantas vezes há meu coração pululado d'enthusiasmo, anhelando o dia, em que me fosse dado penetrar de lança enristada dentro das terras d'esses valentes lidadores, com quem ardo d'impaciencia por experimentar-me!... Quantas vezes, ao observar o vivo lume que nos aguçados minaretes das mesquitas brilha accesos ás horas das preces, eu dizia comigo — quando será que estas mesmas preces se ouçam de novo (1), e os mesmos lumes fulgurem nas altas torres dos templos christãos da soberba *Ielch* (2) accesos uns pelos verdadeiros crentes, e entoadas outras pelos seus imans?... Oh... quizera ver rotas já as infames tregoas com os

(1) Elvas caiu em poder de D. Affonso 1.º no anno de 1165; recuperada pelos moiros foi a final submetida por D. Sancho 1.º em 1200.

(2) Elvas. Talvez pela corropção do nome arabico os hespanhões dizem — *Ielbis*.

nazarenos, e de novo publicado *el-djihed*... (1)

— Principe, tambem em meu peito bate um coração mussulmano: tambem a sede da vingança, a par da ambição da gloria, escalda o meu sangue: eu tambem ardo em desejos d'entrar n'esses povoados christaõs, levando em uma mão o alfange, e na outra o facho inflammado para vingar, não tanto minhas afrontas pessoaes, como os desastres d'*Orik*: mas, principe, a caça não é a guerra, e a prophecia da sabia Suzanah reza que *vos perdereis em uma caça*.

— Importuno sois, Ibn-Kaleb, com esses vossos contos de prophecias, que cançado estou já d'ouvir: dir-vos-hei, porem, que não serão contos de judias, que me obriguem a deixar tão ameno valle durante horas calmosas... olhai como os nossos monteiros descem as colinas mais vagarosos do que hão subido...

Assim era. Os esparsos caçadores demandavam o valle por diversas veredas; e as recovas dos aloẽs, precedidas dos sa-

(1) *Guerra santa* contra christãos.

bujos, uns e outros exhaustos de forças e manquejando, seguem os alegres monteiros; os ginetes arquejam de cançaço, e caminham de ventas abertas, sacudindo as cabeças d'enfadados.

Quando, porem, menos se esperava, surge ligeiro gamo do meio d'uma tremente e verdejante mata, e a desalentada matilha sente-o, posto que o não veja, e recomeça seus latidos que retumbam nos valles e oiteiros. Os caçadores imbebem nos ilháes dos ginetes os acicates já sangrentos, elevam aos ares nova e ingente grita com mesculio de tangeres de trompas e buzinas, e por sua carreira guiam os cães na direcção que levou o gamo. O principe Achmet, açodado como os outros monteiros, cavalga d'um salto o seu valente corcel, e com o venablo na mão vôa ao encontro do fragueiro animal.

Como cega vem a indomita fera, que o acaso parece trazer ao encontro do gentil agareno: e o corcel do moiro, digno presente d'um rico walido *Maghreb* (1) vai

(1) Os mussulmanos davam o nome de *Maghreb* á Mauritania occidental.

como um raio em direitura a ella. Já o ardente principe, para dar aos nervos mais energia e elasticidade, agita na dextra o mortifero ferro, saboreando antecipadamente o prazer de ver a rez abatida a seus pés; já elle recuara o braço, e se firmara nos estribos para reforçar o arremesso, quando o ar se turva, rebôa horrisono trovão, e forte ventania desce pelo oiteiro visinho e brame no valle. Os corceis dos monteiros, tomados de subito espanto, correm desenfreados pela campina que em breve se cobre de densa nevoa; e os caçadores, impellidos por uma força sobrenatural que os não deixa reflectir nem obrar livremente, chegam em pouco tempo sem saber como ás portas de Badajoz, e arremetendo pela cidade dentro com espanto de toda a gente, só junto ao alcaçar do emir recobram a rasão: não sabem, porem, explicar o extraordinario evento que acaba de separa-los do principe.

Sigamos agora o donzel agareno.

No momento em que o principe enrestara o venablo para ferir o gamo, este lhe furtara o corpo, e dera nova direcção á

sua carreira para o lado do norte; e o sarraceno vira-se precisado a voltear o ginete com muita rapidez para poder segui-lo de perto. Fogem os valles, as colinas desapparecem, sam transpostos os montes com celeridade espantosa: é visivel que um poder mais que humano prolonga as forças do gamo e do corcel. Sóbem um oiteiro povoado irregularmente d'arvores silvestres, e em seu cume um objecto extraordinario e maravilhoso se offerece aos olhos do donzel: o declive do oiteiro vai parar em um pequeno lago, que da parte onde o terreno baixa tem as aguas reprezadas por enorme muro de grande espessura, o qual por sua muita solidez e força sustinha a massa d'aguas ali reunidas. No meio d'este lago que o principe, posto que pratico no paiz, nunca vira, nem d'elle ouvira falar, alevantava-se um soberbo alcaçar moirisco, coroado por tão altissimas ameias que pareciam roçar nas nuvens. Qual fosse a materia de que esta grande mole fôra construida ninguem saberia dize-lo: por seu brilho fascinador julgarieis ser cristal de roca; na consistencia, nem

o aço, nem o diamante poderiam egualala: eram d'oiro massiço as ameias do alcaçar, e a porta fôra aberta no meio de magnifica columnata d'ordem corinthia, disposta com arte infinita, e propria para deslumbrar por sua belleza artistica os olhos de quem a visse. Uma grade d'oiro, enriquecida com pedrarias d'admiravel brilho, fechava a entrada d'este estupendo edificio, onde o muito que se via no exterior era nada em comparação com o que o interior encerrava.

Assim que o principe viu o pasmoso alcaçar ficou tão enleiado e fóra de si que, esquecendo-se do motivo que ali o trouxera, pretendeu fazer estacar o seu ginete, que todavia sem imminente perigo mais não podia avançar. Mas um poder superior impelia o fogoso animal em seguimento do gamo, pois descendo este com a mesma celeridade que trazia pelo oiteiro abaixo, e mergulhando-se no lago, o corcel do moiro lá o seguiu tambem!... Mal tocou, porem, as aguas, ellas se firmaram em liza e dura superficie como se fossem uma grande massa de vidro, e instantaneamente ou-

viu-se dentro do alcaçar uma musica divina. A grade abriu-se de per si mesma, e no atrio formado pelas columnas appareceu um grupo de lindas fadas que ao som de doiradas harpas este hymno descantavam:

Coro.

Vinde, gentil cavalleiro,
Formoso filho d'Agar,
D'Ulina, rainha nossa,
Vinde aos paços repoisar.

Mais desgostos há no mundo
Que venturas e prazer:
No doce mesmo da vida
Fel amargo sóe haver.

E' por isso que o donzel
Seu tempo perder não póde,
A vida passa mui breve
P'ra sempre as azas sacode.

Coro.

Vinde, gentil cavalleiro,
Formoso filho d'Agar,
D'Ulina, rainha nossa,
Vinde aos paços repoisar.

Lindo botão desabrocha
Na roseira onde viceja,
Euro rude o arrebata
Sem que flor aberta seja.

Da mesm'arte a vida corre,
Se ao prazer não é votada,
Vem os gelos da velhice,
Pobresinha, eis-la finada.

Coro.

Vinde, gentil cavalleiro,
Formoso filho d'Agar,
D'Ulina, rainha nossa,
Vinde aos paços repoisar.

Co'os prazeres brinca amor
Em nossos paços queridos,
Tristuras fogem p'ra longe,
Cuidados sam esquecidos:

E em lugar da guerra atroz,
Que a juventude consume,
Passa aqui sem dor a vida,
Sopro mau lhe poupa o lume.

Uma voz.

Sede bem vindo,
Filho d'Agar,

Paços tão lindos
Vinde habitar;
Mas temei, joven,
Fulvo corcel,
Vivo falcão,
Verde xairel:
Olhos formosos,
Loiros cabellos,
Em niveo rosto
Fugi de vê-los.

Coro.

Mas temei, joven,
Fulvo corcel,
Vivo falcão,
Verde xairel:
Olhos formosos,
Loiros cabellos,
Em niveo rosto
Fugi de vê-los.

Quando as ultimas fatidicas notas do hymno das fadas se perdiam nos ares, uma nuvem descida das ameias do alcaçar encantado poisava no perystillo em meio das fadas. Pouco a pouco a nuvem se clarificou, diminuindo seu volume, até que ante o moço arabe se desenrolaram as divinaes formas d'uma angelica beldade, cujo retrato não cabe na penna d'um mortal.

Era Ulina, rainha das fadas.

O donzel agareno desmontara-se já de seu ginete, e fora recebido em meio do grupo encantador; e o ginete e o gamo haviam desapparecido sob as aguas do lago, tornadas logo á sua natural fluidez. A rainha das fadas assim falou ao moiro:

— Principe Achmet, desde hontem que n'estas paragens eu esperava a occasião de me serdes entregue: desde hontem que nada mais hei feito senão reunir dentro d'este alcaçar tudo quanto a natureza produz de bello, e a imaginação póde crear de maravilhoso para tornar agradavel uma vivenda. Entrai pois, filho d'Agar, e vinde visitar vossos dominios.

O donzel, espantado do que via, e não achando palavras com que expressar a sua admiração, seguiu maquinalmente os passos da fada.

O palacio onde Armida encerrou o valente e formoso Reinaldo; aquelle da ilha do Lago, no qual a magica Morgane guardava o seu querido Zeliante; o d'Alcina que serviu de theatro aos prazeres d'Astolfo e Rugeiro; os da sabia Urganda, Fa-

lerina, Fanimor, Dragontina e Atlante; e os de tantos sabios magicos e famosas magicas, cujos nomes escapados ao auto de fé de Cervantes correm por ahi nos livros de cavallarias, nada eram comparados com o castello do Lago-do-Muro, situado nos verdes campos que agora pertencem a Campo-Maior, e que de moiros então eram (1).

Visto de fóra o alcaçar d'Ulina tinha pequenissima extensão; mas com tão portentosa arte fora obrado que por dentro abrangia o espaço de muitas leguas. Diversos palacios, colocados em bellissimas situações, e ornados com os mais ricos objectos de luxo oriental, avultavam como outros tantos prodigios n'esta immensa construcção. No centro de relvosos prados, vergeis e aprimorados jardins, onde uma primavera permanente embalsamava os ares d'exquisitos perfumes emanados de flores sempre vicejantes, brilhava a espelhada superficie d'um lago artificial: sob suas

(1) Estes campos, pela maior parte povoados hoje de vinhas e oliveiras, receberam o nome de — terras do *Muro*.

aguas um mysterioso palacio fora escondido....

Que ricas e voluptuosas deviam ser as quadras d'estes paços, destinados a testemunhar mysterios sem conto, e que só pés d'amantes pizar podiam!...

Dentro do alcaçar havia tambem campinas razas, charnecas intrincadas, serras ingremes, rios caudalosos e lindos canaes para facilitarem os prazeres da caça, e da pesca a seus habitadores, e prestarem variedade a seus poeticos passeios.

Conduzido pela mão d'Ulina o principe subiu magnifica escadaria em que pizava confundidos o diamante, a esmeralda e a amethista; e seguindo por longa galeria de columnas d'alabastro e oiro, penetrou no primeiro palacio do alcaçar, decorado com o nome de —*paços da hospedagem*. Era n'estes paços que a fada fizera preparar esplendido festim ao principe agareno.

Em um salão concertado ao gosto arabico, e recendente d'aromas que exhalam lustrosas cassoulas de prata lavradas de bastiães, nas quaes fumegam queimados profusamente o ambar, o alóes e o sanda-

lo, vêem-se bellas estatuas, segurando em suas mãos riquissimos vasos d'odoriferas flores. Ahi pois é que a fada fizera armar doiradas mezas com grande abastança d'appetitosas iguarias, e egualmente dos vinhos de mais fama.

O joven moiro, tendo tomado lugar á direita da fada, tractou logo de satisfazer o appetite que a vista das iguarias e a fadiga da caça lhe haviam feito crear. Espumam generosos vinhos dentro de vasos de cristal cravados de diamantes, e ao correrem-lhe pela gorja o arabe sente em si uma alteração que o admira.... requenta-se-lhe o sangue nas veias, e o cerebro se lhe escandece: alguma coisa d'extraordinario acabava de revelar-se na sua natureza, pois sente que as ideias se lhe transtornam, a imaginação segue rumo estranho, e seu ser se torna outro! E' que no coração presentira de repente um vacuo que não alcança definir: é que uma luz lhe illuminara o espirito, mas essa luz ainda é incerta.... Tal foi o effeito do licor encantado!

A fada que lia em seu interior surria-se maliciosa, encarando o confuso agare-

no com uma complacencia puramente materna l.

Terminado o lauto banquete ella se alevantou, e travando-lhe o braço disse:

— Filho d'Agar, eu vos roubei ao mundo real para entregar-vos ás doçuras da idealidade: mas, descortinando ante vós os mysterios das eras futuras, vereis quantos pezares vos hei poupado. Vinde commigo á torre do porvir: de lá descobrireis o futuro que espera a vossa raça.

E como um relampago o principe se sentiu arrebatado a grande altura. Reposto do seu primeiro espanto, e logo que elle poude habituar os olhos á immensa inundação de luz que veiu cega-los, um espectaculo grandioso atrahiu toda a sua attenção. Achava-se sobre os eirados d'uma torre d'immensa altura, e a luz que o deslumbrara era projectada pelas estrellas, que como outros tantos sóes espargiam tão vivo clarão que nenhum mortal poderia supporta-lo.

O seguinte dialogo se passou então entre o admirado donzel e a rainha das fadas.

— Filho d'Osman, que vedes ante vós?

O mancebo uniu as duas palmas das mãos por diante dos olhos em forma d'ogiva, como costuma fazer quem supporta mal os raios d'uma luz muito brilhante; olhou algum tempo para todos os lados, e disse a final:

— Vejo, poderosa fada, uma immensa planicie alvacenta e espelhada.

— E' o mar. Os homens lhe hão dado differentes nomes: essa parte distante que fixais, é o Atlantico. Mergulhai um pouco a vista.

— Diviso.... ainda mar.

— Sim: o Oceano. Continuai.

— Entalada entre dois mares lá lobrigo uma garganta d'altissimas montanhas.

— Sam os Pyrineus que estam comprimidos entre o Oceano e o Mediterraneo. E que vedes em meio d'essas barreiras naturaes?

— No centro.... vejo grande extensão de terras cortadas por montes e rios.

— Sam as Hespanhas. Olhai do lado do occidente para essa parte que vemos involvida em nevoa.

— Ah.... mal se percebe.... alcanço pouco: vejo objectos que devem ser differentes entre si, mas que se confundem em um só volume, parecendo uma massa homogenea... vejo sombras quasi imperceptiveis...

— Pois bem... essa massa que parece homogenea abrange o grande e o pequeno, confunde o poder e a miseria, e eguala as diversas posições dos seres creados... Essas sombras, como vedes quasi imperceptiveis, e na realidade menos volumosas que um atomo respectivamente ao globo, sam cidades florecentes que bordam um bello paiz, e talvez excitam a ambição de mais d'um poderoso potentado...

— E' verdade... é verdade... somos tão miseraveis os humanos, que a nossa ambição se reduz muitas vezes a desejar na terra o que respectivamente a ella é muito menos que um atomo para nós! — disse tristemente o principe.

— Descendente do propheta — continuou a fada depois d'alguns instantes de silencio — a gratidão que devo á vossa familia me levou a roubar-vos aos destinos

que os fados vos promettem: muito hei devido ao generoso Osman, vosso pae; salvando-vos apenas pagarei uma pequena parte dos serviços que elle me ha prestado em dias desafortunados. Vou rasgar ante vós o veu do futuro, e vereis, principe, o que nenhum outro mortal póde ver.

Dito isto, tocou a frente do moço arabe com uma pequena vara negra e dobradiça, e ajuntou alto em tom solemne e imperioso:

— Tendes olhos — vede: tendes ouvidos — ouvi.

O principe olhou com effeito na direcção que a fada lhe indicara, e viu com grande admiração sua um immenso horisonte desdobrar-se-lhe ante os olhos, e, ao parecer, aproximar rapidamente pelo poder de seus raios visuaes, como se observa quando olhamos por uma lente: vozes humanas chegaram tambem a seus ouvidos, porem confusas e quasi indefinidas da mesm'arte que sôa ao longe o borborinho das grandes cidades. O prodigio era tão surprehendente, e a maneira porque elle se operava de tal modo solemne, que o

donzel, absorto na contemplação do que via e ouvia, nem sequer pestanejava: toda a sua alma estava concentrada n'estes dois sentidos. Depois de bastante tempo, passado na mais attenta observação, o principe exclamou com grande arrebatamento:

—Que cidades tão magnificas! Que alegre vozeria anima suas praças! Que marcial ardor se propaga por todo o *Andaluz*!... (1) Oh... lá se movem aos gritos d'Allah innumeros guerreiros mussulmanos de Sevilha, Jaen, Cordova, e Badajoz: eilos como marcham apressurados e com galhardia, em soccorro de seus irmãos cercados em *Al-Kassr* (2), e que ardidos se têem com os portuguezes enviados a esta conquista por seu rei Affonso 2.º, a quem ajudam os cruzados hollandezes. Lá vejo os cercadores alevantarem seus arraiaes, e com denodo e ardimento apresentarem batalha aos cabos do *Emir-el-muminin*... (3) E' duro seu arremesso, mas mais dura

(1) Por este nome designavam os arabes a peninsula.
(2) Alcacer-do-sal.
(3) O principe dos crentes, ou kalifa.

é ainda a resistencia que encontram... victoria... victoria... elles recuam cheios de torvação ante os alfanges mauritanos, e recolhem a seu campo fortificado... desesperam da empreza, e estam prestes a abandona-la! Passa um dia. Eis os descrentes, de novo reanimados, que ordenam suas batalhas, e atacam com furia os arraiaes dos mussulmanos... Como a batalha é brava! e os feros portuguezes como brandem as agudas lanças e os açacalados montantes! Oh que terrivel matança! Deus de Mohammed, protegei os verdadeiros crentes!.. Ah... tudo é inutil... o estandarte do propheta cai por terra... as quinas portuguezas ondeam nos campos há pouco occupados pelos descendentes de Musa e Tarik... oh vergonha! até fogem... fogem! antes todos morressem!... O nosso poder vai acabar nas Hespanhas...

—Olhai de novo, principe Achmet—proseguiu a fada.

—Ah... bem vejo: agora sim, que diviso um vingador. Bravo Mohamed Ibn-Mahfot como teu ar é marcial! com que graça governas o teu valente cavallo de batalha! co-

mo olhas de revez para o teu polido e curvo alfange, por cujos gumes tantas vidas hão escorregado!... Vai, guerreiro esperançoso, que sacudiste o pezado jugo do kalifa para te fazeres emir do *Al-Faghar* (1), vai que lá alteia junto a Paderne a famosa cimeira d'esse mestre de San'Thiago, que conto ver em breve a teus pés... Avante, Ibn-Mahfot, que D. Paio te foge... eia... sus... alcança-o... Porem que vejo! enganado foste, emir do *Al-Faghar*... o terrivel mestre corre a atacar *Chelb* (2)... Apressate, Mohamed, soccorre os teus com tua voz de magica influencia e com teu alfange temivel... Baldado esforço! nas torres de *Chelb* é hasteado o pendão de Portugal... Morre Ibn-Mahfot... triumpha o 3.º Affonso!... Basta, rainha das fadas, não quero ver mais: a minha religião morrerá n'esta bella terra de Portugal, e...

— Os ultimos arabes já sem poder, e reduzidos á mais infima condição — ajuntou solemnemente a fada — serão mais

(1) O moderno Algarve.
(2) Silves.

tarde expulsos de Portugal pelo mais venturoso dos seus monarchas (1).

— Oh degradação!

— Sim: o vosso poder acabará nas Hespanhas como acabou o dos godos: isto é, por loucas ambições, luctas deploraveis, erros, crimes e fatalidades... Ha cinco seculos, que no monte Calderino o conde Juliano e alguns traidores combinavam os meios de trazer ás Hespanhas a vossa raça para dar leis: há cinco seculos que Cava, dama hespanhola, filha de Juliano e deshonrada pelo rei Ruderico, embarcava em Malaga para ir buscar á Africa vingança da affronta recebida: há cinco seculos que uma só batalha, dada sobre as margens do *Chrissus* (2), destruiu para sempre o imperio wisigothico das Hespanhas, e fez que o ultimo de seus reis fosse encontrar a ultima pedra para o cobrir em um obscuro canto de Portugal (3). Pois

(1) El-rei D. Manuel.

(2) *Chrissus* é o Guadalete que passa junto a *Xerez de la Frontera* na Andaluzia.

(3) Alguns historiadores fazem menção de certa loisa, que se acha em uma igreja dos ar-

bem... antes que tres seculos hajam decorrido, todos esses emirados mussulmanos que hoje existem, terão sido destruidos um a um: e Boabdil, o ultimo soberano de raça berebére que terá dominios nas Hespanhas, será compelido a deixar a sua Alhambra e o bello ceu de Granada, para ir occultar nos desertos areaes da Africa seus pezares e sua vergonha. Tal é o fado de todas as raças estrangeiras, que hão estacionado na peninsula hispana: ellas dividiram seus contrarios para vence-los, e acharam-se divididas na hora de combater para conservação da sua conquista. Por tanto... não sendo esperançosa a situação presente, nem brilhantes os destinos futuros, marcados por Deus á vossa raça, quero preservar-vos da sorte que vos espera, se ousardes combater os portuguezes. Este alcaçar existirá em quanto vós o habitardes: e aqui ficareis largos annos, se o vosso mau fado não fizer quebrar o encantamento que hei formado.

A fada desappareceu ditas estas pala-

rabaldes de Vizeu, na qual se lê — Aqui jaz Rodrigo ultimo rei dos Godos.

vras; e o mancebo achou-se de novo, sem saber como, nos paços da hospedagem.

Uma voz de mulher entoava este retornello:

Mas temei, joven,
Fulvo corcel,
Vivo falcão,
Verde xairel:
Olhos formosos,
Loiros cabellos,
Em niveo rosto
Fugi de vê-los.

II.

A DAMA DO CORCEL FOUVEIRO.

. . . . Alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lh'os vôos,
E entreter-se em folguedos innocentes,
Disputas joviais, e outros singelos
Passa-tempos d'alegre confiança.
Visc. d'Almeida Garrett—D. Branca.

Corria o anno de 1201, era uma vistosa tarde de Novembro: Novembro mez de primavera em nossos climas meridionaes, mez aspero e invernoso n'essas terras do norte, onde com rasão é invejada a deliciosa temperatura que na nossa terra desfructamos.

Brilhante cavalgada assoma em uma

relvosa colina sobranceira aos verdes plainos da *Godinha* (1); nobres cavalleiros desenvoltos á gineta, formosas damas, garbosos donzeis, homens d'armas e monteiros se deslisam pela vistosa planicie, seguidos de grande copia de cães de caça de differentes raças.

Os cavalleiros trajam calças golpeadas, ricos gibões, gorras e pantufos de caça; as damas com sainhos de seda e chapeus de campo, em que fulgem louçãos garnimentos, cavalgam bem ajaezados e mansos corceis, levando em punho vivazes falcões: ellas e os donzeis retoiçam pela aplainada campina, fazendo caracolear seus adestrados ginetes, e recebendo cada qual os gabos que merecia por sua firmeza e airosidade.

Assim pois ledamente discorrendo a cavalgada avança para o nordeste, onde se vêem negrejar espessos valles e ramosos oiteiros repletos de moitas, que dam guarida á fugaz lebre, ao relampejante coelho e á volatil corredora perdiz.

(1) Planicie proxima ao Caya, a uma legoa de Campo-Maior do lado do sul.

Lá se adiantam quatro donosas damas em seus ligeiros ginetes; com louçania e garbo ellas se alinham da mesm'arte que nas sanguinosas refregas se cerram os cavalleiros; é uma aposta á carreira: os ardentes ginetes escarvam a planicie com impaciencia, e o aveludado d'ella convidando está as jovens lidadoras a provarem sua pericia nas regras d'equitação.

Um donzel de loiros e alindados cabellos preside á graciosa aposta: por isso elle se coloca em posição conveniente para dar o signal da partida, com a voz e com a vibração da pequena espada que aos donzeis era permittido usar como ornato.

As quatro damas estam pois alinhadas: concertam as redeas nos assetinados niveos dedos, fixam o loiro pagem com o surriso nos labios, e ao brandir da espada e grito d'— *avante* — ellas partem com a rapidez da flexa.

Os ginetes arrancaram ao mesmo tempo, e excitados pelos animados gritos da cavalgada calcam as verdes ervinhas com egual celeridade.

Mas antes que a vista podesse cançar-

se d'acompanhar as quatro gentis caçadoras, a que cavalgava um corcel fouveiro, acobertado de rico xairel de veludo verdegai com orlas de franja de prata, ganhou sobre suas companheiras consideravel distancia; quando o resultado da carreira era ja indisputavel, um dos monteiros tangeu a sua trompa de caça para que as damas dessem por terminada a sua lide.

E a cavalgada, galopando pela planicie, foi ajuntar-se ás jovens amasonas no intuito d'applaudir a destreza da vencedora, e consolar ao mesmo tempo as envergonhadas vencidas.

— Bello ginete para travar corridas nas festas de canas e momos... — disse um donzel, saltando de seu palafrem, e alevantando do chão uma pluma, que se desprendera do chapeu da vencedora, ja quando a cavalgada se confundia com o grupo das damas.

—Dizei melhor, Rodrigo d'Aguilar, que é um valente corcel para em terras de moiros perseguir uma lebre aforrada — atalhou o donzel, que dera o signal ás damas para a carreira.

— Mancebos, pensade menos em torneios e caçadas, e mais em vos adestrardes para a guerra... pois mais sedes creados para defender vossas terras do moiro que ousar invadi-las, do que para atrahir os applausos das damas nos jogos de praça, ou os louvores dos monteiros, por bem correrdes a caça... — accrescentou severamente contra os dois donzeis um velho cavalleiro, que pelo prateado de sua comprida barba demonstrava ter edade avançada ; assim como pela nobreza de seu porte, viveza e promptidão de movimentos se via ser um ancião d'elevada cathegoria que conservava ainda todo o vigor e fogo da mocidade. Olhando depois para a dama do corcel fouveiro continuou, surrindo com bondade :

— Angela, sedes corajosa á gineta como uma guerreira afeita aos combates... oh prazesse a Deus, que assim como eu agora vos vejo, vossa mãe podesse mirarse na copia de seu rosto... ah... — proseguiu o cavalleiro, olhando para o ceu com exaltação, e enxugando uma lagrima — Mencia... Mencia, metade de minha al-

ma que sem mim d'este mundo te partiste... ouvir-me hás tu lá na morada do justo?

O tom apaixonado com que foi feita esta apostrophe, e o respeito que impõe sempre a explosão d'um sentimento intimo e sincero foram causa de que ninguem ajuntasse uma palavra ao que dissera o velho guerreiro; entretanto que involuntariamente todos olharam para elle com interesse, durante os instantes em que pareceu meditar tristemente.

— Oh... — continuou elle — que saudosas recordações me despertastes, Angela, com o vosso brinco juvenil... Quantas vezes, passando nas frescas margens do Doiro, durante as treguas que mau grado a seu continuo batalhar fazia o pae do nosso valente soberano, o senhor rei D. Affonso, quantas vezes eu admirava Mencia, vossa mãe, bella como a frol das varzeas, correndo de mãos dadas commigo em seu fogoso corcel... ah...

— Dai de mão a memorias tristes, Fernão de Soisa, que não é em partidas de prazer que se devem mixturar melancolias

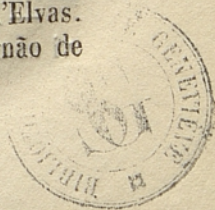
d'alma: divirtamos nossas dores e magoas, e por Deus não fraquejemos em sitios onde olhos de moiros talvez nos estejam mirando—acudiu outro edoso cavalleiro, travando o braço do primeiro e indicando-lhe com a mão os muros de Badajoz que se avistavam ao longe — Sus, alcaide-mór d'Elvas — proseguiu elle, distraindo-lhe de novo a attenção — a caça salteia na charneca, e os nossos donzeis estam impacientes por sugiga-la nos arções das sellas.

E a cavalgada exaltada de repente tomou pela planicie a direcção que a Lopo Vaz aprouve escolher.

Lopo Vaz era irmão-d'armas do velho alcaide-mór.

D. Angela, a linda dama do corcel fouveiro, ficara pensativa desde que a seu pae ouvira falar de D. Mencia com tanta paixão; não que ella se recordasse muito de sua mãe falecida muitos annos havia, mas porque era tão bom seu coração que qualquer coisa lhe excitava a sensibilidade; por isso d'ahi avante ella ia distrahida e melancolica, distracção e melancolia que mais realçava sua extremada bellêza. Tinha en-

tão D. Angela desesete annos: alta e esbelta, seu talhe e garbo admirariam quando o rosto não encantasse — seu rosto d'alabastro com essas feições regulares de interessante morbidez que admiramos nas *madonas* de Rafael, e que ninguem ousaria analysar, a não ser quando ella tivesse cerrados os olhos, pois é nos olhos d'encantadora côr negra que a alma fica enleiada, o pensamento suspenso e a liberdade perdida... Mas posto que tão lindos sejam, não julgueis que sam d'aquelles olhos expressivos e vivazes para quem no fundo do coração não ha segredo escondido que não surprehendam, pensamento reservado que não descortinem; nem dos que tudo sabem e tudo alcançam por nada poder ser negado a seu voluptuoso relancear: pelo contrario brilha n'elles um raio suave e encantador como o dos anjos, que se insinua nos corações sem o pretender, e n'elles tudo póde sem o saber: sua expressão mais que humana levaria por si só o atheu a acreditar na existencia de seres divinos. Taes sam pois os negros lindos olhos da filha do alcaide d'Elvas.

Caminhando pela planicie, Fernão de

Soisa rompeu o silencio em que todos iam, dirigindo-se ao seu velho amigo.

— Olhai como as mesquitas moiriscas de Badajoz se erguem altivas, e descançando sobre seu dorso parecem contemplar-nos... Lembrais-vos ainda, Lopo Vaz, do dia em que entramos as portas d'essa cidade orgulhosa de bandeiras tendidas, traquejando com as nossas lanças nos marmores de seus ricos alcaçares, ao mesmo tempo qué nas estreitas ruas se ouvia o continuo vozear dos nossos guerreiros, gritando — Real, Real por D. Affonso rei de Portugal?

— Oh se me lembra...—respondeu Lopo Vaz, estendendo o braço até tocar com a mão no hombro do alcaide — lembra-me tanto quanto a vós não esquecerá todas as vezes que, despido o arnez, estortegardes esse hombro: lá deveis ter uma profunda cicatriz, que vos deixou o golpe de cimitarra d'um leonez, na mal-aventurada pendencia com el-rei D. Fernando de Leão ás portas de Badajoz.

— Maldita jornada foi essa, em que eu vi as nossas batalhas rotas, e tão desorde-

nadas que ja não attendiam aos toques das trombetas e charamelas, nem ás vozes dos cavalleiros!... sempre me hei tido por feliz em ficar ferido gravemente no primeiro recontro; ao menos não passei pela mingua de ver o nosso valente rei prisioneiro d'esses malditos leonezes...

— Quizera poder dizer o mesmo, Fernão de Soisa, mas coube-me n'esse dia beber o calix até ás fezes. Badajoz fôra entrada, como sabeis, e só a alcaçova (1) resistia ainda: os moiros ali cercados, na desesperança d'um soccorro que lhes não chegava, tractavam ja de render-se a partido de vidas, quando inesperadamente appareceu el-rei de Leão. Os sarracenos, vendo no principe christão um alliado em vez d'um inimigo, deram entrada a um troço de leonezes, e de repente nos vimos accommettidos nas ruas por ambos os lados. A refrega foi dura e bem ferida, e na verdade não levavamos n'ella o melhor por causa da grande copia d'inimigos que dera sobre nós, quando el-rei ordenou a retirada com

(1) Castello ou cidadella.

o fim de recolher-se em Elvas. Foi então que correndo o senhor D. Affonso á redea solta para sair da cidade, quebrou a perna direita no ferrolho do portão, e caira logo em poder do inimigo, se um grupo de cavalleiros...

— Nada... sois modesto em demasia, meu velho camarada — gritou o alcaide, interrompendo o narrador — contai a verdade toda, e dizei que fostes vós quem ergueu do chão a el-rei e o salvou, levando-o em braços.

— Seja assim. As nossas hazes iam em completa dispersão, e a cavallaria inimiga seguia-nos pertinazmente. Junto ao Caya ella nos alcançou, e el-rei foi alfim aprisionado. A dor d'alma que eu então senti, foi a maior que em minha vida hei-tido. Via abatido pela desventura o fundador incançavel d'uma bella monarchia, o terrivel açoite dos infieis, o maior capitão das Hespanhas! O animo fero do grande Affonso, quebrantado pelo soffrimento, vergara aos golpes da sorte...

E devido ao fatal desastre de Badajoz é que os sarracenos ousaram emprehender dif-

ferentes fossados (1) em nossas terras, quando chegaram os reforços d'almuhades, que o emir do *Maghreb* enviou á peninsula capitaneados por seu irmão Abn-Hafss.

— Ah... ja lá vam para nós esses freneticos prazeres de gloria e combates, entre os quaes passámos a nossa mocidade: a espada do senhor D. Sancho, famosa e reluzente durante a vida de seu heroico pae, por ventura se terá enferrujado d'estar tantos annos ociosa na bainha... tudo me diz que o nosso bom tempo acabou.

— Quem sabe, Lopo Vaz... Elvas é de novo nossa, e, se o emir de Badajoz pretender reconquista-la, far-lhe-hemos uma visita, como ao de Sevilha a fez já o senhor rei D. Sancho.

— Oh... quem dera uma d'essas...

— Pois não é impossivel: quando me el-rei para cá mandou com tanta diligencia e recado, é que se recebera alguma nova de que os moiros tentavam recuperar Elvas, quebrando a tregua assignada em Merida. (2)

(1) Expedições militares.
(2) Cidade da Estremadura hespanhola, ri-

— Fernão de Soisa, não posso eu explicar como havendo sido tão ardente o senhor D. Sancho em quanto principe, se ha tornado tão pacifico depois de rei.

— Explica-se pelo seu bom juizo em obrar segundo as conveniencias do estado. A independencia de Portugal ainda é nova: precisa-se de tempo e prudencia para consolida-la. Demais, para felicidade dos povos conviria muito que a um soberano guerreiro e conquistador succedesse sempre um rei como o senhor D. Sancho: isto é, um monarcha pacifico sem covardia, edificador, povoador e economico. As conquistas do senhor D. Affonso dilataram muito as fronteiras do reino: mas tanto os povos conquistados, como seus vencedores careciam dos cuidados d'um bom rei que, mantendo o grande nome do fundador da monarchia, empregasse todavia mais cuidado em consolidar as conquistas por elle feitas, do que em emprehender novas. Tantas povoações ora ganhadas, ora perdidas, hoje em poder dos agarenos, amanhan occupadas

ca d'antiguidades e monumentos romanos, gothicos e moiriscos.

pelos de Christo, demandavam um reinado de paz para se reporem das antigas perdas. O senhor D. Sancho comprehendeu seus altos destinos, e a solicitude paternal, que emprega no regimento e governança do reino, lhe ha grangeado o honroso cognome de pae da patria.

— E' verdade: mas eu que sou um velho guerreiro mais experimentado em brandir a lança e a espada, do que em calcular isso a que vós chamais conveniencias d'estado, digo que me não comporta o coração ver os moiros pavonearem-se nas Hespanhas como em terra sua. Ainda que já quebrantado pelos annos e pelos achaques, fui dos primeiros a embraçar a adarga, e a desnudar o montante quando o *Emir-el-muminin* Ibn-Jussuf e seus capitães assolaram as tres provincias do sul; e não poisei eu a adarga, nem embainhei o montante senão depois que essa alcateia moirisca se recolheu de novo ás suas guaridas d'Andaluzia.

— Bem me lembra... sim: d'Evora me parti eu para Santarem em demanda d'elrei com a nova de se achar diante d'aquel-

la cidade o exercito conduzido pelo wali de Cordova; e estive a ponto de ser aprisionado junto ao Tejo por um troço d'almuhades.

— Pois, Fernão de Soisa, velho e enfermo como estou, e já, póde dizer-se, escorregando-me os pés para o sepulchro, eu sentiria renascer em mim o primeiro vigor da mocidade, se ainda podesse ver que nos adarves (1) dos velhos bastiões de Badajoz, onde agora estam as vélas (2) dos moiros descortinando as nossas fronteiras, o sol doirava os burnidos azevães de guerreiros christãos: porque então as nossas hazes se internariam por terras de moiros até ás portas de Sevilha; e eu morreria contente, tendo de novo levado o ferro e o fogo á melhor cidade d'esses perros infieis...

— Sois vingativo, Lopo Vaz — replicou rindo o alcaide d'Elvas — entendo que nunca perdoareis aos moiros o caso de Santarem, por occasião do cerco que lhe poz Jussuf-Abu-Jacub, emir de Marrocos... on-

(1) Espaço junto á setteira.
(2) Vigias ou sentinellas.

de vai já isso!... quem se recorda hoje de ter visto o estandarte de D. Affonso Henriques caido por terra, quando o valente braço que o hasteara era já sem força para batalhar?..

— Oh... foi essa uma affronta de que nunca me esquecerei, com quanta honra me haja cabido por ter por ella passado...

— Ora pois, Lopo Vaz, refreade esse ardor guerreiro, visto que agora occasião não é de tractarmos de conquistas. Vede antes se vos occorre a maneira de mais engrandecer a minha alcaidaria d'Elvas, e torna-la tão rica e poderosa como o fôra antes de cair em mãos de moiros. Noite e dia, como sabeis, hei trabalhado para que as fortificações fossem reparadas, os templos purificados, os edificios publicos postos no antigo pé; novos habitadores, para supprirem a falta d'aquelles que o alfange dos moiros não poupara, ou se viram na precisão de buscar refugio em outras terras, afluem de toda a parte, chamados pelas liberalidades e privilegios que lhes el-rei concede para povoarem a villa (1) abando-

(1) Elvas foi villa até ao reinado d'el-rei D. Manuel.

nada; e com ajuda de Deus, e auxiliado pelos vossos sabios conselhos, Lopo Vaz, espero desempenhar a alta missão de que, com a alcaidaria d'Elvas, el-rei me ha encarregado.

D'est'arte discorriam os dois velhos guerreiros: e seu ardimento e exaltação eram ás vezes taes que pareciam remontar-se aos tempos da sua juventude. As damas surriam-se a furto umas para as outras com ar zombeteiro, pois que mais prazer teriam d'ouvir falar em justas e torneios, saraus e atavios. Mas os donzeis e homens d'armas prestavam ouvidos attentos á pratica dos dois cavalleiros, como aquelles a quem ella devia interessar por serem uns mancebos esperançosos, outros guerreiros afeitos a olharem em face os sarracenos.

A conversação dos dois anciãos foi pouco a pouco tornando-se menos animada, até que a final elles ficaram em silencio, e por bastante tempo só se ouviu o passo rapido dos ginetes.

O alcaide d'Elvas, observando então que um dos donzeis (casualmente o mais falador) parecia ir muito distrahido, tocou-lhe le-

vemente com a mão no hombro, e disse-lhe:

— Rui de Castro, ides estatelado como um jogral vestido de cavalleiro... não vedes que pizamos já terra onde a caça abunda? Fazei largar ao pairo as vossas aves de que tanto nos haveis gabado a manha e arte: desejamos ver se lhe exagerais o prestimo.

O mancebo respondeu sorrindo-se:

— Repassando ia pela memoria, tio Fernão, um rimance, conto ou lenda com que Christovão Dias, meu aio, me fez passar, ha tres noites, um serão bem divertido...

— Conto dizeis vós, primo Rui — acudiu com interesse a linda D. Angela, torcendo as redeas ao seu ginete, e vindo colocar-se á direita do pagem — talvez um conto de fadas e genios, d'esses contos tão lindos que me fazem estar noites inteiras a ouvi-los sem pregar olho... Contai-no-lo, Rui de Castro, que de certo o ouvirei com muito gosto.

O donzel respondeu com visivel satisfação:

— Muito bem, minha graciosa prima, e com permissão vossa, nobre tio Fernão,

recitarei o meu conto digo, porque creio ser conto, que não assim lhe chama Christovão Dias, antes assevera que estas trovas relatam um facto verdadeiro e recente. Ei-las:

O CAÇADOR.

Pelo valle e pelo oiteiro
Já veiu a aurora subtil,
Rompendo as trevas primeiro;
E tambem Phebo gentil,
Verdes matas aclarando,
Pelo globo 'hi vem cursando;
E' manhan. Um caçador
Por esse plaino caminha
Que cobre lindo verdor,
E tem por nome Godinha;
Quem será?... seu bom ginete,
Rica sella e martinete
Signal dam que o caminhante
E' pod'roso na campina;
Bons sabujos traz diante
E lebreus de casta fina:
Quem é pois este monteiro
Que o mato busca fronteiro?
Parece ir mui apressado:
Por seu correr afanoso
Ver deseja atraz o prado,
E perto o bosque selvoso...

. . . .

Já nos matos faz caminho...
Lá sobe verde montinho...

Mas que estranha maravilha
O cavalleiro encarou?...
Poz a mão n'alva golilha,
E seu ginete estacou:
E' tão grande seu espanto
Que jamais sentira tanto,
Lobrigando em valle fundo
Formoso lago espalhado.
Nunca se vira no mundo
Alcaçar tão elevado
Como das aguas em meio
Elle um vê sem outro esteio.
Endoidece o caçador,
Não podendo descobrir
Como se obrara o primor
Que lá baixo vê fulgir
N'um valle há pouco deserto...
Ia vê-lo de mais perto,
Quando das aguas levantam
Columnas de fogo ardente
Que o bravo corcel espantam,
E cinta formam potente
Em torno dos portentosos
Lago e paços fulgurosos!

Boca e olhos o monteiro
Isto vendo escancarou.
» Será fogo verdadeiro
O fogo que vendo estou...
Ou ficção de fada indina
Que assim meus olhos fascina?... »
E depois de cogitar
Por um pouco duvidoso,
Querendo o p'rigo arrostar

Como joven valoroso,
O corcel rijo esporeia
No declive que medeia...
E egual coisa quem n'a viu?...
Mal o braço ousa estender
Logo o fogo se extinguiu
Sem as carnes lhe offender!
» O Mundo é dos atrevidos
Que da fortuna sam q'ridos. »
Rindo diz o caçador:
Estes paços cristalinos,
Talvez feitos p'ra o amor,
De formosos sam divinos:
Dentro d'elles hei-de entrar,
Quero a fada visitar. »

E co' as esporas opprime
Os ilháes de seu corcel;
Dobram-se ellas como vime
Encontrando rija a pel'...
Oh caso nunca contado!
Fôra em marmore tornado
O bom ginete fogoso!
E entretanto o caçador
Cada vez mais porfioso
Inda assim não tem pavor...
» Não me agrada já o brinco...
Tal corcel... valia cinco...
Mas que penso?... recuar?...
Não: os paços quero ver,
E por Deus... que hei-de acabar
Esta aventura ou morrer... »
Dizendo isto o cavalleiro
Salta em terra e mui ligeiro

A gorra deita no chão
Co' o venablo açacalado;
No capeirete em montão
Põe seu guante leonado,
Borzeguins, gibão tambem
E o cinto que em cima tem.

Já bem prestes élle estava
De no lago arremeçar-se,
Quando com força mui brava
D'entre as aguas vê alçar-se
Bella nimpha d'alva tez.
Coberta d'elmo e d'arnez
Que entre as mãos de neve pura
Segurava lyra d'oiro
Qual gentilica figura
Do formoso nume loiro,
Ou Minerva que guerreia,
Ou do mar branca sereia...
Por seus hombros bem fornidos
Com donaire traz divino
Fios d'oiro desparzidos,
Gotejando em cólo fino;
E o arnez arfar se via
Sobre um peito que par'cia
Virginal... e tentador...
A voz alça harmoniosa
Canta para o caçador
Que a beldade graciosa
D'est'arte vendo appar'cer
Sente o espanto recrescer:

SOLAU DA NIMPHA.

» Fugi presto, cavalleiro,
D'Ulina bella aos encantos,
Fugide ás prisões doiradas,
Que involvem guerreiros tantos.

» Mais avante não passeis,
Valente e nobre infanção,
N'esta morada encantada
Não tendes entrada não.

» Aos seguidores da cruz
Mal lhe cabe ocio d'amor,
Ide ás terras da fronteira
Exercer vosso valor:

» Lá campeia gentil moiro,
Lidador neto d'Agar,
Que pujança e galhardia
Ninguem lhe ousa disputar:

» Noite e dia só anhela
Um par de lanças correr
Com cavalleiro de Christo,
Bravo quanto possa ser.

» Dom cavalleiro brioso,
Gastai o tempo prestante,
Pulindo vossa armadura,
Açacalando o montante;

» Dos paços da sabia Ulina
Não quebrais vós o contão:
Só uns olhos de christan
Tal poder conseguirão.

E nas aguas mergulhou
A cabeça com presteza
Mal que as trovas terminou
A sympathica belleza.
Então do lago surgiu
Nevoa que densa subiu
Té ás nuvens vaporosas,
E o alcaçar involveu
Em sombras caliginosas
Entre as quaes despareceu...
. . . .

N'este lugar teve o donzel que interromper o seu rimance, porque alevantando-se duas abetardas (*) diante da cavalgada, os monteiros deram grandes gritos, tangeram trompas e ao mesmo tempo largaram os falcões atraz da preza. Toda a cavalgada se espalhou pela planicie, só o nosso donzel, colhido de subito na sua narração, ficou estatelado no meio do campo, e descontente sofreou o corcel.

(*) Aves grandes.

— Eis ahi as minhas lindas trovas sem aplausos!... maldita caça que não alevantou dez minutos depois! — resmoneou elle por entre os dentes, dando larga ao ginete, e indo ajuntar-se aos outros caçadores.

Forçoso é que deixemos por um pouco os nossos monteiros, seguindo o vôo das aves com o açodamento proprio de taes occasiões, para transportarmos o leitor a outras paragens.

Nas faldas d'uma aspera e subida montanha de Catalunha corre um valle sombrio, guarnecido d'arvores gigantes, e arbustos que cobrem todo o terreno. No dorso da serra ha uma caverna escura e profunda, cuja boca está quasi inteiramente cerrada pelas arvores e arbustos que a circumdam, e que por tal modo ali entrelaçam suas differentes jornadas que o ingresso é muito difficil e até perigoso. Perto d'esta caverna de lugubre perspectiva nunca o pegureiro deixara aproximar sua grey, por ser voz constante no paiz que ella era habitada por espiritos maleficos; e, se por ventura uma ovelha desgarrada penetrava até as proximidades do medonho antro,

os bons guardadores de gado, com quanto desinquietos percorressem todas as imminencias sobranceiras ao valle, jamais desceriam a elle apropinquando-se ao boqueirão terrivel. Differentes boatos, uns mais inverosimeis do que outros, corriam sobre a mysteriosa caverna; e nenhum camponez d'aquella comarca ousaria pôr duvidas sobre a veracidade d'elles por mais extraordinarios que parecessem. Um porcariço, por exemplo, pretendia que em certa manhan de neblina, havendo-se aproximado da cova involuntariamente, fôra de repente arrastado pelos cabelos sem ver por quem: e mostrava para provar a verdade da sua asserção muitas contusões e arranhaduras em differentes partes do corpo. Outro acreditava que em uma bella noite de luar lhe apparecera em sonhos um anão negro, que tendo-lhe feito signal para que o seguisse, o guiara a um sumptuoso palacio subterraneo, edificado nos seios da montanha e com entrada pela boca da cova. Havia até quem asseverasse ter visto tremer a montanha em meio de temerosos urros, ao mesmo tempo que

em seu pincaro esbranquiçado avultava a figura gigantesca d'um homem que parecia consultar os astros, ou evocar os espiritos do profundo.

O vulgo todavia pouco exagerava. Era no interior d'esta selvatica gruta que o magico Almonacil havia construido a sua habitação. Almonacil, moiro descendente do famoso Abdelazir filho de Musa, e terrivel inimigo d'Ulina, rainha das fadas.

Motivos estranhos aos acontecimentos que vam narrados haviam suscitado entre Almonacil e a fada Ulina um odio tão ardente como antigo, e irreconciliavel como era vehemente. O ciume que produzia no moiro a superioridade do saber da fada, não sendo rasão para seu odio minorar, fazia com que Almonacil trabalhasse sem descanço, posto que quasi sempre sem fructo, para contraria-la em tudo o que podia. Tal era, porem, o poder d'Ulina que o famoso magico, apezar de toda a sua sciencia, ás vezes nem sequer podia descobrir quaes eram os lugares da terra que ella habitava!

Então só um recurso tinha. Esperava

certo dia de cada mez, dia que os astros lhe designavam por meio de combinações trabalhosissimas: a hora fixa elevava-se ao pinaculo da montanha, e pelo poder de seus terriveis esconjuros fazia-a oscilar de maneira nunca vista até surgirem de seu seio os espiritos infernaes que elle evocava.

Longo tempo havia que Almonacil estava ausente da sua habitação: fôra para as bandas d'Africa, soprar nos corações dos infieis novo odio contra os christãos. Na volta elle desejou saber o que era feito da sua poderosa inimiga. Elevou-se como uma ave ao cume da serra, traçou ahi cuidadosamente um semi-circulo de caracteres egypcios, e delinıou no centro uma esphera, queimando sobre ella com mysteriosas ceremonias differentes plantas de virtudes cabalisticas. Depois acocorou-se em terra, pronunciou com pausas solemnes, fazendo visagens que pareceriam ridiculas a quem as visse, certas palavras guturaes de mui dificil pronunciação, parecendo escutar com attenta curiosidade. Assim agitou por tres vezes a vara do condão, e clamou em alta voz:

— Abre-te terra, e a meus encantos cede!

A esta evocação a montanha soffreu tão violento aballo que até se fez sentir nos valles que lhe servem d'alicerce: a cada vibração da varinha magica haviam resoado nos campos temerosos urros, que os echos do bosque repetiram ao longe mais medonhos ainda. Em seguida os flancos da serra rasgaram-se com ruido espantoso, e por uma boca de fogo como a cratera d'um vulcão surgiu um monstro de hedionda figura que veiu cair aos pés do magico. A parte inferior de seu corpo era egual a uma serpente d'enorme grossura; a superior assimilava-se á especie humana; tinha côr negra, e por cabellos pequenas serpentes d'olhos chamejantes que a cada momento se enroscavam e desenroscavam; as unhas de suas mãos aduncas e de tamanho desmesurado eram agudas como as garras d'um tigre.

O monstro gritou com voz pavorosa que fez estremecer a montanha:

— Que me queres?

Prepara-te a responder ás questões que

vou fazer-te — disse o magico com solemnidade, tocando-lhe a fronte com a vara.

O monstro rangeu os dentes enraivecido, e fez ruidosas estorções com a cauda.

— Fala, fala — esbravejou elle assimilando o rugir do furacão pela encosta.

— Espirito das trevas, que o ser dos seres apellidou o maldito na hora do castigo, alevanta-te e responde.

O monstro, dominado pelo magico, ergueu-se um pouco sobre a cauda estacando em terra seus enormes braços. Almonacil continuou:

— Aonde está Ulina?

— Nas Hespanhas.

— Em que paragens?

— Junto ás terras do sul que os portuguezes há pouco conquistaram.

— Que faz ella?

— Sai n'este instante do castello do Lago-do-Muro.

— Que castello é esse?

— Um maravilhoso alcaçar encantado que ella fez construir expressamente...

— Para esconder algum amante?..

— Não: para occultar o principe Achmet.

— Achmet..... quem é esse principe Achmet?

— E' um sobrinho do emir de Badajoz Abdallah-el-Mondhir.

— Quiçá o filho d'Osman-el-Mansur?

— Esse mesmo.

— Ah... comprehendo...

O magico ficou alguns instantes pensativo. Um raio de satanica alegria lhe animou o semblante quando proseguiu:

— Como se póde entrar no alcaçar?

— Não sei...

— Maldito! — gritou o magico com accento colerico; e ao mesmo tempo pronunciou palavras barbaras, que alevantaram nos ares medonho borborinho, e fizeram desapparecer, por momentos, quasi toda a luz do sol.

O monstro caiu aos pés d'Almonacil, convulso e amedrontado.

— Basta, basta — clamou elle.

— Responde — continuou o moiro.

— Sim. Ulina terá encantado o filho d'El-Mansur em seu alcaçar até que do principe se deixem ver os lindos olhos

d'uma christan que os fados lhe destinam.

— Como póde vê-la?

— D'onde-quer-que ella aviste o alcaçar ahi mesmo será vista do principe, e o encanto logo desfeito.

— Quem é a joven beldade?

— D. Angela de Soisa, filha do alcaide-mór d'Elvas.

— Aonde a encontrarei?

— Em uma partida de caça nos plainos da Godinha.

— Há algum perigo que deva evitar para o bom resultado do que pretendo?

— Um só: é preciso que Ulina não veja aproximar a dama.

— Muito bem... isso me apraz. Maldito; vai-te... desapparece.

E de feito assim que o sabio moiro disse estas palavras logo o monstro desappareceu, mergulhando-se na boca de fogo que se abrira na montanha

Seguidamente Almonacil fez novas esconjurações: leu em voz alta em um livro escripto em caracteres desconhecidos, e gritou tres vezes — *avante* — batendo no chão com o pé esquerdo.

A este brado saiu da terra um pequeno negro que disse para o magico:

— Que me mandais, senhor?

— Ismael — respondeu o sarraceno — faze-me conduzir a alimaria, que há quatro seculos foi entregue á tua guarda na montanha d'Horeb.

O negro bateu com o pé tres pancadas na terra, e no mesmo instante ella abriu uma larga fenda pela qual se esgueirou, batendo as azas, um estranho corcel: tinha cabeça d'aguia, unhas de gripho e grandes azas cobertas de pennas: no resto do corpo era egual a qualquer outro cavallo.

— Restituide-mo na montanha d'Horeb, quando d'elle não carecerdes, senhor.

Disse o negro, entregando as redeas ao magico, e submergindo-se na terra.

Almonacil cavalgou promptamente no alado corcel; venceu em poucas horas a distancia que separa a Catalunha do Alem-Tejo, e veiu apeiar-se perto d'onde os nossos jovens caçadores retoiçavam atraz da caça, rindo dos graciosos contos de Rui de Castro.

Como o magico levasse na boca o famoso annel, que, durante as guerras dos imperadores Carlos Magno e Agramante, pertencera a Angelica, princeza do Catay, annel que tinha a virtude de tornar invisivel a pessoa que o trazia, elle poude aproximar-se dos monteiros sem ser visto. Então elle brandiu por tres vezes a vara do condão, desenhou na terra a lua no crescente, e no ar uma cruz sobre a qual pronunciou algumas palavras ; e chegando-se ao corcel fouveiro, tocou-o com a magica varinha. No mesmo instante deu o nobre animal dois fortes sopros, como se vira coisa que o amedrontasse, e rompeu correndo pelo campo com rapidez tal que em breve desappareceu.

Plainos bosques, regatos e muros foram rapidamente vadeados pelo cego ginete, a quem não refream, nem os perigos da carreira, nem os esforços da dama. Os cavalleiros abandonam logo a montaria, e cuidosos pela linda caçadora tractam de seguir a pista do desenfreado corcel ; mas, posto que houvesse na cavalgada ginetes mui corredores, e os montei-

ros se espalhassem, por cautella, em todas as direcções logo que se perdeu o rasto, não mais conseguiram avistar a donosa virgem, que o veloz fouveiro conduz por terras de moiros, mais asinha do que ella quizera.

Todo o campo, na área de muitas leguas, n'aquelle e nos seguintes dias, foi corrido e percorrido inutilmente pelo alcaide d'Elvas e seus companheiros, demandando novas de D. Angela. Foram batidos os bosques, buscadas as serras, e até sondados os rios sem fructo algum. Ninguem sabia que era feito da dama, e parecia que a terra se abrira sob seus pés, pois nenhuns vestigios restavam de seu passo. Por cuja rasão o velho alcaide, triste e desconsolado pela cruel perda que experimentara, teve que recolher a Elvas onde fez à sua entrada mais triste do que fôra a sahida.

Saibamos nós porem o que é feito da dama.

O desbocado ginete correra para os bosques, e em pouco tempo o bello alcaçar d'Ulina desdobrou sua perspectiva mages-

tosa ante os olhos de D. Angela. Um pensamento, simultaneo com esta vista, produziu n'ella logo a intima convicção de que este alcaçar era o mesmo que se descrevia no romance de Ruy de Castro.

Mas vendo que o corcel corria na direcção do lago sem dar pela redea, fez de novo immensos e incessantes esforços para sofreá-lo, ou, quando menos, para conseguir que elle cortasse a linha recta que ia descrevendo. Sua diligencia foi ainda baldada.

O lago distava d'ella apenas alguns passos... um tremor nervoso percorre já todo o seu corpo... arrepiam-se-lhe as carnes, e os olhos se lhe desencaixam das orbitas fascinados pelo lugubre relampejar das aguas...

N'esta extremidade terrivel o instincto da conservação, esse sentimento mysterioso que nos domina mais do que a propria inteligencia, lhe suggere a ideia d'arremeçar-se ao chão antes que o cavallo se precipite... mas, quando ia fazer o preciso esforço para saltar da sella, ouve estas palavras perto dos ouvidos:

— Olhai... olhai...

E assim que volta a cabeça para ver quem lhe fala, o ginete vence d'um só pulo a distancia que lhe falta, e arremeça-se no lago, que immediatamente ambos enguliu.

Ao mesmo tempo rebentou das nuvens horrisono trovão, e dardejaram nos espaços medonhas fitas de fogo. O alcaçar encantado despedaçou-se com aguda estalada... a terra sorveu as aguas do lago, e os menores fragmentos do bello castello desappareceram para sempre!

Da pasmosa fabrica que há pouco fulgia tão magnifica, só ficou para cançar a imaginação dos archeologos, o espesso muro que reprezava as aguas; o qual ainda hoje, depois de tantos seculos decorridos, capta a admiração dos curiosos d'antiguidades por sua magestosa e monumental solidez (1).

Perto do muro um donzel sarraceno, vestido ricamente, olhava para o ar com uma

(1) Effectivamente não há em redor de Campo-Maior obra antiga mais admiravel que este muro: todavia não se póde bem determinar para que foi construido.

admiração quasi estupida: tinha a seus pés meio escondido pela erva um pulido venablo, e a curta distancia pascia um valente corcel, que sem duvida era o seu.

O leitor sabe bem quem era este donzel.

III.

A LUCTA DAS ALIMARIAS.

> . . . . Confiando
> A' minha estrella dirigir-me os passos,
> Redeas solto ao cavallo, e sigo a estrada
> Que elle de si tomou . . . .
> *Visc. d'Almeida Garrett* — D. Branca.

Doiram os raios do sol o cimo d'uma alta penedia sobranceira a ermo e escuro valle; frocos de neve caem destilados pelo cerrado dos penhascos, e em escorregadia fluidez vam humedecer a terra que serve d'encosto ás brenhas; entre as fisgas das pedras lá verdejam infezadas er-

vinhas, vegetando a custo em seu pobre nativo berço, e em cujo seio o sol bebe os effluvios da manhan; estreitas e malgradadas veredas, abertas pelo pizar d'animaes silvestres, cortam em diversos sentidos a monotona aspereza d'essa agglomeração informe de pedras e terra que se sobreleva dominando o valle; e a vista demora-se gostosa no serpeado d'ellas, que apresenta em partes um fundo escuro de sombra, formado pela contraposição do sol, o qual faz mais avultar o desegual trilho das sendas encurvadas. Era pinturesca esta vista para quem a considerasse da encosta, mas tanto como pinturesca era ella medonha, por parecer uma massa enorme prestes a cair, esmagando o atrevido que ousava encará-la.

No surdo valle corre ligeira viração, e ao passar da aragem as folhas das arvores se agitam, e parecem soltar brandos queixumes.

Um ruido mais pronunciado vem, porem, ajuntar-se aos gemidos do bosque: é o tropear d'um corcel que caminha conduzindo um airoso cavalleiro — cavalleiro

d'altas partes certamente pelos ricos garnimentos de suas armas, mas cavalleiro tão melancolico e preoccupado que não há novidade no valle, nem belleza na montanha capaz de roubar-lhe um olhar d'observação: cavalleiro, que caminha e não vê, ou vê sem comprehender, e cogita, ignorando que se occupa em cogitar.

E' vagaroso o andar do ginete: o nobre animal adivinha que seu dono vai entregue a seus pensamentos, quiçá pensamentos namorados que sam os que mais preoccupam; por isso respeita-lhe a abstracção, e guarda sua fogosa energia para quando sentir os acicates ferirem-lhe os ilhaes com o vigor de quem diz — avante!

Lá canta o cavalleiro uma lôa namorada... ouvide com que ternura echôam no valle os modulados accentos de sua voz suave e varonil... oh prestai-lhe attenção:

Saudoso Lago-do-Muro,
Morada que eu tanto amei,
Que paraiso na terra...
Que vida que eu lá passei!
Oh! ninguem... ninguem no mundo
Gozou inda o que eu gozei...

Foste o sonho que acordado
O poeta tem na ideia...
Foste o viver impossivel
Com que a mente se recreia,
Quando em devezas aereas
A nossa alma devaneia...

Mas ah... fatidico lago,
Que fatal tu foste ao moiro...
Tuas aguas .. ai de mim!
Esconderam meu thesoiro:
Angela, christan deidade,
De vistosas tranças d'oiro.

Verdes formosas campinas
Que seu pé pizou airoso...
Já não vos anima o brilho
De seu olhar poderoso,
E languidas vegetais
Como vive o desditoso.

Longes terras, torvos mares
Com afan hei percorrido,
Demandando os lindos olhos,
Olhos que me hão rendido,
E só por terras, por mares
Da saudade me hei nutrido...

Encuberto sob as armas
De cavalleiro christão
Ganhei preços em torneios
Co'a rija lança na mão;
Mas off'recer-tos não pude,
Anjo do meu coração...

E tu, oh cerrado bosque,
Que ouviste meu suspirar,
Cala os echos faladores
Não divulgues meu penar:
Temo que Allah me castigue
Por uma christan amar!

O principe Achmet, pois era elle o cavalleiro, cessou seu cantico, e em lugar de notas musicaes echoaram por algum tempo no valle sentidos suspiros; depois, pondo as pernas ao cavallo (1), trotou por uma senda mal-gradada, escolhida pelo proprio ginete, que ia desembocar em extensa e vistosa planicie.

Proseguindo por ella adiante, sem ponto fixo de direcção, chegaram a seus ouvidos os harmoniosos accordes d'uma musica longinqua. O agareno olha para todos os lados com curiosidade, desejoso de saber d'onde os sons partem, mas nada vê que possa satisfaze-lo, não obstante soar a musica cada vez mais proxima. Só deixou d'ouvir-se quando elle, mau grado

(1) Phrase muito usada por Francisco de Moraes e João de Barros.

de seu ginete, vadeou um pequeno arroio que cortava a planicie em duas.

Indo em seu caminho, o moiro descobriu á direita da planicie uma airosa colina, e no cume d'ella certo objecto reluzente reverberava os raios do sol com extremo brilho; o cavalleiro para lá se encaminhou levado quasi a seu pezar pelo inteligente corcel, que, tão vivo agora como há pouco ia pachorrento, corre de ventas abertas, orelhas infitadas, crina alçada e cauda embandeirada. O objecto resplendente, que de longe lhe attrahira a attenção, era um grande padrão de cristal onde em letras d'oiro se lia esta inscripção:

Segue sempre, ó cavalleiro,
Impulsos do coração...
Dos prodigios a rasão
Conhecer podes primeiro
Se leixares teu trotão
Senda escolher...
A bel-prazer.

— Será isto commigo?... Seja o que for, seguirei a indicação — pensou elle: e abandonou as redeas do ginete, deixando-o livremente tomar o caminho que lhe aprouve.

A musica, que por alguns minutos deixara d'ouvir-se, fez resoar de novo seus accordes na planicie: e um prodigio, nunca visto antes, se operou ante os olhos do cavalleiro. Os plainos lizos e calvos que o ginete pizava cobriram-se repentinamente de densa relva; arvores, arbustos, flores as mais bellas surgiram consecutivamente: em um relancear d'olhos todo o campo que se avistava fôra transformado em um aprazivel vergel cortado de riachos graciosos, onde bebiam lindos passarinhos, ou nas arvores gorgeavam alegremente.

E o bello moiro, maravilhado por tão estranha metamorphose, seguia com os olhos a immensa variedade d'objectos que lhe estavam patentes, entretanto que o activo corcel caminhava a todo o trote por uma larga estrada, aberta ante seus passos á maneira de formosa e alva cinta, que cortava ao comprimento aquella interminavel alfombra de florida verdura.

Pasmado ia o agareno, e entre si elle murmurava:

— Que maravilhas sam estas? Qual ge-

nio ou fada se encarrega de desenrolar ante mim este grandioso panorama de bellezas naturaes?...

Toca já o sol o seu zenith. O moiro começa a sentir-se fatigado da marcha; seu ginete o está tambem, pois espirra muitas vezes, estendendo a cabeça, e sacudindo-a com enfado...

— Oh... lá está um castello alvejando por entre arvoredo... diante d'elle corre manso rio que a pouca distancia se despenha em cascata... Sam alguns lindos paços torreados feitos para convidar ao descanço o viajeiro... Allah permitta que boa hospedagem me dê seu senhor...

Isto disse entre si o moiro, ao avistar os brancos torreões de marmore d'um castello gothico que unia com a estrada por meio d'uma ponte airosa e ricamente trabalhada.

Antes, porem, de lá chegar conheceu que havia quem lhe o passo pretendia impedir.

Por uma larga porta sombreada por dois altissimos freixos saiu um cavalleiro armado de todas as armas, de viseira calada

e bem posto em seu cavallo murzello ; tres escudeiros, montados em brancos palafrens, e vestidos ricamente traziam-lhe a lança, o escudo e a comprida cimitarra. Tendo avançado até ao meio da ponte o cavalleiro parou, pediu a lança, e firmando o conto no chão, ficou em attitude de quem esperava o que faria o escudeiro que a trouxera. Este picou seu rocim, e veiu encontrar o moço sarraceno a quem, depois de cortez saudação, taes palavras indereçou :

—Joven estrangeiro, sede bem vindo a estes lugares, e permitti que vos communique a mensagem de que venho encarregado.

—Fala... sim, bello pagem, eu te ouço—lhe respondeu o moiro, firmandose nos estribos, e inclinando o corpo para diante com ar de zombeteira curiosidade.

—Dom cavalleiro—continuou o pagem—dentro do castello que vedes, meu senhor concede aos cavalleiros, que aqui aportam, gazalhado e hospedagem. E' porem forçoso passar pelos usos estabelecidos : ou haveis de entregar a vossa espa-

da antes d'entrar, ou combatereis o guardador da ponte, e tomareis por força a licença que se vos não dá sem a condição prescripta.

— Gracioso pagem — replicou o principe — por certo que é bem extraordinario, e por ventura injusto, o costume n'este castello estabelecido: mas juro-te por Allah que a aventura me apraz, e teu senhor terá que dar-me a refeição do meio dia, sem por isso ficar eu privado da minha boa espada. Dize por tanto ao guardador da ponte que se apreste, e como não hei lança deve preparar a sua cimitarra; todavia, se d'outra maneira pensar, podes assegurar-lhe, bom pagem, que me não verá recuar, antes como brioso cavalleiro esperarei firme o seu encontro.

O pagem foi levar a resposta; e o joven sarraceno, baixando a viseira, desembainhou a espada, e galopou ao encontro do cavalleiro da ponte. Este pela sua parte, não se fazendo cargo do dito do pagem, embraçou promptamente o escudo, enristou a lança, e correu contra o seu adversario... Mas, quando o ferro da lança

devia tocar o escudo do agareno, cavalleiro, pagens e ginetes desappareceram ante seus olhos, volvendo ao nada de que formados eram.

— Eis aqui uma justa bem pouco renhida... — disse rindo o moço principe, e galopou pela ponte a tempo que já alguns pagens saiam do castello com o fim de segurarem as redeas do ginete, e conduzi-lo para as cavallariças, logo que o cavalleiro se desmontasse.

O principe não os fez esperar, e ao apear-se disse em tom de zombaria:

— Olá, meus pagens, se sois do mesmo estofo que vossos companheiros, lembrai-vos ao menos que o meu corcel não é o famoso Rabican (1), que, segundo rezam as velhas chronicas, era alimentado pelo ar... entendeis-me?

Os pagens inclinaram-se alegremente; e em seguida entrou o arabe em um grande pateo, e subiu por bella escadaria de marmore, no topo da qual viu a entrada

(1) No *Orlando Amoroso* se faz muita menção d'elle.

para uma primorosa sala de columnas com o pavimento de mosaico.

Era mais de meio dia quando elle chegou ao castello. Desde o encontro do padrão trouxera uma marcha tão rapida que andara muitas leguas em poucas horas: sentia por tanto a necessidade d'alimentar-se. Por isso mal entrou na sala attrahiu toda a sua attenção uma meza bem provida, da qual se evaporava um cheiro, que excitaria o appetite do mais difficil gastronomo.

O moiro olhou para todos os lados, e não vendo ninguem, ficou alguns instantes indeciso sobre o que faria, até que seus olhos foram parar em uns versos escriptos em arabigo, versos que uma mão invisivel traçara n'aquelle mesmo instante:

Quanto desejes
Aqui terás:
Se só vieste,
Só ficarás.

— Por vida minha! que o senhor do castello é bem descortez... á porta manda pedir aos hospedes as suas armas: dentro

nem companhia lhes faz no banquete! — murmurou o joven, assentando-se á meza, e dando larga ao appetite que sentia. Novo prodigio então se operou. Desejava um guizado qualquer... bastava deseja-lo para o ver apparecer: appetecia um vinho exquisito... dentro dos ricos copos o vinho presto corria...

Logo que se satisfez completamente, examinou com attenção a espaçosa quadra, e admirou as bellezas ali encerradas. Depois levantou-se, e foi visitar todo o palacio; mas só o ruido de seus passos lhe fez companhia. O castello não parecia habitado: e todavia transluzia n'elle todo o aceio e luxo d'uma bella vivenda. Tornado á sala das columnas, deu por umas letras que de principio não vira postas sobre a porta por onde entrara; traduzidas da lingua oriental assim diziam:

O que muito quizer ver
Diligente deve ser.

— Muito bem... comprehendo: é tempo de deixar estes bellos paços onde tão bem servem os passageiros sem lhes exi-

girem agradecimento — disse alto o principe, assomando-se a uma janella em fórma d'ogiva, cuja parte superior guarnecida de vidros pintados representava differentes passagens do *Assonah* (1) — oh... eis ali os solicitos pagens, que já têem pela redea o meu fiel Alboaden: como elle escarva a terra impaciente pela tardança de seu senhor!... eu vou... eu vou, meu nobre corcel.

E o principe saiu do castello, e cavalgou em Alboaden, falando ao mesmo tempo para os pagens que lhe asseguravam as redeas.

— Bellos pagens, sois os unicos entes humanos que n'este prodigioso alcaçar hei visto... mas... onde estam elles? — continuou, olhando em torno de si admirado de se achar só — a bom tempo... já desappareceram! Tão extraordinario é o senhor do castello, como seus servidores...

Dito isto, poz as pernas ao ginete e afroxou-lhe a redea. A musica, que cessara desde a sua chegada ao castello, fez-se de

(1) Livro de tradicções mussulmanas.

novo ouvir, executando guerreiras melodias.

Guiado por Alboaden caminhava pois o moço arabe através d'uma solitaria deveza pouco distante das pingues veigas do Guadiana. O sol começava a declinar, e a athmosphera, tinta d'um bello azul, estava em grande parte recamada de pequenas alvas nuvens com as extremidades doiradas.

O leitor terá já percebido que o nosso heróe, posto que repassado d'uma magoa intima, deixava-se invadir da alegria e bom humor, a ponto de quasi olvidar a sua ideia fixa, se por ventura sensações exteriores a isso o provocavam. Esta singularidade que não sendo commum é comtudo partilha d'algumas naturezas privilegiadas, fazia do principe a pessoa mais amavel do mundo: pois sendo elle tão fiel como Amadis, e apaixonado como Palmeirim, não cedia ao lindo Galaor na alegre vivacidade, nem ao gentil Floriano no humor descuidoso e livre.

Por via de regra não deve causar grande admiração vê-lo caminhar tão satisfeito e senhor de si através dos prodigios,

que desde pela manhã precediam seus passos; prodigios tanto mais surprehendentes quanto que não alcançava a rasão por que elles se operavam. Vira erguerem-se paços magnificos nas margens dos rios encantados, e desfazerem-se em ar diante da sua espada arrogantes cavalleiros e chistosos pagens, como outr'ora acontecera ao bom Palmeirim d'Inglaterra... Quem obrava tudo isto e com que fim?.. Taes eram as questões que o moiro se fazia a si proprio, sem obter mais resposta do que teria o leitor d'esta muito veridica historia, se recorresse ao mesmo expediente.

Desde que o nosso viajante saira do castello encantado as maravilhas pareciam ter acabado de todo: seu ginete caminhava vagarosamente por uma campina raza de pobrissima vegetação, e o cavalleiro começava a aborrecer-se, á força de pensar no que não podia comprehender, quando troou em seus ouvidos um toque de trombeta tão medonhamente estrondoso que as arvores vergaram, a terra tremeu, e o vivo Alboaden curvou as pernas, estremecendo da cabeça aos pés. No mesmo instante ale-

vantou-se no oriente um clarão avermelhado, á semelhança das auroras boreaes, clarão que percorreu rapidamente todo o horisonte, e tingiu a athmosphera de viva côr purpurina... depois os ventos se desencadearam pelos campos, e innumeros trovões soaram ao longe.

O sarraceno deteve seu corcel maquinalmente, e, como é natural, olhou para os lados com essa inexplicavel impaciencia que todos temos de ver os objectos que nos devem assustar.

Nenhuma novidade observou nos campos, e só fixando a atmosphera lhe pareceu entrever ahi alguma coisa d'extraordinario.

Assim era com effeito. D'entre os avermelhados vapores que tingiam os espaços começaram a destacar-se algumas sombras, as quaes engrossando no volume pouco a pouco, se foram tornando perceptiveis a ponto que o cavalleiro julgou destinguir fórmas humanas e o movimento regular de corpos que caminham.

O moiro esfregou os olhos e duvidoso olhou de novo.

Não se havia enganado. As maravilhosas sombras corriam do nascente ao poente com a rapidez das nuvens impellidas por vento forte; e como iam declinando para a terra, elle poude vê-las tão distintamente que alfim não ousou duvidar. Formavam dois bandos, ambos numerosos: um pelas alvas e vaporosas vestes parecia ser de fadas, e de genios o outro por suas roçagantes roupagens côr de violeta.

Admirado d'um espectaculo tão novo para elle o principe deu larga a seu impaciente corcel, desejando seguir até onde podesse a formosa visão em sua marcha athmospherica: e tão imbevecido ia que passou bastante tempo sem perceber que serras, oiteiros e colinas fugiam diante de Alboaden para irem todos juntos agglomerar-se ao longe, formando uma montanha por tal modo alta e alcantilada que a vista dos homens não podia lobrigar-lhe o cimo.

Quando o ginete chegou ás faldas da estupenda serra é que o sarraceno poude admirar a immensa mole que ante si tinha; e, como n'este dia tudo ultrapassava as

rasões naturaes, Alboaden não duvidou trepa-la por uma pequena vereda que, ao parecer, ia parar no mais alto d'ella.

Com velocidade extraordinaria, só possivel pela força do encantamento que obrava, o bom corcel subiu com energia e força até ao cume da serra; e lá o moiro viu na athmosphera os dois admiraveis grupos, cada um a sua parte, presenciando a lucta mais furiosa e pertinaz que póde imaginar-se. Uma aguia de desmedida corpulencia combatia furiosamente uma cobra de descommunal grossura. A aguia esvoaçando em redor do reptil dava-lhe *fïadas* (1) repentinas para o arrebatar: a cobra revolvia-se pela terra, silvava com chamejantes olhos, e enroscando e distendendo a cauda, com ella e com a boca se defendia.

Longo tempo se sustentou a lucta com egual pertinacia; mas a cobra cançada pelo continuo movimento que empregava para se defender, e tendo a desvantagem de

(1) Arremettimentos em linha recta. Phrase popular.

não poder atacar quando a aguia fraquejava, ia emfim ceder aos incessantes esforços da sua terrivel competidora. Já esta, por tres vezes, alçara do chão o cançado reptil entre as forçosas garras, e tres vezes a cobra podera ainda desembaraçar-se debatendo-se desesperadamente; todavia a resistencia era já tão debil que a cobra mal se movia, quando o principe, por um movimento d'instinctiva compaixão pela fraqueza opprimida, arremeçou contra a aguia a sua adaga: a aguia, ferida de morte, soltou um grito agudissimo, recolheu um pouco as azas, e pertendeu remontar seu vôo; faltaram-lhe entretanto as forças, e caiu em terra estrabuxando.

Logo que a aguia caiu, o dia escureceu quasi completamente, a montanha soffreu aballos violentissimos, e espessa neblina cobriu todos os objectos.... Passado um pequeno espaço de tempo, os raios do sol fulgiram de novo, a neblina tinha-se dissipado. Tudo havia desapparecido... os genios, as fadas, a montanha, a cobra e a aguia. O principe achou-se em uma planicie, na qual não havia outras bellezas

senão as proprias da estação; mas junto a si elle viu a rainha das fadas, que com lisongeiras caricias lhe agradecia um importante serviço que acabava de prestar-lhe.

Vendo, porém, Ulina que o moiro estava como estupefacto e nada comprehendia, nem do que ella dizia, nem mesmo do que acontecera, apressou-se a tudo explicar-lhe.

— Generoso Achmet — disse ella — pelo que ha acontecido no castello do Lago-do-Muro já sabeis que Almonacil é o mais poderoso e o mais implacavel de meus inimigos: e, com quanto minha sciencia seja superior á sua, possue elle um segredo — segredo que sei como lhe foi revellado — por meio do qual póde muitas vezes malograr meus projectos. Almonacil alcançou o importante poder de dominar a Maldito, espirito infernal, a quem nada é occulto do que no mundo acontece, e Maldito submettido á terrivel influencia do feroz feiticeiro a nenhuma das suas perguntas ousaria negar resposta. Nas montanhas da Catalunha elle o evocou hontem para

perguntar-lhe, se nenhum meio havia de destruir meu poder. Maldito lhe respondeu que um só: e era este. Cada cinco annos o poder superior me obriga a tomar por um dia a figura de cobra: qualquer animal póde então combater-me, por que minha força e poder não sam maiores do que naturalmente tem o reptil sob cuja fórma me apresento. Sou immortal: e todavia, se Almonacil transformado em aguia houvesse conseguido arrebatar-me, por muito tempo eu teria morrido para o mundo... encerrada no poço d'Omar talvez não tornasse a ver a luz do dia, senão depois de decorridos alguns seculos, pois ali é inutil todo o nosso saber. Nenhum genio ou fada podia acudir-nos durante a lucta: e entretanto um simples mortal... até qualquer animal irracional tinha liberdade de faze-lo. N'este terrivel trance eu devi á sabia Urganda (1) o cuidado de trazer-me tão a proposito um libertador: a ella pois e a vossos instinctos generosos devo eu...

(1) Celebre magica muito citada no Palmeirim de Francisco de Moraes.

— Mas qual foi a sorte d'Almonacil? — atalhou o agareno com fingida curiosidade para se subtrahir aos agradecimentos da fada.

— A mesma que elle me reservava — respondeu ella — no poço d'Omar, onde agora existe, elle se morderá d'impotente raiva até que ao mundo conhecido venha um filho do mundo-novo: e isto não acontecerá senão depois d'haverem transcorrido tres seculos.

— Mundo-novo haveis dito?.. que palavras sam essas de que não posso comprehender o sentido?

— Eu o creio. Mundo-novo é uma phrase enigmatica que as gerações futuras hão-de decifrar: é um problema difficilimo que só o talento e a audacia podem resolver... Agora, magnanimo principe, pedi o que mais desejardes... far-vos-hei tudo o que se não oppuzer aos destinos irrevogaveis.

— Oh... poderosa fada, tudo me fareis?

— Sim, principe, tudo... mas cuidado!

— Pois bem... uma só coisa pertendo: concedei-me a posse de D. Angela, e tudo

o que no mundo desejo me havereis feito — exclamou o principe com explosão.

— Ah... desgraçado de vós...

— Rainha das fadas.... por ventura...

— Suspendei, principe... minha promessa... cumpri-la-hei : porém melhor vos fora al não pedir — disse a fada com gesto pezaroso.

— Se sou imprudente em meus desejos... oh... perdoai, sabia Ulina, o amor... este amor, que um só instante ateou, escalda-me o peito... devora-me a existencia : sem ella... sim sem ella não ha para mim ventura no mundo... quero a morte, se devo viver na desesperança !

— Basta... a fatalidade o quer... cumpram-se os destinos — replicou a fada, batendo tres vezes com o pé no chão. A terceira pancada surgiu a terra o pequeno negro Ismael conduzindo pela redea o alado ginete.

— Que mais quereis, rainha das fadas ? — disse elle humildemente.

— Nada — respondeu Ulina ; e o negro desappareceu. Depois, pondo ella mesma

as redeas nas mãos do joven sarraceno, continuou:

— Principe, montai n'este ginete, e ufanai-vos pois ides fazer viajem no celebrado Hypogripho em que circulou a terra o illustre Rugeiro de Rize, e o bello Astolpho foi ao globo da lua buscar a preciosa redoma que encerrava o juizo do paladim Orlando. Ouvide bem minhas instrucções, attentai por vós. Logo que houverdes cavalgado, o córcel partirá com grande celeridade: deveis pois ter o maior cuidado em segurar-lhe a redea esquerda, deixando-lhe livre a direita, que elle vos conduzirá ao vosso destino. Se o Hypogripho se elevar muito de maneira que o calor do sol se faça sentir dolorosamente nas vossas carnes, repeti tres vezes — *montanha d'Horeb* — que logo baixará seu vôo: se pelo contrario rastejar de mais, gritai-lhe tres vezes — *avante* — para se remontar. Ha em meio do Oceano atlantico uma ilha deserta, que mui densa neblina encobre aos olhos dos mortaes por não ser ainda chegado o tempo em que ha de ser descoberta: n'essa ilha, d'hoje a dois seculos cha-

mada Madeira por seu descobridor o capitão Zarco, e que dará o signal para famosos descobrimentos na Africa e Asia, descobrimentos que elevarão ao mais alto grau a gloria de Portugal, n'essa ilha pois é que o Hypogripho, descerá por ser ahi que D. Angela está encantada. Para quebrar os prestigios que a cercam ver-vos-heis em estranhas difficuldades... mas com esta arma — disse a fada, agitando a magica varinha e designando com ella uma reluzente espada d'aureos copos que sem saber como via na cinta substituindo seu alfange — com ella todos os encantamentos serão quebrados. E' bem conhecida no mundo esta famosa espada. Fiados na sua prodigiosa virtude moveram-se outr'ora contra a França os mais illustres guerreiros da Asia: e um dia virá em que eximios cantores do Arno e do Adige celebrem essas guerras ao som da lyra. A espada que vedes é a formidavel Balizarda: foi expressamente forjada pela magica Falerina para com ella poder ser ferido o esteio da christandade, o invulneravel Orlando. Este Paladim, que lograra apossar-se d'ella, em breve a viu

passar ao poder do astuto Brunel que lha roubou por ordem do imperador Agramante com o fim de nas mãos do bravo Rugeiro servir ao exterminio do famoso sobrinho de Carlos Magno. Eu vo-la confio, valoroso Achmet, e segura estou de que nunca ella foi cingida por mais generoso e esforçado cavalleiro. Sus, principe, montai no Hypogripho.

O mancebo salta immediatamente de seu ginete, em breve está sobre o dorso plumoso do Hypogripho; mas um olhar de saudade lançado sobre o fiel Alboaden, que pela tristeza de suas vistas parece comprehender que seu senhor o vai abandonar, lhe diminúe no mesmo instante a alegria. A fada, comprehendendo-o, disse:

— Ide-vos sem demora, filho d'Osman: Alboaden fica sob a minha guarda, e a seu tempo vos será entregue.

Então o Hypogripho alevantou seu vôo, e como se fosse um subtil vapor perdeu-se promptamente na vasta região dos ares.

IV.

A ILHA ENCUBERTA.

. . . . Mudos se percebem,
Mudos se intendem, mudos se respondem;
Nem tem mór eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes!
Visc. d'Almeida Garrett — D. Branca.

Com tal rapidez subira aos ares o alado bruto, que o cavalleiro ficou sobremodo espantado e até temeroso, quando d'ahi a alguns instantes ousou medir com os olhos os immensos espaços que o separavam da terra; e a propria terra lhe fugiu em pouco tempo ao alcance da vista, por-

que continuando a subir o Hypogripho cada vez com maior velocidade, o moço principe se tinha desorientado a ponto d'olvidar completamente as judiciosas advertencias, que a fada lhe fizera antes da sua ascensão ás regiões que percorria.

A acção repulsiva do ar, cujo ambiente sua cabeça fendia com a rapidez do raio, escandecera-lhe o cerebro de modo tal que todo o seu afan era segurar-se no dorso da indomita alimaria para não caír.

O sol portanto começava já a exercer no corpo do joven arabe sua adusta e dolorosa influencia, requentando-lhe a cabeça e requeimando-lhe o sangue, quando felizmente lhe veiu á memoria a recommendação da fada: então elle grita com ancia — *montanha d'Horeb, montanha d'Horeb, montanha d'Horeb* — e o Hypogripho sacode o corpo vigorosamente, e mergulha seu vôo para a terra avançando em declive.

A terra que chegara a esconder-se aos olhos do cavalleiro, começa de novo a apparecer por entre os espessos vapores nebulosos que a encubriam: vê brevemente fulgurar o prateado dos mares, e as cida-

des do globo desenharam-se-lhe fantasticas e vaporosas. Raivoso de haver sido sofreado o Hypogripho silva de maneira medonha: bate as grandes brancas azas com ingente força, atravessa os despovoados campos d'Alem-Tejo e as altas serranias do Algarve, para ir voar sobranceiro á immensa bacia de mares que avulta além do promontorio de Sagres — Sagres, a antiga e celebrada Sagres, d'onde mais tarde o famoso infante D. Henrique descortinava *mares nunca d'antes navegados*, e indicava ao mundo a estrada que conduzia a novas terras.

O aligero corcel proseguia sua derrota sempre descendo; e o aereo viajante em breve viu a seus pés revolver-se o Oceano em seu leito; viu as vagas quebrarem-se umas contra outras com espantoso fragor, e afluirem á superficie das aguas monstros marinhos d'estranhas formas, que com seus olhos vidrosos encaravam o audaz sarraceno e seu pasmoso corcel; viu emfim terriveis borrascas, medonhos escarceus e horrorosos naufragios, sem poder valer ás desventuradas victimas. Para evitar um tal

expectaculo elle bradou tres vezes — *avante* — encurtando a redea esquerda, e o Hypogripho, sacudindo as azas com mais força, elevou-se a uma altura agradavel, d'onde sem desprazer gozava ao mesmo tempo da vista da terra e do mar.

Algumas horas antes que o sol houvesse transposto os umbraes do occidente, o nosso aventureiro avistou uma espessa massa de neblina que o Hypogripho fendeu sem difficuldade.

Pouco depois o agareno descia em terra junto a um bosque cerrado d'altas e grossas arvores ; e o alado corcel remontava-se de novo aos ares, e ia esconder-se entre as nuvens.

Descido em terra o principe viu todos os signaes de um paiz selvagem no solo que pizava : arvores gigantescas cheias de pernadas irregulares que se debruçavam até ao chão ; pingues prados d'altissima herva talvez nunca pizados por pés humanos ; oiteiros fragosos e animaes bravios, que espantados olhavam para elle sem todavia ousarem fugir.

Na incerteza do que tinha a fazer, e dos

lugares que devia demandar elle se internou pela terra dentro sem direcção fixa, até que chegou a seus ouvidos um ruido surdo e monotono como de corrente d'agua. Guiando-se por elle caminhou até uma collina e viu ahi um objecto que lhe atrahiu a attenção: era um grande padrão de marmore negro, em que se liam estas palavras escriptas em grossos caracteres prateados:

Se a vida presas d'estes sitios foge!

O moiro olhou d'ali em todas as direcções, e nem viu coisa que podesse causar o ruido que ouvia, nem por agora motivasse a inscripção que acabava de ler; pelo que proseguiu seu caminho direito a um oiteiro que estava proximo.

Do cume do oiteiro elle avistou um gracioso valle, cortado por lindo canal d'agua doce que se despenhava por entre uns penedos, e produzia com sua queda o rumor que ouvia ao longe.

A pequena distancia do oiteiro alvejava uma bella columna d'ordem dorica, em

cujo capitel se volteava impellido pelo vento um arrogante gallo d'oiro.

Mais adiante havia uma fonte de jaspe de rica architectura, junto á qual o cavalleiro observou com admiração um leão e um tigre, prezo cada um a sua corrente de ferro adherida aos marmores da fonte, e postados ambos á guisa de guardadores d'ella.

Não longe estava armada uma grande tenda de veludo carmezi, e no cume d'ella, em forma de torrinha, fluctuava uma bandeira azul clara recamada d'oiro.

O principe Achmet dirigiu-se á columna para vê-la de perto, e depois de miudamente a observar notou n'ella engastada de maneira muito solida uma pequena argola d'oiro por onde mal caberia um dedo. Junto á argola descobriu uma laminasinha na qual leu esta inscripção :

Temerario ! não ouses tocar-me!

O moiro riu-se dizendo alto em tom zombeteiro :

—Certo que não sedes parco nas amea-

ças, bello gallo, bofé que vos hei-de provar os brios...

E mal isto dissera introduziu seu dedo minimo na argolinha, e atrevidamente a puchou para si... A terra estremeceu, estrondos subterraneos se fizeram ouvir, o leão e o tigre exhalaram medonhos rugidos que echoaram por toda a ilha. Oh espanto!... o dedo do moiro ficou adherido á argola sem d'ella poder desprender-se de modo algum!

Debalde forcejou grande espaço para desembaraçar-se: debalde soltou imprecações contra o ceu e contra a terra: a sua raiva era impotente, a afflição inutil.

— Ulina, Ulina — gritava o afflicto moço — que mal te fiz eu, cruel fada, para assim me trahires? Ah... um rival... talvez um rival que tu proteges, e eu já odeio, possuirá a vida da minha vida em quanto eu, ardendo em impotente raiva, me finarei n'esta ilha desconhecida dos homens... porém não... não ha-de assim ser...

E d'est'arte clamando o moiro rangia os dentes de desesperação, e fazia incriveis

esforços, ou para abalar a columna, ou para desembaraçar-se. Seus esforços infelizmente não eram coroados de resultado.

Menencorio então elle desembainha a espada com a mão esquerda que tem livre, e propõe-se a quebrar a argola, ou a desengasta-la da pedra á força de pancadas. Tambem lhe occorrera já decepar o dedo, e estava resolvido a faze-lo, se outro recurso não houvesse.

Mas logo que tocou a columna com o sabre encantado ella caiu em terra com ruido espantoso, e o dedo lhe ficou liberto.

— Oh... que louco eu sou! — disse o moiro, levando a mão á fronte, e corando de vergonha pela pusilanimidade de que se deixara vencer. Os homens mais bravos sam subjeitos a deploraveis debilidades: o valor mais irreprehensivel tem falhas mysteriosas que mal se ousariam confessar.

Assim que a columna foi derribada saiu da barraca um cavalleiro coberto de forte armadura, mas sem espada, com grilhões de ferro nos pulsos. O cavalleiro vinha como violentado por dois ferocissimos gi-

gantes completamente armados, que traziam nas mãos grandes fachas d'armas.

Logo que todos tres estiveram fóra da tenda os gigantes tiraram os ferros ao seu prisioneiro, entregaram-lhe uma espada bem açacalada, e uma pequena copa de cristal: por seus gestos d'uma energia feroz pareceu que pertendiam obriga-lo a ir tomar agua da fonte á viva força.

O desconhecido cavalleiro hesitou por algum tempo; até que, sendo ameaçado brutalmente, resignou-se á obediencia, e cresceu resoluto para a fonte com a copa em uma mão e a espada na outra.

Mal viram os terriveis guardadores da fonte que o cavalleiro se aproximou, arremeçaram-se sobre elle com tremendos bramidos, e em um instante o despedaçaram sem dar-lhe tempo sequer para servir-se das suas armas!

Tudo isto tinha passado ante os olhos do moiro em menos tempo do que é preciso para conta-lo.

O principe estremeceu: mas, como seu coração era bravo, e ao mesmo tempo muito confiasse na bondade da sua pode-

rosa espada, caminhou para a fonte sem a menor hesitação: o que visto pelas duas carnivoras alimarias exhalaram bramidos ainda mais furiosos, adiantando-se ao encontro do alentado agareno: este, pela sua parte, bem coberto com o escudo, e d'espada em punho avançou denodadamente para atacar as duas féras. O tigre pulou effectivamente sobre o principe, porém ferido por Balizarda instantaneamente desappareceu, e com elle o leão, a fonte, a tenda e os gigantes.

E em lugar do gracioso valle, onde todos estes eventos acabavam de passar-se, o moiro viu diante de si uma alta e fragosa serra de tão ingreme subida que nenhum ente humano ousaria conceber a ideia de trepar ao cimo.

O sarraceno admirado já de tantas singularidades, mais admirado ainda ficou, vendo espalhados em torno de si muitos capacetes, armaduras, espadas, manoplas e escudos, corroidos pela ferrugem; e egualmente viu muitas caveiras, arcabouços humanos, e ossos de braços e pernas, de que as aves de rapina e os vermes tinham sem

duvida devorado a carne: o temporal tornara já alvas quasi todas estas ossamentas.

Mas o sarraceno não poude alcançar a rasão d'ali se acharem aquelles restos. Parecia-lhe que nenhum homem seria assás ousado para tentar subir a montanha por tal lugar.

Parecendo-lhe que d'aquelle lado a serra era absolutamente inaccessivel elle tractou de tornea-la, no intuito de ver se por alguma parte a subida seria praticavel; mas mais elle caminhava mais a terra parecia alongar-se: suas vertentes eram cada vez mais perpendiculares, e não conseguira ainda ver-lhe o cume por estar involvido em nevoa.

Desenganado de que não tirava fructo da sua diligencia, e pelo contrario inutilmente se distanciava, tornou a voltar ao lugar d'onde partira, e chegado ahi encostou-se á espada com enfado por não encontrar meio algum para sair d'esta estranha aventura.

O author da chronica d'onde extraimos os principaes factos que formam o objecto

do presente conto, não diz quanto tempo esteve o nosso heroe na desanimadora posição em que o deixámos : mas, posto que o não diga positivamente, póde entender-se que não foi grande o espaço de tempo decorrido, pela maneira porque elle se expressa na narração do resto da aventura.

Já a tarde ia adiantada (sam as proprias palavras do chronista) quando feriu os ouvidos do cavalleiro arabe um ruido surdo como de carro que rodava vagarosamente : surprehendido por esta novidade elle olhou para a montanha, e viu que descia por ella abaixo uma especie de pequena carroça de desusado feitio, assente em rodas de bronze de grande grossura. A carroça rodava por uma superficie liza e quasi a prumo com lentidão : era visivel pois que alguem a sustinha de cima, demorando-lhe o impulso. Ao pé do cavalleiro ella parou ; e a sua admiração raiou em espanto, quando poude observar que a carroça somente era sustida por um delgado fio de brabante, tão desfiado já de roçar pela montanha que parecia impossivel que podesse

soffrer, sem quebrar, a mais pequena pressão de dedos!

Temeridade lhe pareceu portanto tentar tal jornada conduzido por tal modo: por isso resolveu não confiar sua vida a tão fragil apoio.

Apenas tomou esta resolução logo o cume da serra se tornou clarissimo, e n'elle avistou um castello todo d'oiro e pedrarias que deslumbrava a vista com seu brilhantismo. Em seguida ouviu vozes de differentes pessoas que, ao parecer, falavam a seu respeito.

— Vede o poltrão que cá mandaram... ah... ah... ah... — disse uma voz aspera e rouca, e ao mesmo tempo ouviram-se muitas risadas estridentes e prolongadas.

— Oh sim... aconselhai-lhe que vá antes para as Hespanhas fiar em uma roca no harem das escravas.

— E' verdade — ajuntou outra voz — mas terá que pôr primeiro a gorra de jogral, e dizer muita chocarrice nos desvaõs para agradar aos eunnuchos... bofé que o trage variegado do truão lhe estaria melhor que a pezada armadura de cavalleiro...

— Alto lá! guardai-vos bem de insultar o cavalleiro em tal occasião — atalhou uma quarta voz — não sam poucos os que eu tenho visto aqui morrer por pertenderem subir temerariamente esta serra!

Por fim houve quem dissesse ainda:

— A'page... que bem sestra ideia teve quem em tal situação collocou este castello!

O principe, ouvindo todos estes ditos, córou de vergonha: recuar diante d'um perigo, pelo qual muitos guerreiros haviam já passado, parecia-lhe grande quebra para seu pondunor; por isso sem mais reflectir entrou no estranho vehiculo, e entregou-se á ventura. A carroça começou a subir lentamente pela serra.

O brioso sarraceno ia com os olhos fixos no cume da montanha para não ver o exiguo brabante, do qual a cada momento se separavam novos fios quebrados; e calculando a seu pezar a grande distancia que lhe faltava a percorrer, julgava impossivel poder aportar ao cume. Só o seu aventuroso capricho, e o amor é que o haviam levado a seguir uma aventura, que

apezar das promessas d'Ulina, parecia não dever acabar em bem.

Já a carroça teria subido dois terços da altura da serra, quando o brabante deu um estallo e se desliou, ficando reduzido a um fio tão delgado que mal se via. Então o cavalleiro se teve por morto, e interiormente se despediu de D. Angela, mergulhando a vista com desesperação na baze da montanha contra qual iria em breve despedaçar-se. Effectivamente ante o trilho da carroça encontrou-se uma ponta de piçarra mais relevada do que a superficie, e as rodas, tropeçando n'este obstaculo sem pode-lo vencer, recuaram estirando tão fortemente o fio que quebrou de todo. No mesmo instante a carroça se despenhou pela serra abaixo com horrorosa celeridade. O mancebo involuntariamente fechou os olhos.

Quando os abriu achou-se de pé em frente do castello d'oiro. Tudo o mais estava coberto de neblina.

De braços cruzados e boca entreaberta o joven aventureiro observou longo tempo a pasmosa fabrica que se erguia ante seus olhos: exceptuando o bellissimo alcaçar do

Lago-do-Muro, onde a rainha das fadas o tivera encantado, nunca seus olhos viram coisa tão magnifica: mas, por mais que olhe, não póde divisar a porta que dá entrada para o castello.

Debalde o moiro vagueou em torno d'elle para verificar se por algum lado o ingresso é praticavel; seu cuidado fôra inutil, porque as differentes faces do castello todas lizas como um espelho, nem portas, nem janellas teem que facilitem o subir ás ameias. Repentinamente elle se recorda de quanta utilidade lhe ha sido Balizarda para sair dos estranhos perigos em que se vira, e desde logo desembainha a formidavel espada, a que nenhum encantamento resiste, e com ella fere a aurea muralha. Esta, cedendo promptamente á força do prestigio, deixa patente aos olhos do principe uma larga porta, que dá entrada para um airoso vestibulo de columnas dispostas segundo as regras da architectura moirisca, em meio do qual se elevava um enorme elephante branco e luzente como de fina prata. Não vendo o moiro porta alguma que o encaminhasse a outro lugar, tocou o ele-

phante com Balizarda; e logo, girando este sobre seus pés, deixou descoberta uma bella escadaria de marmore, pela qual o moço sarraceno desceu para extensa galeria de primorosos quadros que ia dar a um aposento forrado de custosas telas, e enriquecido com todas essas miudezas que um sultão efeminado e magnifico sabe agglomerar no intuito de tornar aprasivel a morada da sua odalisca.

Dentro do aposento uma pessoa estava recostada sobre rico sofá azul claro recamado d'oiro. Era uma dama. Seu trage de veludo branco com passamanes d'oiro e golpes por onde apparecia o forro côr de violeta, era realçado pelo brilhar de muitas pedras preciosas, ricas chaparias e canotilhos: não se lhe via o semblante, por que estando a dama reclinada sobre o braço direito as roupas lho encobriam sob suas dobras caprichosas.

Com receio de despertar a dormida pessoa, o moiro aproximou pé ante pé, e, ao chegar junto d'ella, afastou com muito cuidado os estofos que velavam seu rosto... então elle viu... oh... viu o mais formoso

9

semblante que Deus creara — o typo ideal dos sonhos do poeta — D. Angela emfim...

Possuido do maior enthusiasmo, o joven cái aos pés da dormida belleza, e tomando-lhe com ancia uma das lindas e bem torneadas mãos, exclama beijando-lhas com transporte:

— Angela... ah... alfim eu te encontrei... agora... tu serás minha!

Esta exclamação foi, porém, abafada pelos ternos accordes d'uma musica suave que echoou no aposento: e o principe, enlevado na melodia e extatico pela contemplação da bella dormida, esqueceu por alguns instantes a existencia e o mundo!

Uma voz mansa, tão encantadora como nunca resoou nos ouvidos d'um mortal, cantou as trovas seguintes, sendo o refran acompanhado por um côro d'outras vozes.

Em seus laços prende amor
Mui valentes namorados
Que desprezam por seus mimos
Os tropheus ensanguentados.

Entre o sangue dos combates
Roixa murta mal florece;
Entre os braços da belleza
A ambição se desconhece.

Coro.

Nobre filho das Hespanhas,
De moços guerreiros flor,
Se os loiros da guerra anhelas
Não pódes gosar d'amor.

A bandeira do crescente
Que Tarik hasteara ovante (1)
Em Ourique derrubada
Foi por mão do rei gigante:

E' lei do destino cego
Ninguem n'a póde alterar:
Nada estavel ha no mundo
Tudo nasce p'ra acabar:

O poder do Islam decresce
Desde esse dia fatal...
E só nas margens do Lucus (2)
Vingança tereis formal.

Coro.

Nobre filho das Hespanhas,
De moços guerreiros flor,
Se os loiros da guerra anhelas
Não pódes gosar d'amor.

(1) Tarik-ben-Zeyad, commandante da expedição africana que aportou no Calpe (Gebel-Tarik ou Gibraltar) e conquistou as Hespanhas aos Godos.

(2) Allude á batalha d'*Alcacer-quibir* onde se perdeu D. Sebastião.

*

Os anhelos reduz pois
A gosar tua ventura,
E louca ambição não venha
Braço armar á morte dura.

Nos d'amor gostosos laços
A vida podes passar;
Esquece dos teus a gloria
Não a queiras imitar.

Em vez da morte — ventura,
E por trabalhos — prazeres,
Paz, amor, gosos divinos
Tê-los-hás se tu quizeres.

Coro.

Nobre filha das Hespanhas,
De moços guerreiros flor,
Se os loiros da guerra anhelas
Não pódes gosar d'amor.

Do lethargo vai surgir
A linda christã deidade,
Que tem presa a liberdade
Sem prisões inda sentir:
Grato amor te vai surrir,
Formoso filho d'Agar,
Mas não ouses desnudar
Duro alfange mauritano...
Reprime o ardor africano,
Se d'amor queres gosar.

Coro.

Mas não ouses desnudar
Duro alfange mauritano...
Reprime o ardor africano,
Se d'amor queres gosar.

Em quanto os harmoniosos e fatidicos cantares resoavam no aposento, o cavalleiro e a joven dama formavam um grupo encantador digno do pincel de Rubens.

De joelhos aos pés da virgem christã, e pintadas no bello e varonil semblante a ternura e a admiração, o principe sarraceno comprime entre seus ardentes labios uma mão d'alabastro que a dormida dama lhe abandona, sem o saber, aos mais fervorosos beijos; e ella... graciosamente alquebrada em uma d'essas posições encantadoras e voluptuosas que ensaia a escrava nos retiros do harem para fascinar o despota gasto a quem pertende agradar, deixa admirar em perfil seu lindo rosto, que por ventura um sonho agradavel anima de rubra vivacidade... e seus labios côr de cereja estremecem... e o peito, ao qual sobr'excede alvissima garganta só em parte descoberta, arfa brandamente erguendo

com cadencia regular estofos transparentes que sam fragil véu para lubricos olhares...

Ah... os vivos olhos do moiro com que ledo transporte não contemplariam elles um tal conjuncto de graças! E essa contemplação, que dava rebate aos sentidos, como lhe não faria escaldar nas veias o seu sangue agareno — sangue ardente como as areias dos desertos d'Africa!..

Cessou o cantico... A donzella estremeceu, e entreabrindo os olhos estendeu os braços para dar elasticidade aos nervos; mas tornou logo a cerra-los, aljofrandolhe por entre as palpebras duas lagrimas: depois espreguiçou-se outra vez, e bocejando disse estas palavras com um timbre de voz ainda um pouco rouco:

— Oh... que dormir tão pezado! que sonhos! tenho a cabeça escandecida!.. Fatima... Urraca... aonde estais que me não ouvides?..

E, abrindo os olhos admirada e cuidosa, viu a seus pés o principe.

— Meu Deus... um homem!.. ah... quem sois vós? — continuou ella alevan-

tando-se cheia de espanto — accaso serão meus sonhos realidade?

— Socegai, nobre senhora, eu vo-lo rogo — respondeu mansamente o principe, fazendo um pequeno esforço sobre a mão, que tinha entre as suas, para que a donzella se assentasse.

— Cavalleiro... ah pòr Deus! dizei-me quem sois: explicai-me tudo o que não comprehendo... Aonde estou eu?.. como vim a estes aposentos que desconheço? — proseguiu ella, olhando com susto e admiração para tudo o que a cercava.

— Assentai-vos, formosa donzella, e se medo haveis... injusto é elle.

A dama obedeceu maquinalmente, desembaraçando com singeleza a mão que tinha entre as do moiro: crescia-lhe a surpreza e a admiração em vez de minorarem. O agareno assentou-se em frente d'ella, e continuou em tom internecido:

— Quereis saber o meu nome... e o meu nome troca-lo quisera por outro que melhor soasse em vossos ouvidos... Perguntais como aqui viestes... e a vossa historia... ligada está á minha...

— Não me espanta... talvez o sei: todavia.... dizei-mo.... sim, dizei-me vosso nome... e qual é a vossa patria...

— Nome e patria?.. eis duas palavras que quiçá aborrecereis logo que de minha boca hajam saido... porque desgraçadamente odiais, senhora, a terra que me viu nascer, assim como tendes em horror o meu nome e o de todos os meus! Com o leite da infancia haveis bebido esse odio todo...

— Dizei, dizei, cavalleiro — atalhou a dama com um interesse cada vez maior.

— Pois bem; força é que o saibais, joven senhora: o meu nome é africano — chamam-me Achmet: a minha patria... é Badajoz: e o emir Abdallah-el-Mondhir... meu tio.

— Meu Deus! meu Deus! como póde isto explicar-se? — replicou D. Angela, levando uma mão á fronte, e fazendo um gesto que exprimia muita admiração — já eu conhecia, senhor, as vossas feições... e não me recordo de haver-vos visto! sabia o vosso nome... e todavia ninguem mo disse!

— De certo?.. ah... quasi o mesmo me aconteceu a mim: estava dentro de grossas e encantadas muralhas appartado do commercio dos homens, e lá me apparecestes vós como uma sylphide aerea e vaporosa. Antes de ter-vos visto sentia em meu coração um amor vago, indefinido, inexplicavel.... e com tudo não amava: logo que vos vi esse mysterio se revelou por si mesmo, e eu vos amei, senhora, com todas as potencias de minha alma.

— Jesus! Jesus! porque poder acontece tudo isto?

— Pelo poder do destino, senhora... e talvez da fatalidade... (1) Nossos fados estam escriptos por mão superior: vós sereis minha, e eu serei vosso.

E, dizendo isto, o moiro enlaçou seu braço em torno do pescoço da donzella, e ousou imprimir-lhe nos labios virginaes um

(1) Temos á vista um Diccionario que estabelece como synonimos da mesma força destino e fatalidade. Não julgamos que assim seja. Parece-nos que nem todo o destino é fatal; e pelo contrario, que a fatalidade é sempre destino.

osculo ardente, que a joven christan, fascinada pelo prestigio do encanto, não teve a força de regeitar.

O rubor do pejo que colorava as faces da virgem, seus olhares ternos e apaixonados, o estremecimento nervoso dos labios, e o arfar de seu peito revelaram inexplicaveis sensações — sensações novas para ella...

— Cavalleiro... não abuseis da minha fraqueza... oh... o ar que aqui se respira é perfumado... mas não é bom... deixai-me... deixai-me, senhor...

E a dama tentou erguer-se novamente: porem um pequeno movimento do principe a obrigou a ficar.

— Quereis deixar-me, D. Angela—disse elle com amorosa ternura — ah... mal sabeis vós que terras precisei atravessar para encontrar-vos n'esta ilha desconhecida do resto dos homens: mal podeis avaliar os perigos que arrostei, indo procurar-vos por toda a parte... entre os proprios christãos mesmo!

— Ah... ingrata não sou eu, oh principe, e confesso-vos que se de uma maneira

tão extraordinaria me haveis amado.... tambem eu...

A christan que córara antes de dizer as duas ultimas palavras impallideceu de repente, e deteve-se como se uma ideia subita lhe tivesse sobrevindo.

—Por Allah! continuai, encantadora houri (1)—exclamou o arabe com arrebatamento, caindo aos pés da donosa virgem —uma palavra mais, e eu enlouquecerei de felicidade a vossos pés...

D. Angela recuara alguns passos afastando-se do sensivel agareno. Parecia obrigada por uma influencia estranha quando com voz tremula e rosto demudado disse para o principe:

—Cavalleiro... alevantai-vos: fui imprudente... perdoai-me: não vi o insondavel abysmo que nos separa...

Ouvindo estas palavras o moiro ergueu-se, encruzou os braços, e fixou por alguns instantes a dama com gesto d'amo-

(1) As *houris* sam mulheres formosas que os mahometanos (maganões!) esperam gosar no seu paraiso.

rosa reconvenção. Alfim disse em tom de amarga ironia, recalcando cada uma das suas phrases:

— Com que ha um abysmo... insondavel que nos separa? Dizei-me ao menos, joven senhora... se esse abysmo é formado pelo odio, ou pela indifferença...

— Nem por um, nem por outra — replicou ella com viveza: depois acrescentou com ternura — sois injusto, principe... o dever...

— Sei que não exclue o amor...

— Porem esse amor... deve de ser um crime.

— Porque?

— Porque sois moiro e eu christan.

— E que importa?.. nossas almas entendem-se, nossos destinos buscam-se. Deus que nos ha formado um para o outro assim o quer: preconceitos mundanos mal podem separar-nos.

— Principe, falais-me em Deus?.. por ventura credes vós n'elle?

— Creio... sim.

— Mas esse Deus é falso.

— Falso?.. Se é falso o meu Deus ne-

nhum outro ha verdadeiro. O meu Deus é aquelle que ha formado do nada esta terra que nos sustenta: que creou essa copia d'aguas a que chamam mares: que deu luz ao sol que nos alumia, e vida á cadeia de seres de tão varia especie que o mundo abrange. Eis qual é o meu Deus. Dizei-me agora se não é semelhante ao vosso (1).

A donzella suspirou e confusa não soube que responder. A questão, por ventura metaphysica de mais para uma dama, difficilmente poderia ser resolvida em sentido contrario por aquella a quem já deslumbrava o fascinador enthusiasmo d'um amor ardente. O sentir do amado parece sempre rasoavel á sua amante: e a dialectica do amor é tão vigorosa quanto é perigoso o contacto do seu enthusiasmo.

(1) Eis uma das mais salientes imitações. Chamem-lhe até plagiato. E' certo que não quizemos ampliar mais esta situação, por nos parecer que a filha d'um simples alcaide não devia saber mais theologia que a linda abbadeça de *las Huelgas, a real Branca de Lorvão senhora.*

Demais o moiro era tão terno e a virgem tão encantadora !..

. . . .

Houve um longo intervallo de silencio. A dama disse afinal :

— Achmet, os destinos nos hão unido : possam elles jamais separar-nos !

A estas palavras vivo clarão enche o aposento : a abobada se parte, deixando ver por grande espaço o lindo azul da athmosphera, e ante os dois amantes se mostra a sabia Ulina que á dama assim responde :

—Sim, D. Angela, e vós principe Achmet os destinos vos hão unido — a fatalidade tem de cumprir-se. Esses laços que o amor ha formado a saciedade somente poderá rompê-los. Ireis habitar para junto dos lugares onde nascestes, que por tantos titulos vos devem ser caros. Lá hei construido para vós uma habitação conveniente... Acompanhai-me.

E a fada tocou com a varinha magica a fronte dos amantes que, sendo arrebatados

pelos ares, em breve se acharam dentro d'um lindo alcaçar moirisco, a que a fada dera o nome de castello-do-Amor por have-lo destinado para habitação dos dois amantes.

O castello-do-Amor fôra edificado no mesmo lugar onde é hoje o castello de Campo-Maior (1). Erguia-se sobre vistosa imminencia, dominando o valle que serve agora d'assento á povoação moderna, em cuja encosta estavam disseminadas algumas habitações pobremente construidas, que constituiam dois pequenos aduares de moiros. Pelo poder da rainha das fadas este castello era invisivel.

Dentro dos paços encantados assim falou Ulina aos amantes:

— Principe Achmet, a presciencia que eu tenho do vosso futuro destino me levou a esconder-vos aos olhos dos mortaes no

(1) A povoação começou na crista do monte onde está o castello, e foi-se estendendo pela encosta até que seus fundadores, querendo dilata-la mais, deixaram a encosta, e preferiram um *campo maior* para o lado do este e nordeste. Tal é a tradição sobre a origem do nome Campo-Maior.

castello do Lago-do-Muro. A não ser pela maldade d'Almonacil nunca d'elle houvereis saido, porque nada ali vos faltava para a ventura. O mal que então pertendi evitar, posto que seja hoje irremediavel, comtudo é-me dado atenua-lo. Eu vos concedo e á vossa amante um dom que deveis prezar — é a immortalidade : sim... sereis immortaes em quanto não sairdes d'este castello encantado. Mas sendo forçoso que perigos vos cerquem... um perigo correreis. O amor faz-vos hoje venturosos : só a falta d'amor poderá tambem infelicitar-vos. Quando ao fervoroso amor succederem os gelos da saciedade — quando a ambição da gloria sobrepujar o sentimento do amor a vossa desgraça é certa, principe, e D. Angela perdida é...

— E vós, joven senhora, recebei de mim dois presentes mui preciosos que guardareis cuidadosamente na vossa camara — continuou a fada, fustigando duas vezes com a vara uma meza de jaspe, sobre a qual appareceu um escudo de cristal de rocha e um rico alfange — olhando n'este espelho sabereis os mais intimos pensamentos do

principe: a sua imagem apparecerá n'elle fiel sempre ao coração. E, se a hora da separação soar, o alfange será arrancado da vossa camara por uma mão invisivel. Adeus.

A fada desappareceu: e nos paços resoaram estas coplas:

Brancos orvalhos
De San'João
Beber não vejas
Por sol de v'rão:

Se n'alvorada
O gallo ouvires,
Signal não é
P'ra tu partires:

Nem Alboaden
Oh... queiras ver
Em alto monte
Bravo correr:

Elmo celeste,
Duro espaldar,
Guarda-te bem
De os invergar,

Ah... filho d'Osman
Parar-te bem cura,
Se vires o velho
Da negra armadura:

A manha lhe evita,
E o golpe certeiro
Co'a raiva e furor
Forçoso e postreiro.

V.

A TORRE-DO-MOIRO. (1)

. . . . . . — Nem violenta
Em seus torpes abraços está ella :
Feitiço a enamorou. . . . .
Rei.
« Oh Deus ! que horrores !
Meu sangue, e minha filha? Que vergonha
Me annuncias ! . . . .
Visc. d'Almeida Garrett — D. Branca.

Está já prestes o sol a esconder-se no horisonte para ir alumiar outro hemispherio : é uma fresca tarde de Junho — mais fresca ainda junto ás margens do Caya, que manso porque é pobre de cabedaes

(1) Nome d'uma herdade junto ao Caya.

mal deixa rumorejar sua lympha por entre os seixinhos de seu leito arenoso. Por essas tortuosas ribas debalde correra a aragem brincalhona no intuito de retoiçar com frementes folhagens; seu afan por ventura haveria sido inutil, pois tão despidas sam d'arvoredo que, a não lhes servirem d'excepção as ponteagudas e espessas moitas de junqueiras e os verdes e floridos eloendros, as beiras do Caya seriam inteiramente desprovidas de todas as bellezas da vegetação (1).

Junto á ribeira passos de ginetes começam a ouvir-se; redobram na presteza á proporção que o pequeno rumor da corrente se torna mais distincto aos corceis.

Pelo traquejar de montante em ferrea bainha, e pizar de corcel forte e pezado claro é que entre os que aproximam um cavalleiro armado demanda o Caya no seu ginete de batalha, já ancioso por estancar a sede nas aguas da ribeira...

(1) Como excepção a esta generalidade devemos confessar que ellas sam bem guarnecidas junto a Arronches, nas proximidades da fonte do *Vassalo*.

Ei-los chegados. E' um cavalleiro com seu pagem: este joven, aquelle edoso; um cavalga brioso corcel alasão, outro ruço palafrem.

A erguida viseira do cavalleiro sobrepõe-se a um semblante pobre em que a tristura e signaes de grandes soffrimentos intimos tornam mais salientes os estragos da edade; é severa a expressão d'esse rosto, e concorre para mais o parecer a longa barba branca que espalhada lhe cai sobre o pulido arnez. Todavia quem bem olhar o velho guerreiro notará que elle ainda conserva toda a robustez e airosidade da juventude.

O joven escudeiro, que apoz elle caminha, traja gibão de veludo preto de mangas golpeadas e gorra da mesma còr adornada de branca pluma: tem rosto formoso e menineiro, e vivos olhos pardos lhe brilham atravez de loiros e annellados cabellos.

Lassas as redeas no meio da ribeira, os flancos dos ginetes se distendem pelo muito beber; depois... partiram.

Os viajantes tomaram pela margem da ribeira o caminho opposto á corrente.

Proseguindo sua marcha silenciosa e rapida, o lindo escudeiro passeava suas vistas por todos os lados da campina, revoava aos montes com seu olhar vago e poetico, entre os dentes se lhe esvaecia o surdo rumor de toadas musicaes; mas, em olhando para o cavalleiro, ficava logo em silencio tomado de respeito. Vendo, porem, que o ancião continuava sempre pensativo, elle ousava soltar de novo alguns sons, e aventurava timidamente notas mais altas, escutando se o cavalleiro o mandava calar: como observasse que elle não parecia prestar attenção preludiou algumas divagações preliminares, e dentro em pouco tempo feria as serpeadas voltas da ribeira uma fresca e graciosa voz, cantando o seguinte rimance com uma musica tão simples e monotona que se não perdia nem uma palavra da letra.

DOM SISNANDO.

RIMANCE.

« Lá se esconde o sol fulgente
Em purpurino listão,
Lá vejo luz resplendente
Doirar o cerro loução...
E tambem vejo luzir
Arnez e casco plumoso...
Quem podera agora ir
As ribas do *Chev'ra* undoso (1)!
E' tão bello e deslumbrante
Armas ricas ver lustrar,
Ver paladim elegante
Seu corcel bem cavalgar!..
Ah... eis lá vem já a correr
Pela veiga um cavalleiro:
Será moiro? — póde ser:
Mas espera... um escudeiro
Perto vejo em palafrem;
Traz gibão verde bordado
Garrido como ninguem;
Seu cabello acastanhado
Bellos anneis formando
E o branco rosto gentil
De graça modelo dando,
Prestam-lhe ar bem varonil. »
—Assim com rosto animado
Onde almo prazer se grava

(1) O *Chevora* é lindo rio que passa a uma legua de Campo Maior perto d'Onguella, e entra no Guadiana a poucá distancia de Badajoz.

Sentada em gothico eirado
D'erguida torre pensava
Illustre dama formosa,
Olhando pela campina
Roçagante e buliçosa
Com a aragem vespertina.

Por vereda que serpeia
Entre freixos verdejantes
Negro andaluz galopeia
Sobre as ervas palpitantes;
Leva no dorso robusto
Mui garboso lidador
Que veste armas de grão custo
Com espheras no lavor;
E' branco seu morrião,
Na cimeira uma aguia tem
Que cruz d'oiro por brazão
Preza no bico sustem;
Vistosa charpa bordada
Pela mão da formosura
Com graça lhe cai lançada
Dos hombros tê á cintura;
N'ella brilham lindas cores,
Cifras com seus garnimentos,
Emblemas de seus amores
Que não simples paramentos;
A viseira leva erguida
O rosto deixando ver,
Sua côr amortecida
Revela muito soffrer:
N'alma muita dor cruel
Que o coração dilacera
De soffrimentos tropel

Que incuraveis chagas gera...
. . . .
. . . .
Seu escudeiro avançara
Pela torre perguntando,
E primeiro a alcançara
Do que a visse dom Sisnando.

E dom Sisnando lá vem
Já na varzea aveludada...
Que nobre figura tem
Assim d'espada apunhada!
A viseira já calou
Com promptidão ardorosa,
Logo que a vista fixou
Na forte torre alterosa,
Que de moiros se conhece
Pela altiva construcção,
E que sob'rana parece
D'esta vasta solidão.
Então o pagem formoso,
Nadando-lhe alma em prazer,
Corre á porta valoroso,
E audaz começa a bater:
« Abre a porta, fementido,
Em alta voz grita irado,
Abre já, perro descrido,
Se não queres ser aspado:
Deixa a donzella christan
Que na caça soprezaste
Na malfadada manhan
Em que só velhos achaste;
Não será agora assim:
Abre já e bem ligeiro,

Vilão moiro, cão ruim
Que lá vem um cavalleiro ;
Entrega Clara Moniz
Que roubaste tão ousado
Sem demora... e quem to diz
E' Vivaldo Maldonado. »

Por fim cessa de bater...
Da torre ninguem responde ;
Vivaldo p'ra tudo ver
Quizera entrar... mas por onde ?
Sam mui altas as ameias,
E' o muro bem unido,
Nas portas de pregos cheias
Nem o punho faz ruido ;
Que dirás, oh escudeiro,
Quando chegar teu senhor ?
Foi o moiro mais arteiro
Logrou-vos a seu sabor,..
« Infeliz de dom Sisnando !
Clama o bom pagem leal,
Que infeliz tambem eu ando
Desde a noite de natal !
A San'Thiago promette
Ir em santa romaria
Descalço todo completo
Pelo decurso d'um dia
Se dom Sisnando livrar
Sua dama graciosa...
Viva Deus ! que hei-de folgar
Em hora tão venturosa !
E tambem que está já perto
Na noite de San'João,
Noite livre e sem aperto

P'ra cavalleiro e peão,
Noite de lindas fogueiras,
De folguedos e condões,
D'alcachofras agoireiras
E fatidícos pregões... »

N'isto chega o cavalleiro;
Pára logo: e co'o montante
Acenando ao escudeiro,
Diz raivoso e arrogante:
« Oh Vivaldo, á porta bate
Sair faze esse infiel;
Anhelando por combate
S'tá fogoso o meu corcel;
No arção bem sugigada
Levarei cabeça humana
De seu tronco decepada
Pela minha *Durindana* (1):
Trema!.. e tema meu furor
Esse moiro fraudulento
Que votou ousado amor
Do *Chev'ra* ao lindo portento...
Joven pagem não me ouvis? »

Escudeiro.

« Senhor, sim; batido tenho. »

Cavalleiro.

« Perros moiros, não abris
Quando a degolar-vos venho?.. »

(1) Espada de *Roldão*.

Com orgulhosa altivez
Alto brada dom Sisnando
Colerico e de revez
P'ra os muros da torre olhando.

Escudeiro.

« Senhor meu, tudo está só. »

Cavalleiro.

« Pois nenhum rumor ouviste? »

Escudeiro.

« Senhor, não. »

Cavalleiro.

« Desfeito em pó
Vira quanto me resiste!..
Oh furor que me atormentas!
Sangue só te ha-de aplacar...
Quero sangue — e tu me alentas
Esp'rança de o derramar. »

Em quanto á porta passava
Esta scena de furor
Novo quadro apresentava
A torre no interior.
Bella dama de doirados
Cabellos da côr do sol,
Negros olhos bem rasgados,
Lindos como o arrebol

Da manhan que o caminhante
Entre sombras vê romper,
D'alvo rosto radiante
Onde os lirios vem beber
A' neve sua brancura,
Cerca de joven donzel
Com seus braços a cintura...
Era Clara e Ismael:
Corpo esbelto e reforçado
Elle tem co'a tez morena,
Negro cabello annellado
Como de raça agarena;
E na graça não tem par
O seu mui lindo semblante,
No qual se vê negrejar
Denso bigode arrogante...
Mas dos niveos e tenazes,
Doces laços quer fugir,
Balbucia soltas phrases
E forceja por partir:
« Que vergonha é tal alarde!
Ah .. foge... de mim te aparta...
Eu ficar?.. é ser covarde...
Oh Clara... deixa que parta! »

« Por teu Deus e nosso amor,
Clamava a christan chorosa,
Compadece a minha dor,
E vida tão preciosa
Não exponhas imprudente:
Desculpa ao bom cavalleiro
A cruel magoa que sente
E o furor seu altaneiro...
Oh... socega.,. vem commigo

Aos adarves, Ismael,
Meu amor para comtigo
Verás lá quanto é fiel. »
Com afagos carinhosos
—Conduz Clara seu amante
Aos eirados alterosos
Que reflectem luz distante:
« Dom Sisnando, dom Sisnando,
Em voz alta a dama diz,
Parti já, oh miserando,
Que sou eu Clara Moniz
Quem vos pede lacrimosa
Me deixeis com meus amores:
De feliz fôra vaidosa,
Se do pae as cruas dores
N'alma acerbas não sentira,
E em meus sonhos de ventura
Sem consolo não o vira
Maldizer a filha dura...
Dom Sisnando... ah implorai
De meu pae p'ra mim perdão,
. . . . (1)

— Cala-te, pagem — gritou o ancião fóra de si, interrompendo o joven cantor, e estirando as redeas do ginete com raiva sombria — cala-te por Deus ou pelo Inferno! essas trovas malditas despedaçam

(1) Como o leitor está longe de ter os mesmos motivos que assistiam ao alcaide-mór d'Elvas para receiar saber o final do rimance, julgamos que não acharia fóra de proposito o apresentar-lho n'esta nota.

a minha alma do mesmo modo que o punhal do assassino rasga o coração da sua victima!

Dom Sisnando... ah implorai
De meu pae p'ra mim perdão,
E atroz crime desculpai...
Minha feia ingratidão...

E o valente dom Sisnando
Nada mais poude escutar...
Pois que um raio rebentando
Das nuvens p'ra o fulminar
Tanto não o assombrara
Junto d'ell'vindo a cair:
Mais immovel não ficara
Menos conscio do sentir!...
Oh dor d'alma, atroz ciume,
Negra serpe roedora
E's no peito acceso lume
Viva chamma abrasadora:
Ai do misero vivente
Que os venenos teus beber;
P'ra soffrer mal tão ingente
Melhor lhe fôra morrer...
D'olhos fixos e pasmado
Vede o nobre cavalleiro;
Lacrimoso e espantado
Eis ali seu escudeiro...
Mas o bravo lidador
A si torna muito asinha,
Picando seu corredor:
« Inferno da vida minha,

E o donzel, extremecendo pelo repente do cavalleiro, cessou instantaneamente seus cantares. Deitou porem sobre o ancião um

---

Brada com grande paixão,
Oh amor, se assim finaste
De minha alma a illusão,
E tão breve te gelaste,
E' que Deus me impoz castigo
Por d'amores só cuidar
Quando Ismar da cruz imigo
Mauras hostes faz armar »

Assim diz : e sem demora
Esporeia seu corcel.
Uma lagrima que chora
Elle occulta ao bom donzel...
Então a torre estremece
Rebomba surdo trovão,
E sol de todo esvaece
Depois d'esta oscilação.
Espantado dom Sisnando
Presto o ginete refreia,
E a torre não avistando,
Seu olhar torvo vagueia...
Escura nuvem só viu !
. . . .
E os amantes encantados
Na torre que se sumiu
Pelo povo sam julgados
Dentro de fresca ribeira,
Cumprindo estranho condão
Fé á roixa alva fogueira

olhar timido e curioso, como de quem esperava a explicação d'uma coisa que não comprehendia, e todavia o espantava; mas, ven-

---

D'um dia de San'João
Em que moço viajante,
Perdido em sua derrota,
Veja em monte radiante
Branca dama mui devota
De joelhos colocada
O caminho lhe mostrar
Da alta *Crastos* (1) torreada
Onde póde descançar.
E' então que quebrará
O encanto do par formoso,
E a Fé nossa abraçará
Lindo moiro valoroso.

EPILOGO.

Que meditas, caminhante,
N'esse campo ensanguentado?
Vês tropheus de gloria ovante
No sangue ahi derramado?...
Olha alem servil peão
Co'uma lança atravessado;
Lá diante morde o chão
Um sarraceno estirado;
Junto d'elle tronco jaz.

(1) *Crastos* ou *Castro* é o nome d'uma herdade junto ao Chevora, que por ter uma torre muito erguida os hespanhoes da fronteira chamam *Torre Alta*.

do que o velho guerreiro se reprimira e seguia de novo entregue á sua silenciosa melancolia, ousou dirigir-lhe a palavra:

— Senhor meu, ieis tão melancolico que por distrahir vossas maguas cantei o rimance de D. Sisnando que ha pouco aprendi de

---

Horroroso e mutilado;
Capacete tem detraz
Luzente inda e bem ornado,
Que dos hombros duro alfange
Co' a cabeça ha derribado...
Ah! que a vista se constrange
De ver tanto malfadado!
Egual dor minha alma sente,
O de Christo vendo ousado,
Morto perto do descrente,
E seu sangue mixturado...

. . . .

Oh Affonso, n'este dia
Grande e rei tu foste alçado:
Co' os teus só (quem o diria!)
Cinco reis has acurvado!..

. . . .

Entre os mortos valoroso
Cavalleiro foi achado
Que rei moiro mui brioso
Na batalha ha prisionado:
Era o nobre Dom Sisnando
De quatro lanças varado!
E seu pagem miserando
Morto ficara a seu lado!

Mestre Ignacio Eanes, o cirurgião : mal pensava eu que meus cantares devessem tanto afligir-vos.

— Bom pagem, já alguma outra vez te internaste d'este lado por terras de moiros?—replicou o ancião com modos de quem senão queria interter na pratica que incetara o donzel a respeito das trovas.

— Senhor, sim — respondeu o pagem — haverá obra de quarenta dias, acompanhando Lopo Vaz quando foi concertar com o moiro Aly-Ibn-Suleyman o resgate da illustre matrona D. Guiomar do Valle e os cinco cavalleiros de sua casa.

— E as velas dos moiros estam postadas muito longe d'aqui?

— Só as vimos para alem da Torre-do-Moiro.

— Da Torre-do-Moiro?

— Senhor, sim.

— Que torre é essa?

— E' um velho edificio com denteadas ameias e medonha apparencia, de que os moiros mal ousam aproximar, por ser habitado por uma feiticeira judia, que, segundo corre no paiz, sóe deixar-se ver

*

frequentes vezes nas cumeadas mais proximas á ribeira. Tambem dizem que ella possue um riquissimo palacio subterraneo aberto nos seios da montanha de Segovia (1).

— Como se chama a judia?

— Chama-se Judith... a sua vida começou bem extraordinariamente...

O escudeiro deteve-se. Era naturalmente falador, e começava a lisongear-se da attenção que o cavalleiro lhe dava: com tudo quiz-se rogado para concluir.

Enganou-se: o velho nada lhe disse.

Mas Rui de Castro não era d'esses faladores que se fazem tão rogados como o avaro por quem lhe pede dinheiro. Vendo que nada lhe perguntavam apressou-se a dizer tudo o que sabia.

— Conta-se — proseguiu elle — que, posta em uma condeça apenas recem-nascida, Judith fôra arremeçada á corrente do Caya, e casualmente salva por um sabio almoravide da celebre familia dos Beni-Alafttas, que aqui vivia retirado na Torre; o

(1) Serra calva, cujas raizes banha o Caya: tem agudo cimo, onde antigamente houve uma atalaya da qual ainda existem restos.

qual a criou cuidadosamente, instruindo-a nas sciencias occultas em que era mui versado.

— De quem houveste essas novas?

— Do velho almogarave (1) que nos serviu de guia e interprete.

— E a Torre-do-Moiro ainda está longe?

— Continuando pela margem direita do Caya não avançaremos muito sem que a vejamos: está assente em pequena imminencia não longe do rio.

— Pois sus, pagem, que para lá é nosso caminho — disse o ancião, picando seu ginete, e galopando ao longo do Caya.

O donzel o seguiu sem fazer mais questões.

Quando os dois viajantes chegaram á Torre-do-Moiro já tinha anoitecido. O velho edificio, conforme dissera o pagem, alevantava-se sobre uma imminencia que tinha a baze nas ribas do Caya; sua forma era rude e acanhada, negros e desmantelados seus muros; cercavam-n'o em torno altos oiteiros cobertos d'azinheiras e mato

(1) Certa cavallaria arabe.

miudo, grandes pedregulháes e asperas quebradas, que negrejando pela ausencia da luz faziam mais sobresair a lugubre apparencia d'esta feia habitação em redor da qual esvoaçavam bandos de corujas, morcegos, mochos e todas as outras aves habitadoras de velhos pardieiros.

O cavalleiro approximou-se á torre, e foi bater rijamente com a manopla em uma pequena porta ao rez do chão. Ninguem respondeu.

Bateu de novo, tornou a bater... nenhum outro ruido se ouviu senão aquelle que os echos lhe devolviam.

O pagem que estava um pouco assustado, e por vezes fizera o signal da cruz antes de chegar á torre, disse então ao cavalleiro:

— Senhor meu, nomeade-vos primeiro... talvez que a feiticeira não queira abrir a porta sem saber a quem o faz.

Por ventura esta indicação pareceu bem ao velho guerreiro, porque alçou a voz, e, inclinando-se até á fechadura da porta, disse:

— Abri... abri, sabia Judith, sou um

cavalleiro que vos deseja consultar, e que de terra de christãos venho chamado pela fama da sciencia que possuis.

Então a porta se abriu de par em par, e ante os olhos do cavalleiro se mostrou uma velha de figura exotica, involvida em longas roupas brancas pintadas de figuras estranhas, emblemas e hieroglificos. As feições da velha eram duras, sua pelle rugosa e trigueira, o nariz proprio da raça, e os olhos pequenos e esgazeados tinham uma vivacidade luciferina. Como a primeira quadra onde a feiticeira se mostrou apparecesse alumiada por reflexos tremulos de côr verdosa, isto concorreu tambem para augmentar a bizarra expressão de suas feições.

Com surriso sardonico ella se indereçou ao ancião:

— Que quererá o filho dos christãos, que assim ancioso procura a despresivel filha dos judeus?...

— Quer pedir-vos lhe ministreis os auxilios da vossa poderosa sciencia, sabia Judith — respondeu o velho guerreiro.

— Acredito que assim é. Quando um

nazareno demanda os filhos d'Israel é, ou para lhes pedir o seu oiro, ou o remedio de males em que só a sua sciencia lhes póde valer...

— Vós não me conheceis, Judith...

— Então e só então — continuou ella sem lhe importarem as palavras do cavalleiro — é que nos fallais fraternalmente, e pondes de parte o vosso habitual modo orgulhoso e altaneiro, e os graciosos apodos de cão judeu, perro descrente, vil marrano...

— Oh, sabia Judith, pelo nosso commum Deus vos rogo que as injustiças e perseguições que ha soffrido o povo de Judá não sejam motivos para deixardes de compadecer um pae afflicto...

— Assim será, christão... nunca trocarei eu affronta por affronta: Deus nos julgará a todos.

— Obrigado, Judith, obrigado...

— Nada me deveis: e entretanto interessais-me mais do que podeis suppor... Eu vos conheço, Fernão de Soisa... sei o que cá vos traz... e o muito que haveis soffrido...

— Ah!... será possivel?

— Alcaide d'Elvas que vindes consultar-me através de tantos perigos, visto que pareceis duvidar do poder da famosa sciencia que cultivo, sciencia tão propria a espantar o ignorante, como a admirar o sabio, ouvi: vós pretendeis saber que solo habita, e que laços prendem vossa unica filha — a luz de vossos olhos, o orgulho da vossa velhice... não é assim, cavalleiro?

— Sim, Judith, sou pae e meu coração está ferido de dor cruel: dizei-me tudo...

— Pois bem: entrai... e tende olhos para ver e ouvidos para ouvir... mas esquecei que tambem tendes lingua! — ajuntou a feiticeira com solemnidade.

O alcaide entregou ao pagem as redeas de seu corcel, e, seguindo a velha até ao interior da torre, parou em outra quadra alumiada por brilhante clarão purpurino que partia d'uma esphera de cristal toda carregada d'emblemas e hieroglificos, e assente em grande cunhal de marmore negro com veios brancos. Ao longo das paredes da casa o cavalleiro viu horrorosas figuras d'animaes ferozes como leões, tigres, ursos, hienas, onças etc., que em vul-

to assemelhavam estas feras na horrida catadura. No meio da quadra elevava-se uma grande figura negra e monstruosa, cujas formas continham em si a mixtura hedionda do homem e da serpente; estava enroscada em uma columna de marmore de pequena altura, e segurava na mão direita um compasso, e na esquerda um circulo negro, onde avultavam diversas figuras cabalisticas, e caracteres egypcios de resplandecente brancura.

De cima do cunhal de pedra a feiticeira tomou uma pequena vara negra e luzente: descreveu com ella no ar dois circulos luminosos, e no centro de cada um brandiu a vara por tres vezes. A este conjuro todos os vultos d'animaes ferozes pareceram animar-se, e seus olhos brilharam como carvões em braza. Então partiram dos labios da feiticeira certos sons mal articulados, e assim que elles foram ouvidos resoaram logo horrorosos bramidos que fizeram estremecer a abobeda, e aterrariam a qualquer homem que não fosse o alcaide-mór d'Elvas.

Em seguida a feiticeira feriu com a vara

magica a cabeça do monstro negro, e, alem do som metalico agudo e prolongado que produziu a rija percussão, a cabeça exhalou por alguns instantes vivas chammas acompanhadas de continuas crepitações.

Os bramidos cessaram instantaneamente. A feiticeira disse alto com solemnidade:

— Vaso de vil pó, que imitas os espiritos immortaes, recebe a vida ficticia que te eu dou e obedece...

E de feito o monstro moveu o braço direito, e com o dedo indice começou a bosquejar no circulo differentes figuras que a feiticeira observava com a maior attenção. Por fim deu uma forte pancada no circulo, e retomou a sua primeira postura, guardando completa immobilidade.

Depois a feiticeira deus tres passos, resmungando algumas palavras a cada um d'elles, e com a ponta da vara desenhou no chão em linhas de fogo um crescente; no concavo do crescente abriu uma cruz, e pronunciou sobre ella palavras barbaras, agitando a vara de continuo. Successivamente sairam da terra raios de luz brilhantes como o dardejar do sol no occaso,

seguiram-se-lhes negras sombras que tudo escureceram, e apoz ellas surgiram roixos reflexos como os da aurora. O corpo da judia tremeu então : as faces se lhe afoguearam, contrahiu a boca, rangeu os dentes, e seus olhos esgazeados ganharam um brilho espantoso : o relancear d'elles, porem, tornara-se vago e incerto. N'este estado ella clamou com o fervor da inspiração :

Fulgem no cerro
Paços lustrosos,
Jardins frondosos
Para admirar :

Divaga o açor
Longe da preia,
Porque o salteia
Fatal pezar...

Branca pombinha
Busca innocente
Myrto florente
Onde poisar ;

Maguas d'amor
Doces, crueis,
Que os menestreis
Bem sóem cantar,

Rasgam-te o peito,
Terna avesinha...
Mais val mesquinha
Prompto acabar.

A feiticeira parou em seu extasi sybilino: e o ancião, não comprehendendo o enigmatico sentido de suas palavras, a encarava com estranheza: até que tornada a seu estado natural, ella lhe disse com rosto contristado:

— Cavalleiro dos christãos, ante meus olhos acaba d'abrir-se o vasto panorama do mundo! Hei visto n'elle... mais d'um pae desconsolado, mais d'uma donzella... seduzida!

— Que quereis dizer? — perguntou o cavalleiro com os labios convulsos.

— Ah... não quizera ferir tão cruamente o coração d'um pae... tende coragem pois para supportar o infortunio...

— Acabai por Deus! — replicou o ancião, tornando-se livido como um finado.

— Alcaide d'Elvas, vossa filha... existe nos braços d'um agareno!

— Nos braços d'um moiro, Angela minha filha?.. Oh feiticeira infernal, men-

tis... minha filha jamais ousaria deslustrar com as manchas da deshonra o nome puro de seus antepassados — clamou furioso o nobre guerreiro.

— Pobre cavalleiro... como vos cega o pundonor, ou mais bem o orgulho, pois não vedes que o amor eguala a condições, e destroe as crenças, como despresa as hierarchias sociaes! sim, nazareno, acreditai quanto vos digo: vossa filha amante e amada reputa-se venturosa na sua actual existencia...

O velho alcaide ficou por alguns instantes como fulminado sem ousar levantar os olhos do chão: até que, pondo as mãos e fixando a abobeda, disse com dolorosa expressão:

— Meu Deus!.. meu Deus!... que peccados hei commettido para ser tão cruelmente castigado? — dirigindo-se depois á feiticeira continuou — Judith, vós de certo não me enganais, porque isso seria horrivelmente cruel... dizei-me pois como ha sido que minha indigna filha degenerou dos brios de seus maiores... até ao ponto de descer á vil classe de... barregan...

—D. Angela cedeu aos fados: o dedo do Eterno escreveu seu destino como no monte Sinai escrevera as taboas da lei ante Moisés!

— E quem é o seductor infame?

— Seu amante é o principe Achmet, sobrinho do emir de Badajoz Abdallah-el-Mondhir. Ambos se acham encantados em um castello invisivel, construido para elles por Ulina, rainha das fadas. Esse castello dista apenas de nós uma legua!

— Pois, Judith, se este infeliz velho alguma compaixão vos inspira; se o vosso coração não é surdo ás vozes d'um pae inconsolavel e offendido... ah fornecei-me os meios para a vingança: dizei-me como posso atravessar o coração covarde d'esse perro infiel... oh Judith, dizei-mo já...

— O poder que guarda o principe é immensamente forte, Fernão de Soisa... toda a minha sciencia fôra inutil para servir á vossa vingança. Porem o que a mim não é dado fazer é para vós facil d'executar. No dia de San'João ao raiar do sol o encanto quebrará, se o principe antepozer ao amor a gloria dos combates.

—Mas, Judith, que posso eu fazer?

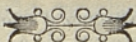
— Tudo: fronteiro ao cume onde existe o Castello-do-Amor ha um alto monte que no paiz chamam a Cabeça-aguda: em seu cimo a natureza formou um vistoso plaino que domina todos os valles e colinas que o circumdam. Se no dia de San' João, quando o sol fôr nado, o alcaide d'Elvas e seus bravos cavalleiros houveram lá formado um hallucinador torneio, o joven agareno, arrastado sem duvida por seus instinctos guerreiros, abandonará o castello e o encantamento será desfeito: mas ai dos nazarenos que se não guardarem bem dos golpes de seu temivel alfange...

— Oh Judith, morra embora o velho Fernão de Soisa, mas vingue elle o ultrage que se lhe ha feito... adeus... obrigado — disse o alcaide, saindo da habitação com os olhos cheios de lagrimas e os punhos cerrados de colera.

— Ide-vos em paz alcaide-mór d'Elvas, a fortuna acompanhe vossos passos.

O alcaide saíu da torre menencorio; tomou das mãos do pagem as redeas do corcel, e cavalgando d'um só salto, voltou

pelo mesmo caminho que trouxera quando veiu para a Torre-do-Moiro.

O abatimento do nobre ancião era tão grande que causaria dó a quem bem o observasse.

VI.

CASTELLO-DO-AMOR.

> A embriaguez d'amor e dos prazeres
> Ai! perpetua não é: o bello moiro
> Da formosa abbadeça aos lindos braços
> Já tão sedento de prazer não corre.
> Saciedade fatal! — Em vão te esforças
> Delicado amador, por encubri-la!
>
> *Visc. d'Almeida Garrett* — D. Branca.

É uma tarde do estio...

Reina socego em toda a extensão d'um prado immenso, onde só as aves interrompem com seus descantes o silencio da natureza: passa a brisa branda e seca, e faz balouçar as verdes folhinhas, que incoscoradas se debruçam á espera dos orva-

lhos da manhan, os quaes, suavisandolhes os tecidos, ao mesmo tempo robustecem seus succos vivificadores.

E' suave o prazer que se goza em meio d'este prado; mimoso pela fresquidão de sua relva densa e vecejante, que offerece aos olhos formosos tapetes matizados de flores, bellissimas mezas e graciosos leitos aveludados. Mas o lizo d'elles faria pensar que nunca pé humano os ha pizado, se desde logo tanta perfeição e harmonia tão constante não revelassem uma mão sobrenatural, mão de fadas, forcejando por exceder a propria natureza.

E todavia n'este delicioso plaino não avultava nenhuma das bellezas creadas pela poderosa imaginação do homem — nenhuma d'aquellas obras que tão alta ideia nos dam da sua audacia. A copia da natureza era perfeita n'este painel mais bello ainda por sua servil simplicidade...

D'onde partem, porem, os preludios melancolicos que distantes sôam? Quem n'esta campina, rica sem arte e bella sem magnificencia, diverte suas magoas, entregando ás auras tão maviosos sons?... oh...

lá diviso angelica beldade... é sem duvida alguma linda fada, que imbebida em seus pensamentos dedilha no romantico alaude, assentada junto a verde alamo. Ella chora... chora talvez por seus amores... chora alguma ausencia, que ingratidão não póde ser, porque ingratos não ha para taes bellezas.

Ouçamos o descantar d'este anjo dos bosques.

CANÇÃO DA DAMA.

Vida minha... minha vida,
Escrava vida d'amor...
Envenenados prazeres
Doces em meio da dor!

Dor d'amor... terrivel dor!
Prazeres... quanto sois breves!
D'uma fica atroz tormento,
D'elles... só imagens leves!

Leves como p'ra mim foram
As memorias do pae q'rido,
Que culpada ingrata filha
Tão depressa ha esquecido...

Esquecido!.. Ouso dize-lo
E os raios o Ceu sustem?
Quem o pae ha olvidado
Deus olvidará tambem.

Tambem... de Deus me esqueci!
Tudo ousei abandonar,
Quando corpo e alma dei
Ao bello filho d'Agar.

Agar — fatidico nome
Do deserto aos filhos dado,
Oh quanto tu de mim foste
Outr'ora já detestado!

Detestado... sim o era...
Mas não sei por qual poder
Minha aversão vehemente
Tão facil foi de ceder!

Ceder!.. e quem evitara
Este meu fado pod'roso?
Qual donzella repellira
Joven moiro tão formoso?

Formoso como não ha
Por toda essa terra hispana,
Que o Minho banha e o Doiro,
O Tejo e o Guadiana.

Guadiana e tu, oh Caya,
Echos de minha isempção,
Ai de mim! que recordar-vos
E' partir o coração.

Coração que tanto soffre,
E p'ra quem amor bastara,
Se cruel dura indiff'rença
Almos gosos não mirrara!

Mirrara embora o destino
De minha existencia a flor...
Mas no despedir da vida
Crer podesse em seu amor...

Aqui findou o canto da terna e melancolica dama: os braços se lhe distenderam por um extremecimento nervoso, e o alaúde escorregou sobre a relva...

Lá apparece entre as arvores uma cabeça de mancebo. Ei-lo que se indireita, occultando o volume de seu corpo na espessura d'um tronco annoso: olhai como estende o pescoço, e com anciosa curiosidade observa os movimentos da dama... com que ternura elle a fixa!... Ah venturoso joven, um pouco tarde vieste...

E a dama?

Assentada em grande tosca pedra que quiçá por contraste fôra collocada entre a verdura, tem encostada a cabeça sobre a mão direita, e o cotovelo apoiado na pedra. Vê-se em seu rosto doce palidez, e pelas faces lhe correm algumas lagrimas...

Depois d'alguns minutos de curiosa observação o mancebo se encaminha para ella com ar de terno interesse. Ao aproxi-

mar dos passos, a dama alevanta a cabeça, volve-a para o lado onde o ruido se faz ouvir, e logo que vê o mancebo põe-se em pé, e limpando a furto as lagrimas lhe diz com doçura:

— Achmet... ah!... és tu?

— Sim, Angela, sou eu que venho pedir-te contas das horas, dos minutos, dos instantes que assim me roubas: sou eu que venho perguntar-te, meu anjo, porque me foges — respondeu o principe, deitando os braços á cintura da dama, e unindo seus labios aos labios d'ella. Depois tomou lugar a seu lado no musgoso assento.

D. Angela em vez de replicar... suspira: mas quasi ao mesmo tempo surri com complacencia.

— O que é isso, Angela, nenhuma resposta?... não é assim que tu sóes tractar-me... Que terei feito para haver motivado a frieza que observo em teus modos?... Oh... fala, anjo meu, dize... és por ventura menos feliz do que já foste?

— Feliz!... ah... eu ainda me reputo feliz junto a ti; mas...

— Mas o que?... continúa...

— Desgraçadamente parece-me que tu não o és tanto...

— Não... ah... quero dizer... que te enganas. A teu lado... sou completamente feliz... sim, tenho-to repetido muitas vezes: renunciei á gloria, ao mundo... a tudo emfim para viver em teus braços... bem o sabes tu.

— E porque o sei, Achmet, não ignoro que estás mudado: sei que te sirvo de pezo... que sou um obstaculo para te entregares ás tuas paixões....

— Angela, quem te disse isso?

— Quem?... acaso preciso eu que mo digam?

— De certo... tu não podes ter visto isso de que tão seguras falas.

— Quizera que assim fosse, Achmet... infelizmente não é assim.

— Oh... tu me surprehendes... dize pois como e quando o viste.

— Sim, principe, eu o vi... vi-o em um espelho bem fiel... espelho mais verdadeiro ainda do que aquelle que Ullina me deu, e que por inutil despedacei: vi-o no teu semblante que é o espelho onde eu me ve-

jo, como o meu devera ser aquelle em que tu te olhasses. Ah Achmet, Achmet, o rosto da mulher que ama é como uma lamina pulida para seu amante: alegre está elle, alegre ella lh'o volve... se frio.... se indifferente da mesm'arte lh'o reflecte. Mas desgraçadamente ha sob essa lamina um coração que sente todas as mudanças que se operam!

— Eis-me aqui mais admirado ainda... não comprehendo, Angela, a tua engenhosa hyperbole — proseguiu o principe, fazendo uma pequena contracção com os labios, que trahiu certa confuzão que pretendia occultar.

— Não me comprehendes? tanto peior para mim, pois tenho que falar-te mais claramente do que quizera... Dize-me, principe Achmet, o teu amor não tem diminuido? Esse fogo, que ardendo em teu peito abrazava meu coração, por ventura não o deixaste extinguir?

— Extinguir?... ah tu és bem mofina, oh Angela, quando al acreditas! extinguir-se o meu amor?... oh nunca... nunca...

— Quizesse o Ceu, Achmet, que em

lugar d'um protesto gracioso, que ora me fazes, sentisse teu coração quanto dizes... ah... então fôra eu completamente feliz!

— Anjo meu — exclamou o moiro, comprimindo entre os braços a queixosa belleza — como te has prevenido d'ess'arte contra mim? Não sou eu todo teu como tu és toda minha?

— Sim... tua sou eu... como o sangue pertence ás veias, como a alma ao corpo, como todos nós a Deus... mas posso dizer de ti outro tanto?... quizera crê-lo... ao menos... que meus soffrimentos foram menores; porem não posso...

— Por Allah, te juro que não comprehendo ainda.

— Oh... e quererias que eu dissesse tudo?

— Sim... tudo... tudo sem rodeios.

— Pois bem, principe, como assim o exiges ser-te-ha patente a verdade toda... verdade cruel que envenena a minha existencia. Tu ja me não amas!

— Ainda isso, Angela? dá-me as provas d'essa asserção que tanto me offende.

— Ouve: é teu ar distrahido, que de-

nuncia a nova direcção dos pensamentos só d'antes a mim votados: é o teu silencio, expressão do descontentamento que te consome: sam teus modos gelados, em vez de fogosos como outr'ora: sam emfim essas caricias forçadas, retrato infiel d'outras mais ternas.

— Angela, tu és injusta commigo, porque me não julgas como deves: o amor tem diversas phases, e só um excesso de sensibilidade póde fazer com que mal se apreciem: os sentimentos do amor não satisfeito, do amor que é todo idealidade e nada gozo, que é todo alma e não sentidos, sam arrebatados como a corrente caudal que invade as margens, e arrasta as areias e seixos em seu caminho: pelo contrario, quando o amante nada tem a pedir, e sua amada coisa alguma a recusar, isto é, quando, rasgada a aurea teia d'illusões, gozamos do amor sem os prestigios da poesia, os sentimentos que nos encadeiam a alma tornam-se doces e apraziveis, posto que sem enthusiasmo, por ventura sam mais fortes, mas menos arrebatados — é o lago de limpidas aguas que correm sem

ruido, e que tem a superficie liza, porque a corrente é mansa.

— Sim... concebo toda a força d'esse bello sophisma... sei quanto valem os subtis paradoxos, que se produzem com o fim d'atenuar a mais terrivel de todas as decepções... Mas ah... não é por ventura bem doloroso, que a mulher que ao homem ha votado tudo quanto humanamente votar-lhe póde — a mulher que por elle ha esquecido patria, pae e o mesmo Deus que o ser lhe dera, não possa ver nos olhos do amante o mais tenue reflexo d'esse fogoso sentir que ao crime a arrastara — d'esse mago deleite que transplantado lhe parecera do Eden?... Oh, Achmet, apertar nos braços d'amante, sem exhalar uma queixa, o homem que se deixa embalar por sonhos d'ambição... que se julga infeliz em ser amado... que esqueceu todos os sacrificios que exigira... que calcou aos pés tantas illusões... ah... é impossivel... não posso... não posso tanto...

— Angela, a tua extremada sensibilidade constitue-te atrozmente cruel para commigo: esse enthusiastico fogo d'alma, a

que chamam amor, se abraza e consome antes da ventura do gozo, é suave e lento depois d'elle: a causa d'esta mudança não provem do amante e sim do homem, não é do coração, é da natureza: culpa a Deus que assim nos ha formado — a Deus que creou todos os nossos sentimentos.

— A Deus não culpo, Achmet, que Deus é justo.

— Sim o é, e seu saber immenso. Dize: que laços mais ternos e duraveis ha que os da verdadeira e doce amizade?... Que maior ventura que a de dois corações que mutuamente se amam sem as penas e inquietações do fogoso amor?

— Formosa linguagem é essa, meu Achmet, bella linguagem para consolar pobres damas enganadas no seu primeiro e unico amor!... Mas dizei cá, joven principe, foi assim que haveis falado á virgem christan nos paços da ilha encuberta? Foi esse futuro tão pobre d'illusões que apresentastes a seus olhos repletos d'innocencia e amor?

— Oh... por Allah, que nos vê e nos ouve, não menos-prezes tão cruelmente o

amor que meu coração te consagra! Tu te has mostrado, Angela, demasiadamente egoista no teu amor de mulher — de certo o mais ardente dos amores, mas que não póde absorver sempre todas as nossas aspirações... Ah... tuas queixas vieram abrir em minha alma insoffrivel chaga... sim: tu soffres porque o amor que arde em meu peito exhala labareda menos brilhante... e eu nada terei a soffrer? nada por ventura haverei sacrificado a esse amor que julgas extincto?.. Aonde estou eu — para onde caminho — qual é o alvo de meus desejos — em que se cifra o meu futuro?.. Ah! eu o direi por ti. Estou em um castello encantado nos braços do amor, mas votado entre os meus á obscuridade e á deshonra: meus desejos são sonhos infantís, minhas esperanças delirios d'imaginação, o meu futuro é o nada despresivel e ignorado! Caminho por uma estrada que não tem fim, pizando flores e perfumes; mas de tão longo caminhar nenhuns fructos restarão! Oh.. que te parece?.. não será tambem doloroso para o mancebo que tem uma patria cuja ventura e gloria pré-

za — um nome cujo brilho devera augmentar — uma reputação de que escravo soia ser, não será doloroso, pois, ver a primeira abandonada por elle a seu mau destino — deshonrado o segundo por sua vida molle e efeminada — e perdida a ultima sem remedio?.. Angela, Angela, e queixar-te-has tu ainda porque meus transportes não sam tão fogosos?... oh não o espero... justiça deves fazer áquelle que nem por momentos deixou ainda d'amar-te...

— Ah... não te amofines, meu Achmet, perdôa...

E o terno principe, sem lhe deixar acabar a phraze, enleiou com seus braços o corpo palpitante da amorosa dama, que, sensivel e pezarosa encostou sua face pallida e humedecida de pranto ao varonil semblante do moiro, beijando com ternura seus longos e annellados cabellos.

Era tão tocante este espectaculo! Tem tanta magia as reconvenções carinhosas d'um amor excessivo e ardente!

Mudos ficaram os amantes: mas que expressão tão doce tinha aquella mudez! Que ineffavel gozo lhes coava dos olhos

ao coração transmittido por suas vistas languidas e apaixonadas!

. . . .

— Oh doces instantes! por gozar-vos leda soffrera seculos d'amargores!

— E eu por estar junto a ti, oh Angela, renuncio sem magoa á gloria... ao mundo!

Taes eram as phrazes que os amantes trocavam entre si em meio dos mais fervidos transportes...

Nos deleites da ventura
Suas almas se imbebiam,
E os amores lhes serviam
Doce nectar sem mixtura.
Oh gozo que d'alma vem!
Da terra... oh supremo bem!

Quanto póde em alma terna
De seus gozos o maior...
Mago encanto que d'amor
Sua força traz superna,
Se é delicia imagina-lo,
Mór delicia inda é goza-lo...

Mas onde ha prazer duravel
Repetido sem cessar?...
Quem póde o curso parar
Da cega fortuna instavel,
Se aos caprichos só afeita
Justiça e rasão regeita!

Ella já cruenta e fria
Sua dextra aparelhava
P'ra cortar com força brava
Doce laço que prendia
Dois amores vehementes,
Verdadeiros, mas diff'rentes.

VII.

O TORNEIO NA CABEÇA-AGUDA (1)

> Justaram lanças: lanças se quebraram.
> Espadas nuas — e as espadas cruzam.
> Golpe é mortal cada um: broqueis aparam
> Os duros botes co'os espontões duros.
> Nunca taes campeões juntou a guerra
> Em prova singular de brio e força.
> *Visc. d'Almeida Garrett.* — D. Branca.

O que vai por essa villa d'Elvas desde que as sombras da noite suppriram os fulgores do sol de 23 de Junho...

Que arruido sôa lá fóra nos ouvidos do zagal que depois de recolher no bardo a

(1) E' improprio o nome posto a este cerro, pois de lado algum apresenta um cimo agudo que motive a designação.

sua grei, fixa com tristura a distante povoação, illuminada toda por innumeros fogos de rosmaninho e alecrim... Com que saudade se recorda elle do San'João do anno anterior — d'aquella noite em que tantas fogueiras saltou, seguido sempre pelos requebrados olhos da sua gentil namorada, que lhe gabava a ligeireza e graça de seu pular...

Dentro da villa como tudo está alegre!.. N'essas ruas tão afumadas cruzam-se bandos de foliões que ao som d'anafilis, atabales, trombetas e sacabuxas, executam danças moiriscas, vozeam e saltam, fazendo grotescas truanices, que interteem a hilaridade continua da multidão que os cerca...

Como sam vistosos tantos ranchinhos de frescas moças, que perto das fogueiras dançam umas com outras, e a furto alguma vez interrompem as figuras da dança para aventurarem um saltinho por cima d'ellas, com o risco de deixar ver seus roliços contornos, e chamuscar a encadeada franja da branca anagua....

Tudo isto que tão lindo é de ver, e tanto occupa a imaginação do povo, se re-

*

produz de rua em rua, de casa em casa, porque em toda a parte é egual a alegria na noite de San'João.

E nem só por taes folgares é aprazivel esta noite ruidosa. A tradicção, tornando-a a mais poetica de todo o anno, tem-na rodeado d'um sem numero de praticas supersticiosas, a que o povo, com a sua habitual candura, presta a melhor fé do mundo.

A' meia noite, ponto de partida de todos os mysterios d'esta noite fatidica, começa pois a segunda parte — por ventura a mais importante — dos folguedos populares. Sam as experiencias dos amores.

Quanto é então curioso observar o afan com que as damas preparam os pequenos papeis onde escrevem differentes nomes — um dos quaes é sempre o do amante — e os deitam fechados em um copo d'agua, exposto aos orvalhos da noite, que milagrosamente restituem aberto aquelle que tem escripto o nome do que virá a ser esposo....

E as chamuscadas alcachofras, cujo florir é signal de proximas vodas....

A bochecha d'agua até que seja ouvido um nome que com ancia se espera....

A gema d'ovo onde se vê o destino e profissão do futuro esposo, e ás vezes os contornos do tumulo....

A moeda deitada na fogueira, e que de manhã se dá ao pobre....

A escolha, feita d'olhos vendados, entre o livro, a terra e a chave posta no bufete....

As favas vestidas ou nuas, emblemas da riqueza e da pobreza...

Ai bello San'João! que divertido tu és com tuas devotas romagens, com teus prazeres singelos, com tanta variedade emfim...

Deixemos, porem, o frenetico foliar do vulgo, e façamos por descobrir a causal do tropear dos ginetes, que se faz ouvir em uma escura corredoira pegada á principal das portas da villa...

Oh... para lá caminha um cavalleiro negro... quem será elle?...

Aonde vás, alcaide d'Elvas, acobertado sob essas armas de mau agoiro, de viseira derrubada e capacete sem timbre nem

pluma, seguido de teu joven escudeiro que como tu inverga tambem negros vestidos? Aonde vás assim por entre os folguedos d'esse povo que te ama, e que se bem conhecera os crueis soffrimentos de tua alma menos jovial estaria? Alcaide d'Elvas, tu corres sem duvida á vingança pelo cholerico afan com que esporeias teu ginete, e mais ainda pelos olhares de relance, que deitas sobre o pezado montante que ao lado te pende...

De feito o alcaide-mór d'Elvas coberto de negra armadura, e acompanhado de seu escudeiro, seguia pela corredoira a todo o trote, demandando um pequeno largo onde o esperavam de cincoenta a sessenta cavalleiros, que com os pagens e homens d'armas a elles aggregados formavam um troço de cavallaria tão luzido como respeitavel.

E a este tempo, que seriam onze horas da noite, era tão forte e confuso o ruido de vozes diversas, alevantadas de todos os lados da villa, que no ar produzia um borborinho clamoroso e unisono, como se uma revolta popular houvesse estallado dentro da povoação.

Lá se abaixam as pontes levadiças para dar franco passo á numerosa cavalgada... Ei-la se encaminha ao Caya.

Um religioso silencio acompanha os cavalleiros em seu rapido trajecto: parecer-vos-iam sombras moventes balançando-se ao longo dos arvoredos, se o tropear dos ginetes, e o tinir dos montantes não denunciasse uma tropa guerreira que caminha.

Deixam sobre a esquerda a serra de Segovia com seu pincaro agudo e calvo espinhaço, e passam o rio sem que a agua molhasse as ferraduras dos ginetes; porque o Caya é tão manso e pobre em Junho, como rico e suberbo na estação das chuvas. D'ali dirigem seus passos em direitura á Cabeça-aguda, serro fronteiro a uns aduares de moiros que, ao nascer do sol, os cavalleiros lobrigaram na encosta de pequeno monte.

Vai passada a noite... a aurora começa a surgir no horisonte: esparge-se nos campos uma luz frouxa e duvidosa, e pouco a pouco por entre suas roupas alvacentas vem fulgindo igneo clarão. Quando os

primeiros raios do sol desabrocharam no oriente, já todos os cavalleiros estavam agglomerados no alto da Cabeça-aguda. Obreiros, enviados algumas horas diante, preparado lhes tinham uma liça oblonga tão irregular como promettia o espaço plano que offerece o cume, e as horas inconvenientes em que os trabalhos hão sido feitos.

Mas que scenas tão patheticas haviam tido lugar pouco antes dentro dos paços maravilhosos, onde o bello moiro e a linda christan estam encantados! Não me é possivel, que se o fora... eu tentara aqui reproduzi-las...

— Ai Achmet... Achmet — dizia a dama toda chorosa enlaçada ao pescoço de seu amante — a hora fatal aproxima, e o latir de meu coração reforça o intimo convencimento em que estou de que serás perdido para mim quando o sol for nado!

— Linda Angela, meu doce bem, desterra esses vãos presagios, e conta que o meu amor é por si só capaz de vencer os proprios fados...

D'est'arte praticando á espera da ma-

nhan, os dois amantes mixturavam com a pratica doces beijos. E era em um jardim embalsamado por embriagadores perfumes, o qual alumiavam como de dia luzes artificiaes reverberadas por pomos de varias cores pendentes d'arvores, era ali, digo, que o ditoso par via passar as horas do somno, agradaveis para todo o vivente e deliciosas para elles, porque apenas serviam de tregoa a seus prazeres...

Olhai que golpe de vista apresenta o alto da Cabeça-aguda na arraiada d'este bello sol de Junho! Quantas armas lustrosas — quantas cores alegres nas plumas dos morriões — quantas divisas caprichosas resplandecem nos escudos de todos esses guerreiros!

O montão de cavalleiros que ali está reunido tem mais d'uma vez feito recuar os terços africanos do emir de Badajoz. Nem áquem, nem alem do Tejo ha paladins mais bravos e galantes, mais leaes e generosos do que esses, que ora se preparam a entrar nas justas: esforçados no campo, cortezes nos seraus, seduzem tanto pela fama, como subjugam com a presença.

Já se espalha nos campos circumvisinhos, indo acordar o pobre moiro habitante dos proximos aduares, o clangor das trombetas, charamelas, atabales e sacabuxas. Vai começar o torneio. Fóra da liça os cavalleiros se aprestam: fazem apertar as silhas dos ginetes, e entre os braços nervosos agitam com garbo e louçania as grossas lanças.

O alcaide d'Elvas nomeou já com geral aprazimento os mantenedores do campo; e já elles tomaram seu lugar na cabeceira da liça, fazendo suspender seus escudos á porta d'uma tenda que pegada se vé á estacada.

Que galhardos sam os tres cavalleiros nomeados!

Tristão de Vasconcellos, que traz ao lado em lugar de montante um rico alfange moirisco, que nos campos do Algarve arrancara com a vida a Abd-el-Ruf, moiro de grande nomeada: Mem d'Abreu, apregoado pela fama como o mais robusto cavalleiro d'Alem-Tejo: Lizuarte de Sá, mancebo de grandes esperanças, que de simples pagem de lança d'el-rei D. Sancho

fôra por seu valor elevado, havia pouco tempo, á dignidade de zaga. (1)

Ao som de trombetas bastardas dois arautos entram na liça, e leem em voz alta as ordenações para aquelle torneio, publicadas em nome do alcaide-mór d'Elvas. Permittia-se n'ellas o combate á espada, quando corridas tres lanças nenhum dos cavalleiros tivesse desvantagem; e estabeleciam-se outras provisões judiciosas, no intuito de prevenir desagradaveis contendas. O alcaide d'Elvas reservava-se o direito de poder suspender os combates singulares, quando tivessem lugar entre cavalleiros christãos.

Concluida a leitura um dos arautos assim clamou:

Cavalleiros d'algo filhos (1)
De nossas terras brazão,
Festejai vossos amores
» Que é dia de San'João.

---

(1) Cargo que no começo da monarchia correspondia ao que depois se chamou — *adail*.

(1) Fidalgos.

Cortezes sede e briosos
Como firmes sois no arção,
Pelejai pela belleza
» Que é dia de San'João.

A' liça correi ardidos
Com valor e promptidão,
Saúdai o sol nascente
» Que é dia de San'João.

Avante... rompei a justa
Que moiros vos vendo estam,
Batalhai com ancia e brio
» Que é dia de San'João.

O alcaide fizera tambem dividir o campo, e nomeara por juizes do torneio tres cavalleiros velhos.

As justas começaram.

D'entre as alas dos cavalleiros rompeu um de garboso porte, coberto d'armas brancas com uma espera d'oiro no escudo, o qual entrando pela porta aberta na estacada circulou a liça, e, feitas as cortezias do estilo, foi tocar com o conto da lança no escudo de Mem d'Abreu. O mantenedor avançou promptamente para a liça, e os dois adversarios olhando-se em face, tomaram lugar nas cabeceiras em

frente um do outro com as lanças enristadas.

Cada cavalleiro escolheu então o lugar e posição que mais lhe aprazeu para presenciar a justa.

Logo que as trombetas deram o devido signal, os cavalleiros se investiram com furia, e seu encontro foi tão rijo que as lanças d'ambos se partiram até ás empunhaduras; mas como bons justadores ficaram firmes nas sellas.

Gritos d'approvação, partidos de todos os lados do campo, revelaram o prazer e enthusiasmo dos circunstantes pelo bom resultado da primeira carreira. E a ruidosa musica fez-se de novo ouvir, em quanto os pagens forneciam outras lanças aos contendores, que satisfeitos de si retomaram vagarosamente seus lugares nas cabeceiras; e ahi os escudeiros apertaram as silhas de seus ginetes.

Tudo está em silencio.

Sôa novo signal d'arremetter. Os justadores apertam as pernas com vigor, e os corceis partem como settas. O da espera é desmontado, e Mem d'Abreu, perdido o

conhecimento pela força do encontro, teve de apegar-se ao pescoço do cavallo para não caír.

Vencido e vencedor sam retirados do campo.

Novo campeão se apresenta que vai tocar o escudo de Lizuarte de Sá: era um cavalleiro de corpulenta estatura e largas espaduas, que vestia armas roixas, e no escudo em campo negro trazia pintada a morte. Entrado na liça fez recuar airosamente seu ginete até roçar com as ancas na estacada; mas esta operação equestre mal fora observada, porque outro objecto chamara repentinamente a attenção dos espectadores para o lado do Oeste.

Sobre pequena colina que medeia entre a Cabeça-aguda e o oiteiro onde está assente agora o castello de Campo-Maior foi visto um cavalleiro demandando o cerro a toda a brida: vem armado d'armas resplandecentes d'oiro e pedrarias, e cobre-lhe a cabeça um rico capacete azul claro, em cuja cimeira fulgura aureo crescente; no escudo traz pintado um moiro que quebra entre as mãos uma cadeia doirada, e

tem aos pés de joelhos uma formosa dama offerecendo-lhe com rosto contristado uma cruz. O desconhecido monta ligeiro corcel arabe, que de viveza parece exhalar fogo pelos olhos.

O encanto que retinha o principe Achmet quebrara alfim: seu destino ia cumprir-se...

No instante em que o cavalleiro adventicio chegou ao alto da Cabeça-aguda, o da morte caía por terra ante a lança do bello pagem de D. Sancho 1.º; e entretanto o murmurio de vozes que no campo echoou, murmurio que podia julgar-se um tributo d'admiração geral e prolongado pelo rijo encontro do pagem, só foi na verdade uma saudação quasi involuntaria ao cavalleiro recemchegado.

O alcaide-mór d'Elvas baixara rapido a viseira, e com voz abafada pela cholera pedira a lança a seu escudeiro.

Chegado á estacada o principe inclinou-se levemente ante os cavalleiros, firmando em terra o conto da sua lança: porem, observando que a sua presença causava, como é de suppor, um certo embaraço que

tambem se lhe ia communicando, alevantou de novo a lança, e feriu Alboaden com as esporas. O fiel ginete, quiçá adivinhando a intenção de seu senhor, de dois saltos se colocou diante dos escudos dos mantenedores; e o moiro, tendo-os olhado por um pouco um a um, com o ferro da lança feriu rijamente todos tres. Feito isto, entrou a passos vagarosos para dentro da liça, e a percorreu em redor a todo o trote.

A audacia do cavalleiro do crescente produziu no campo grande sensação. Cada um dos mantenedores pretendia ser preferido para a nova justa. Tristão de Vasconcellos, por ainda não ter justado: Mem d'Abreu, porque o moiro ferira primeiro seu escudo: Lizuarte de Sá pretextava o quebrantamento que devia sentir Mem d'Abreu pela justa com o cavalleiro da espera.

Os juizes decidiram-se por Mem d'Abreu, por ter sido seu escudo que o moiro ferira primeiro. E em seguida o robusto mantenedor, como se nada houvesse passado por elle, cavalgou seu corcel sem pôr o pé no estribo, e entrou garbosamente na liça.

Tocaram as trombetas a investir; e os cavalleiros, partindo como raios, encontraram-se rijamente. A lança do mantenedor desfez-se em rachas contra o escudo do principe agareno, o qual não soffreu outro desar senão perder um estribo. Mem d'Abreu, ferido no peito, ficou estirado no campo.

O mantenedor, declarado vencido pelos juizes do torneio, foi retirado da liça nos braços dos escudeiros.

E um pagem, por cortezia enviado pelo moço Lizuarte, entrou na estacada para apertar as silhas do corcel do principe — serviço que elle recusou, agradecendo porem a cortezia da offerta com uma graciosa inclinação de cabeça.

E logo o antigo pagem de D. Sancho, sem mais esperar, picou seu ginete e como um relampago correu a vingar o companheiro.

O moiro, vendo novo adversario, fez recuar Alboaden até á paliçada.

Enristadas as lanças os cavalleiros romperam um contra o outro ao signal das trombetas. Tal era porem o açodamento

d'ambos elles, que erraram os encontros, de modo que apenas o sarraceno roçou com a lança por uma das extremidades do escudo de Lizuarte de Sá.

Os justadores volveram os ginetes a seus lugares, picados da falta que haviam commettido.

As trombetas fizeram segundo toque, e os cavalleiros, menencorios como de taes eventos soiam ficar, encontraram-se com toda a força no meio dos escudos. O moiro perdeu ambos os estribos, e abraçou-se ao pescoço do cavallo. Lizuarte de Sá teve o escudo falseado, e foi levemente ferido no braço esquerdo: mas, havendo seu ginete deslocado uma perna, o mantenedor teve precisão de saltar logo em terra.

Os juizes decidiram que Lizuarte de Sá, se bem que não fora desmontado no encontro, não podia continuar a justa em corcel estranho: era-lhe porem permittido revindicar-se do desar que soffrera, combatendo á espada quando terminassem as corridas de lanças.

O alcaide mandou dar uma lança nova

ao cavalleiro do crescente, pois quebrara a sua no ultimo recontro.

Tristão de Vasconcellos, o mais formidavel dos mantenedores, entrou na liça para justar: e, abbreviando por fastidiosa a narração de tantos recontros, bastará dizer que á terceira carreira despejou os arções da sella, ficando o moiro tão desacordado do encontro que esteve a ponto de lhe fazer companhia.

Grande rumor e reboliço se alevantou então entre os cavalleiros. Todos a um tempo queriam entrar na estacada, e ser os primeiros a vingar a affronta que um estrangeiro fazia a portuguezes — um infiel aos de Christo. O principe Achmet, parado no meio da liça, contemplava com nobre altivez o afan com que tantos bravos cavalleiros se moviam para vingar o ultrage, que, com o vencimento dos mantenedores do torneio, acabava de ser feito á sua nação.

Foi n'este solemne momento que o alcaide d'Elvas elevou a voz, e disse contra todos, atravessando-se na entrada do campo cerrado:

*

— Alto, cavalleiros, alto... sou eu que devo vingar-vos ou succumbir: bem sabeis quaes sam as rasões que me assistem para dever ser o primeiro que entre em combate. Olá, Rui de Castro, dai outra lança ao cavalleiro do crescente, e ide apertar as silhas do seu valente corcel.

Ouvidas estas palavras todos os cavalleiros se afastaram, deixando franco passo ao donzel para ir executar as ordens que lhe dera seu senhor.

O moço principe consentiu d'esta vez nos bons officios do pagem.

Entretanto o velho lidador esporeava seu ginete com um repente nervoso e colerico; e o valente murzello, infurecido por se ver picado tão rijamente, lançou-se d'um só pulo ao meio da liça, onde fez corcovos tão rapidos e forçosos, que parecia impossivel que o cavalleiro se pudesse suster nos arções. O velho guerreiro conservou-se, porem, inabalavel, e obrigou o raivoso corcel a curvar-se á sua vontade de ferro, domando-o com tanto vigor e garbo como nos tempos da sua mocidade, quando seguia os estandartes do fundador da monarchia.

Tudo é já prestes para a nova justa: os adversarios, medindo-se com curiosidade um, e o outro com furor concentrado, estam ambos egualmente anciosos.

Retine nos valles e oiteiros o toque das trombetas. Os campeões arrancam com ingente força, e a terra estremece sob os pés de seus ginetes. Foram terriveis os encontros: no moiro influia o vigor da mocidade e a ambição da gloria: no velho o odio e a sanha da vingança que anhela. As lanças foram despedaçadas em mil partes nas fortes mãos dos dois guerreiros, e firmes nas sellas elles passaram airosos um ao lado do outro!

Tal recontro admira os espectadores.

Lanças novas lhes são fornecidas. Resôa novo toque, e outra vez as lanças se despedaçam athe ás empunhaduras, os ginetes se acurvam, e os cavalleiros inabalaveis como dois castellos, passam de novo um por outro.

A admiração geral recresce.

Terceira vez tentam a justa, menencorio um, raivoso o outro. Arte e manhas sam despresadas pelos dois illustres adver-

sarios para só usarem da força que a natureza lhes deu. Tremendo foi o encontro em meio dos dois corpos: a terra os recebeu egualmente desaccordados!

Passou-se um breve espaço, durante o qual os pagens correram a desembaraçar os cavalleiros dos estribos; e em quanto elles se repõem da sua simultanea queda, a liça é invadida por muitos guerreiros para melhor presenciarem o combate a pé.

Os dois valentes inimigos, corridos da sua queda, breve se põem prestes para a dura refrega, e levam um do cortador montante, outro do largo alfange. Bem cobertos de seus escudos elles se atacam com furia.

Longo e prolixo fora enumerar os forçosos talhos, e as tremendas estocadas que elles se deram em uma lucta pertinaz de mais de duas horas. Seus corpos já meio-desarmados recebem nas carnes todos os golpes de que com os escudos não podem guardar-se: pelas juncturas das armas dos dois cavalleiros jorra o sangue das feridas que recebem, e todavia seus fortes corações não desmaiam com a diminuição das forças.

O moiro propozera uma vez descançar: porem o iroso ancião respondera a seu pedido com golpes mais duros do que os precedentes: por isso o principe acabou por se abandonar a um furor egual ao que domina o seu feroz inimigo.

Os guerreiros, que presenceiam este porfioso combate, benzem-se d'admiração. Jamais se vira outro tão aspero e ferido entre dois cavalleiros.

Cobertos de sangue, e cançados de batalhar mal param já elles os golpes que se dam: põem mais cuidado em ferir-se, do que em defender-se.

Furioso de ver a crua resistencia do christão, o moiro pega em seu alfange com ambas as mãos, e descarrega sobre o capacete do alcaide d'Elvas um golpe tão pezado que a ser em cheio sem duvida fôra o ultimo; resvala o alfange pelo aço pulido do morrião, vôam em pedaços os garnimentos que o ornam, e descendo vem empregar o resto da força no hombro esquerdo do guerreiro, onde abre profunda e grande ferida. A sensação da dor foi tão forte, que o ancião dobrou um joelho invo-

luntariamente, e entre os dentes se lhe ouviu resmonear — meu Deus! Então o nobre cavalleiro, comprehendendo todo o perigo da extremidade em que se encontra, alevanta ao ar o terrivel montante, e quando o moiro elevava o braço para aparar o golpe no escudo, o ancião lhe enterra um terço da folha por baixo do braço esquerdo.

Tremenda foi a estocada, pois ao retirar o aceirado ferro, um canal de sangue espadanara pela ferida. O moiro soltou um grito abafado, cambaleou, e alfim caiu por terra...

E os espectadores d'esta terrivel lucta não poderam reprimir um grito geral d'admiração.

O combate estava concluido: e o alcaide-mór d'Elvas ia completar com a morte de seu contrario a victoria e a vingança. Já elle desenlaça o capacete do agareno para cortar-lhe a cabeça, mau grado de muitos cavalleiros a quem repugna tanta crueza: já lhe sussurram do peito arquejante sons inarticulados, que revelam seu implacavel afan por banhar-se no sangue do mallogrado principe... mas... oh es-

panto! desenlaçado o elmo... nenhum corpo encontra!

Para exercer seu raivoso furor o velho christão só tem ante os olhos um montão d'armas despedaçadas e sanguinolentas!

EPILOGO.

A fada Ulina, solicita sempre pelos dias d'Achmet, roubara esta victima á foice da morte, encantando o desditoso principe em paragens ignotas onde a audacia dos homens ainda não chegou.

E é crença do povo, que D. Angela, abandonada a seus pezares no Castello-do-Amor,

ainda hoje existe n'aquella morada invisivel, que nenhum bom cavalleiro poude descobrir, mesmo depois do volver de tantos seculos.

Fernão de Soisa, submerso em uma melancolia feroz, que pouco a pouco lhe ia minando a vida, foi feliz em encontrar termo a seus males, alguns annos depois, em uma batalha pelejada contra os sarracenos.

E o povo, que maravilhas
Crê por toda a parte ver,
No dia de San'João
Diz que sóe apparecer
Dama formosa
Toda chorosa,
Os cabellos penteando
A' luz que a aurora vem dando.

No castello onde se mostra (1)
A visão estranha e bella,
Ha quem visse fluctuar
Ricas colxas d'oiro e tela
Por mão de fadas
Tão bem bordadas!...
Nado o sol tudo se esconde
E ninguem sabe por onde!...

(1) E' no actual castello de Campo-Maior.

Tambem crê que n'uma granja
Que da dama o nome tem, (1)
Porque ali desappar'cera
Sem que a visse mais ninguem,
Se póde ouvir
O seu carpir,
Em cada anno um certo dia
Talvez... o da montaria...

Se nos tempos que passaram,
Em que tanto cavalleiro
Demandando as aventuras
O mundo corria inteiro,
Isto constasse
Talvez se achasse
Algum bravo campeão,
Que finasse um tal condão!

Por seis sec'los pad'cer,
Pranto sempre a verter,
Duro é tanto soffrer
P'ra a coitada mesquinha!
Deus queira, pobresinha,
Que presto veja o dia
Em que tanta agonia
Se volva em alegria...
. . . .

E em quanto não chega
O dia afastado,
Em que o desencanto

(1) D. Angela.

Se tenha operado:
Depõe, trovador,
O mago alaude...
Ousado não sigas
Teu cantico rude.

FIM.

POESIAS.

(PELO AUTHOR DO ACHMET.)

> Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
> Nos paços dos senhores;
> Eu jamais consagrei hymno mentido
> Da terra aos oppressores.
>
> *A. Herculano.*

A PASTORA PERDIDA.

BALLADA HESPANHOLA.

(Versão livre.)

— Deus te guarde, pastorinha,
Que fazes a taes deshoras
N'essa vereda sosinha?
— Sahi p'ra colher amoras
Da cabana e me perdi.
— E não tens medo, donzella,
De vagar no campo assi
Sendo tão moça — tão bella?
— Não receio ser roubada,
Pois com riquezas não venho.
— Ai quanto estás enganada!

— No que disse errado tenho?
— Sim: para o instincto do mal
Da tua innocencia a flor
E' sobrado cabedal.
— Não te comprehendo, pastor.
— Dize: se á orla d'um regato
Nasce a rosa, e alcanças vê-la,
Seu aroma e verde ornato
Não te tentam a colhe-la?
Da mesm'arte póde obrar
Um malvado caminhante
E cubiçoso cortar
Com astucia a flor fragante
De tua ignara candidez.
— E se o burlasse bofé...
Resistindo uma e outra vez?
— Famosa resposta á fé...
Ah... ninguem pode dizer
D'esta agua não beberei.
— Mas a rasão d'assim ser
Eu comprehende-la não sei.
— Facil é: d'humilde pó
Somos feitos, e o artista
Afeiçôa-nos sem dó.
— Um coração que resista
E' terrivel fortaleza.
— Com ataques repetidos
Os muros de mais firmeza
Alfim caem destruidos.
— Pastor, e se eu não deixasse
Os ataques repetir?
— Nem assim *terias passe*. (1)

(1) Fraze muito popular na minha terra.

Póde a ovelha fugir
D'entre as garras do leão?
— Não.. não.. isso é verdade:
Estremeço... tens rasão...
Ai! leva-me á minha herdade
Pois se só aqui ficára
O terror em mim é tanto
Que de medo me finara!
— Comtigo irei, e entretanto
Terás um guarda fiel:
O leão (fóge de vê-lo!)
Não cede o instincto cruel
Ante um coração singello...
Vamos pois, linda pastora,
E aprende que n'esta vida
Uma illusão seductora
Póde ser a appetecida
Fructa que pela campina
Vaguear te fez dezejosa,
E perderes-te mofina
N'esta senda perigosa.

O PAGEM CIOSO.

SOLAU.

> E a justa foi muito bem
> justada, e deram-se n'ella
> muytos e grandes encontros
> sem auer perigo algum. (1)
> *Garcia de Rezende.*—Chron. de D. João 2.º

I.

Cavalleiros das Hespanhas
Vinde ao torneio loução
Que em honra dos reaes noivos
Faz o segundo João.
Correi, paladins,
A' liça justar
Briosos mer'cei
Annel e collar.

(1) Estas justas tiveram lugar em Evora no anno de 1490, por occasião dos desposorios do princepe D. Affonso, filho de D. João 2.º, com D. Izabel de Castella.

Já se apregoam as justas
Lá no sul de Portugal:
Já cavalleiros se aprestam
Para o torneio real.
— Oh quem fora cavalleiro
P'ra na liça ser primeiro!
Linda perla de Castella
Real c'roa vem ornar;
E este enlace com gran'pompa
Dom João quer celebrar.
— Ah por Deus! Branca donosa,
Sê p'ra todos desdenhosa!

II.

Cavalleiros das Hespanhas
Vinde ao torneio loução
Que em honra dos reaes noivos
Faz o segundo João.
Correi, paladins,
A' liça justar
Briosos mer'cei
Annel e collar.

« Dai-me cá, dom Lizuarte,
Minha mais forte armadura
Que os guerreiros d'estas partes
Lanças tem de temp'ra dura...
— Oh quem fora cavalleiro
P'ra na liça ser primeiro!

« Não me ouvides, bom donzel,
Estaes como imbevecido...
Escolhei-me empreza nova
Não quero ser conhecido... »
— Ah por Deus! Branca donosa,
Sê p'ra todos desdenhosa!

III.

Cavalleiros das Hespanhas
Vinde ao torneio loução
Que em honra dos reaes noivos
Faz o segundo João.
Correi, paladins,
A' liça justar:
Briosos mer'cei
Annel e collar.

Quebraram lanças com graça
Os que mais destros justavam;
Coube o premio ao justador
Que do *Cirne* apellidavam... (1)
— Oh quem fora cavalleiro
P'ra na liça ser primeiro!
E ao perpassar o do *Cirne*
Dona Branca lhe surria...
E ao ver isso Lizuarte
De ciume se estorcia...
— Ah por Deus! Branca donosa,
Sê p'ra todos desdenhosa!

(1) O cavalleiro do *Cirne* era o proprio D. João 2.º

DOM FLORISEL.

ROMANCE.

I.

Ataballes, charamellas,
Cantos de guerra e d'amor,
Lindas trovas, villancetes
Sôam com grande rumor.
Entre um bando de guerreiros
Vai p'ra a guerra Florisel,
Coberto de fortes armas,
Cavalgando bom corcel.
Ramiro lhe leva a lança
E o escudo dom Dioniz;
Um jogral tambem o segue
Que Gil Joannes se diz.

Cuidadoso em seus amores
Vai tão triste o cavalleiro
Que os folgares não disfructa,
Nem attende o chocarreiro.
Submerso dom Florisel
Em sua doce tristura
Pensa só de Belisanda
Nos agrados, na figura;
De joelhos cuida estar
Aos pés da dama formosa,
Escutando os juramentos
Que lhe fez toda chorosa.
Quanto dera por ouvir
Outra vez a voz sentida
Echoar em seus ouvidos
Esta ardente despedida:
« Adeus lume de meus olhos,
Adeus extremoso amante
Não olvides Belisanda
Qual serei... sê tu constante:
« Pelo Ceu e pela terra
Eu te juro, ó Florisel,
Que com vida ou no sepulchro
Tu me encontrarás fiel... »
E tambem o lidador
Recordava com saudade
O beijo — ardente beijo
Que roubou na escuridade...

II.

A' conquista vai do Algarve
Dos Affonsos o terceiro,
Nobre rei dos portuguezes
E mui bravo cavalleiro;
Seu pendão segue dom Paio,
Dom Paio Peres Correia,
Afamado por façanhas
Que em pregão a fama alteia;
Por Affonso convidado
A esta empreza arriscada
Vem cruzar co'o mauro alfange
A forte famosa espada.
. . . .

III.

Toda a terra *d'Al-Fhagar*
Reconhece um só senhor:
É o moiro Aben-Afan
Aben-Afan Almanzor.
Desde a foz do Guadiana
Té ao Minho portuguez
Lidador não ha mais destro
Mais leal, nem mais cortez;

Favor'cido da fortuna
Nenhum mais, e a natureza
Esmerou-se em o formar
Sem egual na gentileza.
Do *emirado* sarraceno
Nas Hespanhas desligara
Todo o Algarve: e tanta audacia
Mais amado inda o tornara.
E o poder dos agarenos
Nos Algarves respeitado
Nunca fôra como agora
Que tal rei lá fora alçado.

IV.

Rebrame o vento no valle,
No espaço ronca o trovão,
Echôa ruido d'armas
De mortos junca-se o chão:
Rincham corceis indomaveis
Pulam, correm arquejantes
Esmagando em seu caminho
Corpos inda palpitantes;
Por Allah o moiro grita
Batalhando com fervor
Nas muralhas que defende
Palmo a palmo com valor...
E o christão com ancia e brio
Clama já = real, real
Por Affonso victorioso
Sanctiago e Portugal...

. . . .

Bello rei dos mussulmanos,
Soberbo neto d'Agar,
Quem dissera que tão prestes
Teu poder ia acabar!
Tanto valor e pericia,
A fortuna, a gentileza
Tudo acaba n'um só dia
Tal do fado é a crueza!
Nem te valem altas torres,
Bastiões de força ingente,
Ante o Mestre e suas lanças
Arte e força é impotente!
Os muros da forte *Chelb* (1)
O teu alcaçar roqueiro
Não puderam guarecer-te
Contra tão fero guerreiro.

. . . .

Combateste com valor,
O' Aben, mas quiz o fado
Que aos caprichos da fortuna
Tu fosses sacrificado;
Um momento fulguraste
Qual estrella scintilante,
Se correu tua vida breve
Sua aurora foi brilhante.

(1) Silves.

V.

Ao longo do *Guadiana*
Faz caminho um lidador;
Armas rotas traz vestidas,
Espumante o corredor.
Traz o elmo já sem plumas
Seu arnez despedaçado,
E o escudo sem empreza
De mil golpes trespassado.
Pela desfeita armadura,
Por seu porte tão guerreiro
Grande nome nos combates
Deve ter o cavalleiro.
Vem das terras conquistadas
Onde corre a desaguar
A corrente que lhe aviva
As saudades de seu lar;
E parecem occupa-lo
Namorados pensamentos,
Dores d'alma que mixtura
Dam de gozos e tormentos,
Pois em extasi amoroso
Caminhando suspirava,
E com voz grave e sentida
Estas trovas descantava:

O Captivo.

Sendo em terras da moirama
Surprehendido um paladim
Por escravo foi levado
Ao nobre Miramolim.
Tinha o rei moiro uma filha
D'extremada formosura,
Lindos olhos, gentil corpo,
Branca tez, doce candura.
Certo dia de seu quarto
Zulima viu o christão:
D'amores logo rendido
Teve a moira o coração.
Desde então os passa-tempos
Do harem aborrecia;
Desde então só seus amores
Lhe roubavam noite e dia.
N'uma torre do alcaçar
Passa os dias té ao fim:
D'ali vê o bello escravo
Trabalhando no jardim;
E a princeza não podendo
Tanta paixão occultar,
Seu amor tão vehemente
Emfim ousa declarar. . .
Mas a tão terno sentir
O christão não dá valor
E com gelada indiff'rença
Corresponde a tanto amor!

De balde chorou Zulima,
De balde a moira pediu,
O captivo era de bronze
Tal dureza ninguem viu.
«Muito oiro e ricas joias
A's mãos cheias te darei:
Dize só — serei contente
Zulima, eu te amarei.
«Se me queres por escrava
De rojo te servirei:
Porem dize — dize ao menos
Zulima, eu te amarei.
«O teu Deus será o meu
Tua Fé abraçarei:
Ah por Deus!... por Deus me dize
Zulima, eu te amarei...»
Assim Zulima exclamava,
Terno pranto derramando
De joelhos e mãos postas
Piedade reclamando.
E o cavalleiro leal
Por cujo rosto corria
Um aljofar piedoso
D'esta sorte respondia:
«Pobre moira que assim choras
Tua sorte tão cruel
Sabe Deus se estás vingada
Já do ingrato... Leonel...
«Oh perdôa, virgem bella,
Deus não quiz que fosse teu...
Teus thesoiros de ternura
Não devo goza-los eu.

«Entre as donzellas christans
Meus amores escolhi:
Minha fé já estava dada
Quando p'ra guerra parti...
«E o resgate já comprei
Adeus, moira, vou partir
Vou p'ra as terras onde o *Caya*
Nome e aguas vai sumir;
«Lá me espera minha amada
Na palavra bem segura,
O' Zulima, não maldigas
Meu porvir, minha ven... tura...»
E o trovador hesitando,
Estremeceu... suspirou...
Estranhos mysterios d'alma
Aquella corda vibrou...
. . . .

VI.

Que folias e cantares,
Que arruido jubiloso
Vai nos paços onde habita,
Dom Gutérres-o-gotoso!
Quem o crêra—quem julgara
Que Guterres de Miranda
Já tão velho desposasse
A formosa Belisanda?
Belisanda a promettida
Do valente Florisel
Que combate nos Algarves
Contra o arabe infiel!

Quem dissera que ao guerreiro
Tão famoso e esforçado...
Anteposto fosse um velho
Sem renome — e estragado?
Mas é sorte da mulher
Que domina a ambição:
Seu amor — e tudo... tudo
Sacrifica a tal paixão...

VIII.

Se subiste, viajante,
Ao *Segovia* alcantilado
Pela parte onde correndo
Lambe o *Caya* seu costado,
Talvez visses junto ao cume
Erma gruta, triste, escura
Onde um nobre solitario
Vida teve e morte dura.
Palpara as glorias da terra
E as venturas dos humanos,
Isolara-se do Mundo
Farto já de desenganos:
Teve amor e foi amado,
Foi valente, e era nobre,
Por fiel té foi ingrato
Desmer'ceu — porque era pobre!

DOM RODRIGO, O TROVADOR.

XACARA.

I.

Castello d'altas ameias
Alumia o frouxo albor
Da manhan quando trombetas
Ouvir fazem seu clangor.
— Leva acima, Dom Rodrigo,
Dom Rodrigo, o Trovador.

Bradam pagens, escudeiros,
Sôa d'armas estridor
Ginetes rincham nas quadras
Das trombetas ao rumor.
— Veste as armas e cavalga,
Dom Rodrigo, o Trovador.

*

Cahe a ponte levadiça
Sai a passo um lidador
Que encaminha á barbacan
Seu corcel d'escura côr.
—Salvé, Salvé, Dom Rodrigo,
Dom Rodrigo, o Trovador.
Dos filhos do castellão
Dom Rodrigo é o maior,
Mui gentil, com boas manhas
De trovas grande amador.
—Menestrel e cavalleiro.
Dom Rodrigo, o Trovador.
Quatro lustros conta apenas
O novel pelejador...
E com lança ou bandolim
Já não tem competidor.
—Mas não amas, Dom Rodrigo,
Dom Rodrigo, o Trovador.
Em sua alma isempta ainda
A amizade supre o amor,
Ama a patria e ama a gloria,
Os *seus* ama com fervor.
—Deus te guarde essa isempção
Dom Rodrigo, o Trovador.
Ama o bello — o magestoso,
O que é grande — aterrador,
O Sol — o Ceo estrelado,
O Trovão estrugidor.
— E os descantas no alaude,
Dom Rodrigo, o Trovador.
Ama o silencio do bosque,
Do rio, o lindo esplendor
O rude aspecto do monte,
Do mar o bravo fragor.

— Ah... demanda inspiração,
Dom Rodrigo, o Trovador.
Capitão de oitenta lanças,
Cavalleiros de primor,
A' guerra conduz tambem
Com peões cheios d'ardor.
— Guar-te, moiro, d'encontrar
Dom Rodrigo, o Trovador.

II.

» Sôa a trompa sonorosa...
Oh... quizera mais longe ir...
Subirei áquelle cerro
De lá me hei-de despedir.
— Corre, corre, bom murzello,
Presto é hora de partir.
» Geme a brisa nas ramadas
Que o Outono vem despir:
Sam gemidos agoireiros
Que annunciam meu porvir.
— Corre, corre, bom murzello,
Presto é hora de partir.
» Té a agreste natureza
Symbolisa o meu sentir...
Folhas seccas sam meus dias
Que o tufão fará cahir.
— Corre, corre, bom murzello,
Presto é hora de partir.

« Sobre pincaro escalvado
O Sol começa a fulgir...
Outra vez em meus ouvidos
A trompa vem restrugir.
— Sóbe, sóbe, bom murzello,
Presto é hora de partir. »

III.

« Adeus, ó paes,
Irmãos adeus,
Adeus saudosos,
Amigos meus!

» Adeus gothicos muros
Onde a infancia passei
D'amor e ternura onde
Mimos doces gozei.
— Adeus que vou p'ra a moirama
E quiçá não voltarei!
» Adeus, ermas florestas
Devezas, que monteei,
Não mais folgada sésta
Em teus seios dormirei.
— Adeus que vou p'ra a moirama,
E quiçá não voltarei!
» Adeus, margens do *Chev'ra*,
Freixos que eu tanto amei
A' tua sombra propicia
Que vezes meditei!...

— Adeus que vou p'ra a moirama
E quiçá não voltarei!
» Adeus, serras dos *Riscos*, (1)
E alcantis que trepei,
Na soidão de teus cimos
Ante Deus me curvei.
— Adeus que vou p'ra a moirama
E quiçá não voltarei!
» Adeus, ó patrio *Caya*
Segovia onde trovei:
Meus almos devaneios
A's auras lá soltei.
— Adeus que vou p'ra a moirama
E quiçá não voltarei!
» Adeus, montes e valles,
Quebradas que atravessei,
O vacuo de minha alma
A teus echos rev'llei.
— Adeus que vou p'ra a moirama
E quiçá não voltarei!
» Adeus, muro espantoso, (2)
Onde a harpa afinei,
E sombras de finados
Menestrel evoquei.
— Adeus que vou p'ra a moirama
E quiçá não voltarei!

(1) Cordilheira de montanhas proxima a Campo Maior, do lado de Alburquerque já dentro d'Hespanha.

(2) E' o muro arabe de que se faz menção nos dois primeiros capitulos do Achmet.

» Adeus, ó paes,
Irmãos adeus,
Adeus saudosos
Amigos meus!
» La entre os moiros
Terei meu fim...
Orai vós todos,
Orai por mim...
. . . .
» A terra minha
Onde nasci
E onde vivi
Já não hei-de ver?
» E o sol d'inverno
Que tanto amava
Quando monteava
Não me ha-de aquecer?...
« Funesto agoiro
Foge da mente
Que a Fé desmente
Destinos haver... »

IV.

« Que desinvolto á gineta
E' o nosso capitão!
Tão bem posto em seu corcel
Não vi moiro, nem christão...
— Mas porque choraes,
Senhor castellão? »

« Choro a cegueira dos reis...
Choro... por sua ambição...
Choro o sangue que custa
A perda d'uma nação. »
— Agoireiro estaes,
Senhor castellão !
« Vós que estivestes em Diu
E venceste Rumecão
Bem sabeis com que homens conta
Senhor rei Sebastião...
Mas ah... sedes pae
Senhor castellão... »
« Mancebo... tu d'essas plagas
Não pizaste o adusto chão :
Contra os tigres do deserto
Só... não basta audaz leão... »
—» Lembrai-vos de Diu
Senhor castellão !
» Braço forte e boa espada
Tem o nosso capitão :
O alfange marroquino
Não lhe causa medo... não.
— Ainda choraes
Senhor castellão ?...

V.

« Senhor rei Sebastião
Que correis a duras guerras
Mar em fóra contra moiros
Demandando longes terras, (1)

(1) Expedição de Marrocos em 1578.

» Heis-de ver a vosso lado,
Forte rei, a nobrezia
Campear entre a moirisma
Com pasmosa bisarria.
» Perros moiros, heis-de ver
Quanto póde o portuguez
Quando inverga pela Fé
Denso saio sob arnez...
— A cavallo, meus guerreiros,
Não sejamos derradeiros. »

VI.

E o reforço posto em marcha
Caminhou mui aforrado;
E o Trovador, meditando
Em seu corcel debruçado,
Repetia baixo as frazes
Que havia ha pouco trovado.

Adeus, ó paes,
Irmãos adeus,
Adeus saudosos
Amigos meus...

Lá entre os moiros
Terei meu fim...
Orai vós todos,
Orai por mim...

VII.

E de feito sua sina
Foi cumprir o Trovador...
Em *Alcacer* acabou (1)
De seus annos no verdor;
Mas na guerra não caiu
Mais vingado um lidador.

(1) Batalha d'Alcacer-quibir.

LIBERDADE.

(CANTICO D'UM EXCENTRICO).

A toi mon dernier chant.

Eu amei a liberdade
Por instincto e reflexão
Fiz della a minha deidade
Dei-lhe a alma — o coração...
Amei-a com tal delirio
Que em presença do martyrio
Me veriam a surrir...
Amei-a com fanatismo
E sondára até o abysmo
Do nada para a servir.

Eu a amei como quem ama
Da juventude ao raiar,
Amei-a com essa flamma
Que vigóra sem crestar
As illusões d'esta vida...
Que fez de *Bruto* homicida,
Mais que rei a *Cromwell*,
Marcou de *Catão* a sorte,
Levou os *Graccos* á morte,
Nome heroico deu a *Tell*.

Saudei-a como rainha
Quando fui soldado seu...
Não teve por vida minha
Um aulico como fui eu!
O poder de *Roma* ovante
Dezejei, ou de gigante
Ter as forças, e o saber,
Virtude, valor e arte
D' Wásingthon e *Bonaparte*
Para tudo lhe offerecer.

Amei-a como a sonhara
Para mer'cer tanto amor,
Nobre e bella, mas ignára
De vãos tit'los sem valor.
Amei-a muito... e por ella
Dos bandos soffri tutella...
D'elles só — que mais ninguem
Me vira a fronte curvada,
Ou a vontade domada
Nem por quanto o mundo tem.

Assim te amei, liberdade,
Hoje não... que errado hei,
Erro foi, pois nunca hade
Servo ser quem nasceu rei:
E rei sou... bem alto o digo...
De preeminencias imigo
Mal tolero sup'rior...
Inda que arda o Mundo em guerra,
Que algemas cinjam a terra
Eu não hei-de ter senhor...

Sou rei... do meu pensamento,
Meu reinado exerço assim:
« Eu o quero »: e n'um momento
Corre o globo e volve a mim
Tão fiel como fageiro!
Venha tyrano altaneiro,
Traga sicarios aos mil,
Ouse tanto que burlado
Será mesmo tendo ao lado
D'escravos a turba vil.

Dos bandos 'stou livre agora...
Eis como isemptar-me quiz
De prisões duras... embora
Parvos digam — foi desliz.
Livre como a aguia no ninho,
Como a vaga em seu caminho
Detesto arteiras ficções:
Da *ordem* meticulosa
Da hypochrisia vaidosa
Compadeço os histriões.

De tão livre desconheço
Té nas leis d'reito real...
A força, que eu aborreço,
Se é direito é bem brutal.
Essas raças que passaram
Com que rasão se arrogaram
No *nada* poder vivaz?
Que o pretendam as que vivem...
Embora — não o derivem
Do pó que em sepulchros jaz.

Viver livre é minha esp'rança
O meu norte, a minha luz
E' imagem que não cança
A mente que m'a produz...
Invejo o nauta nos mares
E o selvagem nos palmares
Sobre si só tendo a Deus...
Amo a vida do deserto
Onde o arabe vagueia incerto
Immerso nos sonhos seus.

Liberdade, liberdade
Irman minha, eis-me a teus pés
Não te quero divindade,
Eu te adoro qual tu és.

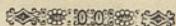
INDICE DO ACHMET.

Pag.

Invocação 1
Cap.—1.º — O Lago do Muro 3
2.º — A dama do corcel fouveiro . . 34
3.º — A lucta das alimarias . . . 72
4.º — A ilha encuberta. 99
5.º — A Torre-do-Moiro 133
6.º — O Castello-do-Amor. 164
7.º — O torneio na Cabeça-aguda . 180
Epilogo. 204

POESIAS.

A pastora perdida 211
O pagem cioso 215
Dom Florisel. . . . , ... 219
Dom Rodrigo, o Trovador. 229
Liberdade. . , ... 238

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO ACHMET.

Pag.	Linh.	Erros.	Emendas.
2	5	pouco sim ah!.. não receis que	pouco sim.. al não receies... que
4	21	colhido em asylo	colhido em seu asylo
12	14	vos perdereis em uma caça	vos perdereis em uma caçada
13	24	rico walido do Maghreb	rico wali do Maghreb
31	11	para dar leis	para ahi dar leis
36	23	animados gritos	animadores gritos
39	16	passando nas frescas	passeando nas frescas
52	1	o meu conto digo	o meu conto. . . conto digo
58	19	jornadas	pernadas
61	24	Assim agitou	Em seguida agitou
63	9	apellidou o maldito	apellidou Maldito
90	1	rasões naturaes	raias naturaes
92	17	que sei como	que não sei como
97	13	substituindo seu alfange	substituindo a sua
98	11	em breve	e em breve
135	6	semblante pobre	semblante nobre
136	5	entre os dentes	e entre os dentes
140	23	promette	prometto
146	16	torre	terra
146	30	Fé á roixa	Té á roixa
150	23	que aqui vivia	que vivia
170	17	tão seguras	tão segura
185	20	lobrigaram	lobrigarão

LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES.

Excellentissimas Senhoras.

D. Anna Benedicta Galvão Cayolla. *Exemplares.* 1.—D. Brites Constança d'Almada Castro e Mendonça. 1.— Anonima. (Lisboa). 1. — Anonima. (Portalegre). 1. — Anonima. (Idem). 1. — D. Izabel Carvajal Vasconcellos Gama. 1. — D. Izabel Francisca d'Almeida Cortes. 1 — D. Jozefina Eçá Leal. 1. — D. Margarida Roixo Larcher. 1.— D. Maria Amalia de Barros. 1.— D. Maria Amalia de Pina Castel-Branco. 1. — D. Maria Izabel Soares Grande. 1. — D. Maria Joanna Nepomuceno Leitão. 1. — D. Maria José de Barros Castello-Branco. 1. — D. Maria Manuel Vidal da Gama Lobo. 1. — D. Maria Umbelina Grande. 1. —

Illustrissimos Senhores.

A. C. Teixeira Aragão. *Exemplares.* 1. — Acacio Manuel Pereira. 1. — Adriano, Dr. (Evora). 1. — Adriano Pequito Seixas d'Andrade, (Dr.). 1. — Agostinho José Baptista. 1. — A. Cezar de Frias. 1. — Anselmo Antonio. 1. — Antonio Bibiano Biscaya e Hortas, (Dr.) 1. — Antonio Carlos de Mattos Azambuja. 1. — Antonio Carvalho dos Santos Costa. 1. — Antonio Filippe Larcher. 1. — Antonio Joaquim Ribeiro e Souza. 1. — Antonio José de Mello. (D.) 1. — Antonio José de Sequeira. 1. — Antonio Manuel Soares Galamba. 1. — Antonio Marcelino C. Bello. 1. — Antonio Maria Cassola. 1. — Antonio Maria Pereira. (Lisboa). 20. — Antonio Maria Rodrigues dos Santos.

(Dr.) 1. — Antonio Maria Victorino. 1. — Antonio de Mattos. (Padre). 1. — Antonio Maximo Rodrigues d'Oliveira. 1. — Antonio de Mello Lacerda. 1. — Antonio Miguel Ribeiro de Carvalho. 1 — Antonio Pedro Mousinho Leotte. (Dr.) 1. — Antonio da Rosa Gama Lobo. 1. — Antonio Sardinha d'Andrade. 1. — Antonio Teixeira Felix da Costa. 1. — Antonio Vaz Barbas. (Padre). 1. — Augusto Luiz Bertholdo. 1. —

Balthazar Rodrigues Sueiro. 1. — Bento José Godinho. 1. —

Casimiro d'Almeida Martins. 1. —

Daniel Filippe dos Santos. 1. — Diogo da Fonseca Coutinho. 1. — Diogo Martins Azinhaes. 1. — Domingos Ferreira Araujo e Souza. 2. — Domingos Gonçalves Chaves. 1. —

Emilio Larcher. 1. — Epifanio Lopes da Matta. 1. — Estevão Antonio de Brito. 1. — Estevão Martins Borba. 1. — Estevão Mendes Freire. 1. —

Fernando d'Almeida e Bastos. 1. — Filippe Gonçalves Dias. 1. — Filippe de Miranda Mexia Cayolla. 1. — Francisco d'Assis Barreiros. (Padre). 1. — Francisco d'Assis Salles Caldeira. (Dr.) 1. — Francisco Antonio d'Aguiar. 1. — Francisco Henriques d'Aguiar. 1. — Francisco Holbech. 1. — Francisco José Castello. 1. — Francisco José Ferreira Dias. 1. — Francisco José Maria da Ponte. 1. — Francisco de Macedo Torres Reidono. 1. — Francisco de Paula Sequeira Junior. 1. — Francisco Pereira Claro. 1. — Francisco da Silva Lobão Rasquilha. 1. — Francisco Simões de Carvalho. 1. — Frederico Guilherme Affonso Videira. 1. —

Gaspar da Encarnação. (Tenente de Cavallaria). 1. — Gilberto Antonio Rolla. 1. — Gregorio Ignacio Cid. 1. —

Hugo Owen Junior. 1. —

Ignacio Casimiro Mourato. 1. — Ildefonso Justiniano Firme 1. —

Januario Teixeira Duarte. 1. — João Anastacio Dias Grande. 1. — João Antonio d'Andrade. 1. — João Antonio Ponce. 1. — João Antonio Velez Teixeira. João Baptista Alves. 1. — João Carlos Gamboa Mello Minas. 1. — João Chrisostomo Valejo Espada. 2. — João da Costa e Oliveira. 1. — João Diogo Rosa Apparicio Feio. 1. — João Duarte Salabessa. 1. — João da Fonseca Coutinho. 1. — João Francisco Dias. 1. — João Francisco Sertan. 1. — J. H. de Brito Paracha. 1. — João José Escoto. 1. — João José da Fonseca Frausto. 1. — João Lino da Costa Couceiro. 1. — João Luiz da Silva Leotte. 1. — J. M. Correia. 1. — João Manuel d'Oliveira. 1. — João Maria de Paiva. 1. — João Martins Rosado. 1. — João Olimpio do Carmo Queiroz. 1. — João Paulo Cordeiro. 1. — João Pereira Latta. 1. — João Pereira Nepumeceno. 1. — João Porfirio da Silva Leitão. 1. — João Rebello Leão. 1. — João Rosendo dos Santos. 1. — João Sandalio Bento. (Padre). 1. — João Sepulveda Teixeira. 1. — Joaquim Avelino de Faria. 1. — Joaquim Augusto Cardoso. 1. — Joaquim Augusto Quintino de Sá Camello. 1. — Joaquim Guilherme de Sousa Jortão. (Dr.) 1. — Joaquim Ignacio Baptista. 1. — Joaquim Ignacio Nunes. 1. — Joaquim José Caldeira. 1. — Joaquim José Coelho. 1. — Joaquim José da Encarnação Delgado. 1. — Joaquim José Gião. 1. — Joaquim José da Matta. 1. — Joaquim José de Soure Ramalho. — Joaquim Mendes. 1.

— Joaquim Lopes Carreira de Mello. 1. — Joaquim de Moura Rosa. 1. — Joaquim Murteira. 1. — Joaquim Paulo do Carmo. 1. — Joaquim Pedro da Silva. 1. — Joaquim Procopio Canhão. 1. — Joaquim Thomaz. (Tenente de Infanteria 17). — Joaquim Travassos Valdez. 1. — José Alvares de Lima Leitão. 1. — José Antonio Azedo. 1. — José Antonio Soares de Castro. 1. — José Augusto de Miranda Cayolla. 1. — José Candido de Sant'Anna. 1. — José Celestino de Lemos Napoles. 1. — José Diniz da Graça. (Dr.) 1. — José das Dores. 1. — José Francisco Lopes. 1. — José Francisco Nogueira. 1. — José Gomes. (Veterinario de Cavallaria 3). 1. — José Heliodoro da Fonseca Rosado. 1. — José Ignacio de Torres Macedo Reidono. 1. — José Joaquim Cardozo Junior. 1. — José Joaquim Panasco. 1. — José Lopes Nogueira. (Padre). 1. — José Lopes Serpa. (Padre). 1. — José Maldonado d'Eça. 1. — José Maria d'Almeida. (Capitão de Infanteria 12). 1. — José Maria Coelho Falcão. 6. — José Maria Diniz Sampaio. 1. — José Maria Madeira. (Portalegre). 40. — José Maria de Mattos. 1. — José Maria Queiroz. (Torres Novas). 16. — José Maria Roixo Larcher. 1. — José Maria Roldão. 1. — José Maria da Silva Leal. 1. — José Maria Vianna. 1. — José de Mello Lacerda. 1. — José N. da Cunha Rivara. (Dr.) 1. — José Narcizo de Souza e Silva. 1. — José Nunes da Matta. 1. — José Pinto Frausto. 1. — José Ricardo Valdez. 1. — José Rodrigues Monteiro. 1. — José Vaz Touro. 1. — José Velez Caroço Junior. 1. — José Vicente d'Almeida. 1. — José Vicente Coelho. (Padre). 1. — José Victorino Machado. 1. —

Leandro Pinto Frausto. 1. — Lino José Daniel de Carvalho. 1. — Lima & Silvas. (Lisboa). 2. — Lourenço Caetano Mexia Galvão Cayolla. 1. — Luiz d'Almeida.

(Dr.) 1. — Luiz Gonzaga da Gama Lobo. 1. — Luiz José da Rosa Limpo. 1. — Luiz Manuel da Fonseca. 1. — Luiz Mendes Seabra da Fonseca Mexia. 1. — Luiz de Sousa Oliveira da Gama. 1. —

M. Antonio da C. Fragoso. 1. — Manuel Antonio de Mattos. 1. — Manuel Antonio Ramos. 1. — Manuel Bessa. (Padre). 1. — Manuel Caetano Candeias. 1. — Manuel Caldeira Mexia Cayolla. 1. — Manuel Caldeira Cayolla Junior. 1. — Manuel Candeias. 1. — Manuel Fernandes Conde. 1. — Manuel da Gama Lobo. 1. — Manuel Germano Guerreiro Ayres. 1. — Manuel Joaquim da Costa. 1. — Manuel Jeronymo Mucinha, e seus Cunhados. 5. — Manuel José Baptista. 1. — Manuel Loureiro de Mesquita. 1. — Manuel Maria d'Abreu. 1. — Manuel Pedro Pereira. 1. — Manuel Quintino de Sá Camello. 1. — Manuel Romero. 2. — Manuel do Rosario Boquete. 1. — Manuel Vicente d'Almeida. 1. — Marcello. (Arsenal do Exercito). 3. — Martinho d'Almeida. (D.) 25. — Miguel d'Albuquerque Caldeira Castello-Branco. 2. — Miguel Celestino Carrilho. 1. — Miguel Miranda. (Ajudante de Infanteria 7). — Monteiro. (Alferes de Infanteria 4). 1 —

Pedro Antonio Nogueira de Lemos. 1. — Pedro Fernandes Latta. (Padre). 1. — Pedro Moscoso. (D). 1. — Pedro Paulo. (Evora). 1. — Pedro de Sousa Garcia. 1. — Prior de Degolados. 1. —

Ramiro Larcher. 1. — Rodrigo de Figueiredo Pereira Botelho. 2. —

Soisa. (Dr. Administrador do Concelho d'Arronches). 1. —

Taborda. (Tenente Coronel de Cavallaria 5). 1. —

Thomaz d'Almeida. (D.) 1. — Thomaz Antonio Barata. 1. — Thomaz d'Aquino Nogueira. 1. —

Vasco Antonio Assado. 1. — Victorino Antonio dos Santos. 1. — Viuva Freitas & C.ª 5. —

Wenceslau Rodrigues d'Oliveira. 1. —

ADVERTENCIA.

O Editor do Achmet e poesias appensas, pede desculpa áquelles dos Snrs. Assignantes, cujos nomes não apparecem na lista geral. A ommissão não é culpa sua. Ha alguns prospectos que ainda lhe não foram devolvidos, e outros trazem sómente o numero total das assignaturas.